SONHOS & VISÕES

Edgar Cayce

Tradução: Amadeu Duarte

UMA PERSPECTIVA GERAL DE EDGAR CAYCE SOBRE SONHOS E VISÕES

Talvez a afirmação mais impressionante feita nas leituras de Cayce seja a sua insistente declaração de que qualquer pessoa pode fazer o que ele fez — e que o melhor ponto de partida é pelos próprios sonhos. Baseando-se no seu trabalho próximo com Edgar Cayce, Harman Bro, no seu livro *Edgar Cayce on Dreams*, afirma: "A afirmação de que qualquer pessoa poderia fazer, em certa medida, o que Edgar Cayce fez, poderá ter sido a mais ousada que alguma vez fez. Mas não deixou a afirmação no ar. [Cayce] deu às pessoas um laboratório onde podiam investigar a afirmação por si próprias." Ele incentivava-as a recordar e a estudar os seus sonhos. Nos sonhos, dizia, as pessoas podiam experimentar por si próprias todos os tipos importantes de fenómenos psíquicos e todos os níveis de aconselhamento psicológico e religioso útil. Mais ainda, podiam, através dos sonhos, aprender as leis desses fenómenos e passar por um processo espontâneo e personalizado de treino onírico no uso dessas leis — desde que, na vida desperta, aplicassem de forma construtiva tudo o que tivessem aprendido nos sonhos.

Era convicção de Cayce que todos os conhecimentos e informações que surgiam nas suas leituras de sonhos, temas, saúde e vida, incluindo informação proveniente de vidas passadas e de fontes extrassensoriais, podiam ser investigadas nos sonhos de cada pessoa — se o sonhador o necessitasse e tivesse capacidade para compreender. Pelo menos, o sonhador que procurasse obter essa orientação encontraria direção sobre onde obter ajuda, quando e porquê, tanto a nível pessoal como para os seus entes queridos. Cayce via a consciência como composta por múltiplos níveis. O primeiro é o nível da consciência da vida quotidiana. Depois, surge o nível do subconsciente, ou o que Cayce denominava por "forças subconscientes".

Segundo Elsie Sechrist, no seu livro *Dreams: Your Magic Mirror*, "[O dom psíquico de Cayce] permitia-lhe induzir em si próprio um estado de transe ou sono profundo que aquietava a sua mente consciente e lhe dava acesso ao que Jung designa por 'inconsciente coletivo' — a sabedoria universal da humanidade na sua fonte subconsciente. [...] [Cayce] via o inconsciente coletivo ou subconsciente universal como um vasto rio de pensamento a fluir pela eternidade, alimentado pela soma total da atividade mental humana desde os seus primórdios. Defendia que este rio era acessível a qualquer indivíduo disposto a desenvolver as suas faculdades psíquicas ou espirituais com suficiente paciência e esforço."

Como Bro descreve, "O subconsciente do sonhador — as suas estruturas ocultas, hábitos, mecanismos de controlo, complexos, fórmulas — utiliza as imagens de memória e figuras de estilo próprias do sonhador para atingir os seus objetivos." Aqui, ao nível do subconsciente, o sonhador pode aceder com facilidade a quaisquer capacidades de perceção extrassensorial que possua, seja como talento natural ou arte desenvolvida, para orientar-se em assuntos práticos e recuperar soluções vindas do passado, do íntimo ou do distante.

Na visão de Cayce, existe uma fonte ainda mais profunda de auxílio. Chamava-lhe o supraconsciente, que descrevia como um nível superior do subconsciente. Segundo Cayce, existem sonhos que ativam certas estruturas de grande importância para o sonhador. Nestes sonhos, o sonhador contacta o seu eu superior — ou até pode alcançar algo para além de si próprio, que Cayce denominava por "as Forças Criativas, ou Deus." Para Cayce, o supraconsciente é a parte da mente que conserva a memória da presença de Deus e constitui a ligação do homem à sua consciência espiritual original. Estas forças podem proporcionar ao sonhador orientação e informação sem limites.

Como afirma Bro, "São [...] as correntes criativas do próprio divino, a moverem-se nos assuntos humanos como uma grande Corrente do Golfo invisível. Nos sonhos, pode-se ir muito além das próprias faculdades e sintonizar com essas Forças Universais, através da própria supraconsciência." Cayce tratava o conteúdo desses sonhos com grande respeito. Via o supraconsciente como a porção da mente que retinha a memória da presença de Deus e servia como elo com a consciência espiritual original do ser humano.

Antes da sua morte, em 1945, setenta e sete pessoas receberam interpretações de sonhos feitas por Edgar Cayce. No total, ele interpretou 1650 sonhos em quase setecentas leituras. A maioria destas leituras foi realizada para quatro indivíduos com quem trabalhou de forma contínua durante muitos anos. O objetivo de focar-se nesses indivíduos era criar aquilo que Cayce chamava de "sonhadores treinados." O seu desejo era ajudá-los a desenvolver competências para interpretar e guiar os seus sonhos — e assim usá-los para orientar a vida quotidiana e crescer espiritualmente. O maior desafio de Cayce ao formar esses sonhadores era levá-los a confiar em si próprios, tanto acordados como a dormir. Bro, que trabalhou diretamente com Cayce durante quase um ano, observa: "Ele não procurava pequenos Cayces. Queria pessoas capazes, autónomas, a usarem os talentos com que foram dotadas, e a aprenderem novas leis a aplicar."

Cayce incentivava os seus sonhadores a irem além do estudo dos sonhos e da dependência de médiuns ou espiritualistas para interpretações ou respostas. Ensinava-os a interpretar e usar os seus próprios sonhos como ferramenta para lidar com os problemas do quotidiano. Com o trabalho regular sobre os seus sonhos, impulsionava-os a expandir os seus dons psíquicos, intelectuais, financeiros, de liderança, artísticos e curativos. Encorajava-os a aceder, através dos sonhos, à sabedoria e orientação das Forças Universais. "Depois dos primeiros," diz Bro, "Cayce nunca mais treinou sonhadores como tal. Em vez disso, treinou pessoas numa peregrinação espiritual explícita — uma que incluía os sonhos, mas que colocava ainda maior ênfase na meditação, na oração e no serviço diário aos outros. Além disso, formava grupos, nos quais as pessoas podiam ajudar-se mutuamente diariamente no estudo, no amor, na intercessão mútua — de formas que os seus principais sonhadores raramente conheceram."

É graças ao seu trabalho intensivo com esses poucos indivíduos que podemos hoje discernir os padrões de leis e princípios que regem os sonhos e o nosso trabalho com eles. Através da experiência destes quatro indivíduos, podemos observar como cresce a

capacidade de trabalhar com sonhos, testemunhar os desafios que surgem e perceber os métodos mais eficazes para os superar.

Cayce acreditava que todos os aspetos da natureza humana se revelam nos sonhos com o propósito de nos conduzir a realizações mais elevadas e equilibradas nas nossas vidas físicas, mentais e espirituais. Segundo Cayce, todas as noites entramos em contacto com forças espirituais e psíquicas através dos nossos sonhos. Por isso, os sonhos têm dois propósitos principais: resolver os problemas da vida consciente do sonhador e despertar o sonhador para a sua plena realização como ser humano, ativando nele novos potenciais que lhe pertencem por direito.

Ao descrever uma grande parte do ato de sonhar como resolução de problemas, Cayce sublinhava o que chamava de "sonho de incubação". Este é o tipo de sonho que apresenta uma solução inesperada para um problema em que o sonhador tem estado a trabalhar, ou desperta um estado de consciência no qual a solução necessária surge facilmente. Cayce descrevia o restante conteúdo significativo dos sonhos como um impulso para o sonhador desenvolver os seus próprios potenciais humanos. Insistia constantemente que os sonhos são sinais para o sonhador de que chegou o momento de assumir novas responsabilidades, amadurecer os seus valores ou expandir o seu pensamento. Esses sonhos não estão apenas a resolver problemas práticos — estão a ajudar o sonhador a evoluir.

De acordo com Bro, "[Cayce] descrevia ciclos inteiros de sonhos dedicados ao desenvolvimento de uma nova qualidade no sonhador: paciência, equilíbrio, virilidade, altruísmo, sentido de humor, capacidade de reflexão, piedade. Alguns destes sonhos de auto-reconstrução eram vistos por ele como o esforço da própria personalidade do sonhador para se reorganizar. [...] Outros, Cayce via-os como manifestações espontâneas e saudáveis, que ocorrem quando é chegada a hora de um novo episódio de crescimento na vida do sonhador."

As leituras de Cayce são claras ao afirmar que qualquer pessoa que registe os seus sonhos com persistência e numa atitude de oração pode, com o tempo, restaurar completamente a sua faculdade de sonhar. Como descreve Bro, "Aqueles que Cayce orientou não tiveram grande dificuldade em aprender a recordar os sonhos, desde que se dispusessem a isso. Precisavam de estar preparados para confrontar o que viesse nos sonhos e agir em conformidade. [...] Ele era rigoroso com vários sonhadores: para recordar os seus sonhos, deviam registá-los — e reler frequentemente esses registos. [...] Finalmente, considerava essencial que os sonhadores agissem com base nos sonhos que recordavam. O simples ato de acrescentar consciência à atividade subconsciente que produz o sonho ativa correntes [...] correntes úteis que facilitam a recordação dos sonhos seguintes e, eventualmente, ajudam na interpretação de todos os sonhos. [...] Cada um destes passos fortalece a memória dos sonhos. E também a profundidade e clareza dos mesmos, pois contribuem para a edificação do próprio sonhador."

As quatro grandes categorias de sonhos

Como auxílio à interpretação dos sonhos, Cayce descreveu quatro grandes categorias, ou tipos, de sonhos. Por vezes, identificar o tipo de sonho acabado de experienciar ajuda o sonhador a começar a interpretar o seu propósito e significado. Embora Cayce fosse claro ao afirmar que alguns sonhos são apenas disparates ou pesadelos — resultado do corpo a tentar lidar com alimentos problemáticos ou outros distúrbios biológicos —, afirmou que os nossos sonhos significativos inserem-se nestas categorias:

Físicos: sonhos que fornecem informações úteis sobre os nossos corpos e saúde, por meio de símbolos que podem indicar uma dieta inadequada, um tipo de exercício necessário, a antevisão de doenças, entre outros. Estes sonhos podem até conter sugestões específicas de tratamento.

De autorevelação: sonhos que oferecem autoconhecimento e perceções sobre problemas, objetivos, desejos, planos, decisões, relações, traços de carácter, entre outros.

Psíquicos: sonhos que se manifestam através das janelas da telepatia, clarividência e precognição, oferecendo informação e compreensão que não são acessíveis à nossa consciência tridimensional comum.

Espirituais: sonhos originados do eu superior do sonhador, fluindo da mente supraconsciente e das Forças Universais. Cayce referia-se frequentemente a estes sonhos como "visões".

Estas quatro categorias de sonhos cumprem duas funções principais: resolver problemas e contribuir para o crescimento espiritual.

Interpretar o sonhador, não o sonho

O melhor intérprete de um sonho é o próprio sonhador, uma vez que os símbolos lhe são pessoais. Interpretar sonhos, como Cayce descreveu o processo, não é simplesmente consultar um livro de significados e aplicar o que se encontra. Em vez disso, interpreta-se o sonhador, não o sonho. "Estuda-te a ti mesmo; estuda-te a ti mesmo" foi o primeiro conselho de Cayce para quem queria aprender a interpretar sonhos. Como refere Bro, "Se se compreender o sonhador dentro do sonho, pode-se dar o primeiro passo essencial na interpretação: determinar qual das duas funções principais dos sonhos está em primeiro plano num sonho em particular — (a) resolução de problemas e adaptação à realidade exterior, ou (b) despertar e alertar o sonhador para algum novo potencial dentro de si."

Estudar e interpretar sonhos não é suficiente. É fundamental aplicar os sonhos na vida quotidiana. Cayce apelava à "aplicação" e incluía uma secção sobre aplicação em todas as leituras de sonho. Embora o estudo fosse uma forma de aplicação, Cayce tinha algo mais concreto em mente. O sonhador devia pôr em prática os conhecimentos, pistas e ideias recebidos em sonho, experimentando a orientação através da ação. Repetidamente, aconselhava os seus sonhadores: *Faz, faz, faz.*

Os padrões legais dos sonhos

Bro observa que as mesmas leis ou princípios naturais que regiam as leituras de Cayce parecem também reger os sonhos dos sonhadores. Embora estas leis raramente fossem declaradas explicitamente nas leituras, é possível vislumbrá-las como padrões subjacentes no corpo das leituras como um todo. Bro apresenta um esboço fascinante do que chamava de "padrões legais do sonho". De particular interesse, destacam-se os seguintes:

• "[Cayce] precisava de ser orientado até ao seu objetivo através de sugestões hipnóticas. Para leituras médicas, precisava da morada da pessoa que procurava ajuda. Para leituras psicológicas, precisava da data de nascimento. Para leituras temáticas ou sobre recursos ocultos, tinha de ser informado tanto sobre o que se procurava como sobre os nomes e localização dos que procuravam. Muitas vezes, aqueles que pediam um tipo de leitura solicitavam, no período de perguntas, orientação de outro tipo. Quando Cayce estava particularmente sintonizado ou envolvido com a pessoa que procurava ajuda, podiam receber informação médica numa leitura de negócios, ou conselhos para um ente querido numa leitura de sonho. Mas com mais frequência, a resposta era: 'Não temos essa informação', sendo aconselhados a procurar outro tipo de leitura."

• "Cayce explicava aos seus sonhadores que o foco dos seus sonhos tinha limites semelhantes. Ensinava-os a fixar na mente, através de estudo, concentração e ação, aquilo sobre o qual desejavam orientação nos sonhos. [...] Os sonhos são limitados pelo foco consciente do sonhador."

• "As leituras de Cayce eram limitadas à informação e orientação que o indivíduo podia usar de forma construtiva; o mesmo acontecia com os sonhos, segundo Cayce. [...] [Embora a informação disponível através do subconsciente e de outras fontes seja ilimitada], a psique [protege] o seu equilíbrio fornecendo ao sonhador apenas material limitado. Opera segundo leis de autoregulação."

• "A saúde de Cayce afectava as suas leituras. Quando estava doente, não podia realizá-las. [...] O seu estado de espírito também afetava as leituras. Quando se sentia perturbado ou defensivo com os que o rodeavam, cometia alguns dos poucos erros claros numa vida inteira de leituras: uma vez em leituras sobre poços de petróleo e outra sobre pacientes do seu hospital. Nenhuma dessas ocasiões resultou numa falha completa, mas as distorções, como as leituras posteriores demonstraram, foram perigosas. [...] As suas melhores leituras surgiam quando se sentia animado, descontraído, bem-disposto, seguro. No entanto, também realizava leituras excecionais em momentos de grande sofrimento — como quando foi preso por duas vezes por fazer leituras, ou quando a sua universidade colapsou."

"Também os sonhos, dizia ele, são condicionados subjetivamente. Encorajava os seus sonhadores a sair, brincar, tirar férias, equilibrar o raciocínio com humor, brincar, rir, conviver com crianças. Mas também os incentivava a observar a profundidade dos sonhos nas pessoas confrontadas com perda por morte, falência, divórcio ou decisões vocacionais difíceis — experiências que podiam evocar sonhos de tal profundidade e poder que se tornavam 'visões'."

• "As leituras de Cayce eram afetadas pelo que os seus próprios relatos em transe chamavam de 'espiritualidade relativa'. Quando se deixava levar pela ambição de caças ao tesouro ou pela tentação da fama, era alertado para o facto de que a qualidade das suas leituras diminuía. Por outro lado, quando era regular nos momentos de oração, leitura da Bíblia, ou nas suas calmas sessões de pesca, era recordado de que as leituras ganhavam em qualidade — e até desenvolvia novos tipos de dons ou capacidades, tanto nas leituras (por exemplo, produzindo uma série inteira sobre um novo tema) como no estado desperto (ajudando doentes através da oração)."

"Factores semelhantes, diziam as leituras, afetavam a qualidade dos sonhos. Quando os sonhadores se deixavam levar por dinheiro, fama ou poder, os sonhos abordavam essas mesmas questões — e depois começavam a perder clareza e utilidade. Quando estavam firmes na fé, na oração e no desejo de servir os outros, podiam encontrar novos horizontes nos seus sonhos — oferecendo-lhes vislumbres do futuro, do passado ou do transcendente."

• Muitas vezes, a fonte das leituras de Cayce observava que as atitudes de quem procurava orientação afetavam o que recebiam. Aqueles que procuravam novidade, exploração dos outros, um garante divino para a sua vida, justificação dos próprios erros, ou qualquer coisa que não fosse ajuda genuína e crescimento, recebiam respostas secas, vagas ou sermões inesperados sobre os seus motivos. Aqueles que não agiam segundo os conselhos recebidos podiam ver futuras orientações serem breves ou mesmo ausentes. "A credulidade era tão rejeitada como o cinismo; a adulação a Cayce não era mais eficaz do que a crítica ou a inveja. 'O verdadeiro milagre,' dizia uma leitura, 'acontece no que busca.'"

"Factores semelhantes, dizia ele, regem o grau em que os sonhadores produzem sonhos úteis para os que os rodeiam. Muitas vezes, um sonhador obtém factos que estão vedados a um ente querido, por estar mais distanciado emocionalmente do problema. Também, com frequência, a telepatia inconsciente de um irmão, irmã ou filho mostrava ao sonhador como alcançar o mau humor do outro, o hábito do álcool, o coração desesperado ou o orgulho excessivo."

Melhorar a utilidade dos sonhos

Para fortalecer a recordação dos sonhos e aumentar a sua utilidade, Cayce sublinhava o valor da contemplação diária de uma afirmação e a prática regular do silêncio profundo da meditação. Acreditava que a pessoa espiritualmente orientada, cuja intuição é disciplinada a um alto nível, consegue interpretar os sonhos com mais exatidão do que quem depende apenas da razão. Mas a nota que se repetia como um fio prateado nas leituras de sonhos de Cayce, sempre que explicava como melhorar a arte de sonhar e de interpretar, era uma que surgia igualmente nas suas leituras de vida e saúde: o serviço.

Para alguns sonhadores, servir através do sonho significava literalmente sonhar por outros e oferecer-lhes ajuda e aconselhamento, partilha Bro. Mas esses sonhadores eram poucos entre os que consultavam Cayce. Outros eram incentivados a desenhar ou a escrever histórias baseadas nos seus sonhos. Ou a partilhar dicas de ações obtidas nos seus sonhos.

Ou a aprender, a partir dos seus sonhos, as leis do desenvolvimento humano e a ensinar essas leis a turmas de adultos interessados. Ou a ensinar outros a sonhar. Ou a rezar por aqueles que lhes apareciam nos sonhos. Cada um tinha dons diferentes...

Primeiro, o sonhador deve mudar e crescer. Depois, deve encontrar uma forma de partilhar o seu crescimento através de um serviço discreto àqueles que lhe são mais próximos no quotidiano. Só então poderá ter sonhos que, ocasionalmente, ajudem os líderes da sua profissão, da sua classe social, da sua escola artística ou do seu movimento de reforma — ajudando-os através da sua própria ajuda. É uma lei sublinhada pelo fracasso dos primeiros sonhadores que Cayce treinou, para sustentar o elevado potencial que ele via neles e que eles, por vezes, realizavam tanto nos seus sonhos como nas suas vidas.

Afastaram-se uns dos outros nas suas famílias. Este foi um golpe que a psique em tensão não conseguiu suportar, dizia Cayce, enquanto tentava alcançar as alturas do sonho. Com os sonhadores seguintes, ele colocou a primeira ênfase não na habilidade de sonhar, mas em amar e produzir. Havia amor e produção na família, havia amor e produção no trabalho diário, havia amor e produção na comunhão daqueles que se reuniam para estudar e rezar. Só este caminho — só o caminho de dar, dar, dar — manteria o fluxo dos sonhos limpo e cada vez mais forte.

Padrões legais na interpretação dos sonhos

Bro destaca que, tal como existiam o que ele chamava de "processos legais" que regiam cada leitura dada por Cayce e cada sonho de cada sonhador, também existem processos legais para interpretar sonhos. De especial utilidade são os seguintes:

• Quando Cayce analisava um sonho numa leitura típica, começava por distinguir quais os níveis da psique que haviam produzido aquele sonho específico. O sonhador também pode ser ensinado, pelos seus próprios sonhos, dizia ele, a reconhecer os vários níveis que operam dentro de si para produzir cada sonho. Quando uma voz fala num sonho, uma aura de sentimentos e pensamentos revelará se a voz é o seu melhor eu ou apenas a sua imaginação. Quando uma cena do dia passa pela sua mente durante o sono, nuances indicarão se a cena representa apenas preocupações do dia ou um prólogo para comentários úteis do subconsciente.

Quando surgem conteúdos estranhos e escandalosos, o seu próprio subconsciente ensinar-lhe-á a distinguir entre uma simples caricatura dos seus comportamentos extremos e um desafio radical ao seu ser. Os sonhadores devem, frequentemente, perguntar num sonho, ou imediatamente após, que parte da sua mentalidade esteve ativa no sonho, e porquê. Alguns dos sonhadores de Cayce ficaram espantados com o diálogo interior que conseguiam acompanhar. Outros ficaram encantados por sentirem que conseguiam distinguir a sua própria voz interior da contribuição de desencarnados nos sonhos.

Na visão de Cayce, os sonhos frequentemente carregam significados importantes em vários níveis ao mesmo tempo e devem ser interpretados como tal.

Parte da arte de interpretar sonhos, segundo Cayce, reside... em reconhecer símbolos com significado relativamente universal. Ele sublinhava o significado puramente pessoal de muitos conteúdos oníricos, desde peças de roupa a cenas de guerra. Mas também desafiava os sonhadores a ver, em certos sonhos poéticos e evocativos, a presença de símbolos com ampla circulação no mito e na arte. Fogo significa frequentemente raiva. Luz representa frequentemente discernimento e ajuda divina, tal como o movimento ascendente. Uma criança representa frequentemente começos promissores que requerem mais apoio do sonhador. Um cavalo e cavaleiro simbolizam frequentemente uma mensagem de níveis superiores de consciência. Objetos pontiagudos inseridos em aberturas podem ser símbolos sexuais — embora uma chave numa fechadura represente, mais tipicamente, algo a ser desbloqueado no sonhador.

Um aspeto da interpretação de sonhos por Cayce era mais difícil de replicar pelos sonhadores: as vezes em que ele previa os seus sonhos — até a noite e hora. No estranho e errante mundo dos sonhos, esta capacidade parecia inacreditável, mesmo considerando o poder da sua sugestão sobre o inconsciente do sonhador. Mas ele dizia que o conseguia porque via factores na psique do sonhador que tornavam os sonhos inevitáveis, tal como alguém num prédio alto pode prever a colisão de carros em ruas diferentes lá em baixo. Acrescentava que os sonhadores também aprenderiam a reconhecer quando certos sonhos sinalizavam um novo tema ou série e a prever por si próprios como mais sonhos se seguiriam — como os seus sonhadores fizeram, em menor grau.

Na visão de Cayce, determinar o propósito de um sonho é um passo fundamental na sua interpretação. Explicava que a psique ou ser total tenta fornecer ao sonhador aquilo de que mais precisa. Se o sonhador precisa de discernimento e compreensão, oferece-lhe lições e até discursos. Se precisa de ser sacudido, oferece-lhe experiências — belas ou horríveis. Se precisa de informação, recupera os factos para ele. Os sonhos fazem parte de um programa de autoregulação, aperfeiçoamento e treinamento pessoal, sobre o qual a alma do sonhador preside sempre. Um passo importante na interpretação de um sonho, então, é especificar o que ele veio realizar — algo que o sonhador, segundo Cayce, pode aprender a reconhecer. Uma ação referida por um conhecido num sonho era um empurrão para prestar atenção e investigar. Mas uma ação vista em pormenor, com números reais ou descrita com instruções por uma voz especial no sonho, era um sinal de que o sonhador devia agir, e não apenas estudar.

Parte do treino de Cayce levava os sonhadores a acordar após um sonho vívido, revê-lo mentalmente para se lembrar dele mais tarde, e depois voltar a adormecer com a intenção de ter o sonho interpretado — o que, não raramente, acontecia, seja através de mais episódios, de passagens como ensaios ou da voz de um intérprete ou "entrevistador", como um sonhador lhe chamou.

Passos simples para a interpretação de sonhos

Kevin Todeschi, no seu livro *Dream Images and Symbols*, oferece este conselho para desenvolver a habilidade de interpretar sonhos:

Passo Um: Escreve o teu sonho imediatamente ao acordar... Mesmo que só tenhas a sensação de uma boa noite de sono, escreve-a. Mostra à mente subconsciente que estás a levar isto a sério.

Passo Dois: Percebe que o sentimento que tiveste em relação ao sonho é tão importante como qualquer possível interpretação. Qual é a tua resposta emocional ao sonho, às outras personagens ou à ação que decorre? Regista as ações, sentimentos, emoções e conversas de cada personagem do teu sonho também.

Passo Três: Lembra-te de que cada personagem num sonho representa, geralmente, uma parte de ti próprio. Outras pessoas podem refletir aspetos da tua personalidade, desejos e medos. Mesmo que a personagem no sonho seja uma pessoa real que conheces, geralmente representa um aspeto teu em relação a essa pessoa.

Passo Quatro: Presta atenção a símbolos, personagens e emoções recorrentes nos teus sonhos e começa um dicionário pessoal de sonhos. Escreve esses símbolos e o que significam para ti. À medida que observas o que se passa na tua vida e depois analisas um sonho específico, vais começar a perceber o significado dos símbolos para ti — especialmente se o símbolo voltar a aparecer noutros sonhos. Se o símbolo tivesse uma voz, o que diria?

O símbolo não significará necessariamente o mesmo para outra pessoa. A afirmação mais marcante feita nas leituras de Cayce é a sua repetida afirmação de que qualquer pessoa pode fazer o que ele fazia — e podemos começar pelos nossos próprios sonhos.

Baseando-se no seu trabalho íntimo com Edgar Cayce, Harman Bro, no seu livro *Edgar Cayce on Dreams*, afirma: "A afirmação de que qualquer pessoa poderia fazer, em certa medida, o que Edgar Cayce fazia, pode muito bem ter sido a afirmação mais ousada que ele alguma vez fez. Mas ele não deixou essa afirmação no ar — Cayce deu às pessoas um laboratório onde podiam investigar essa afirmação por si próprias. Encorajava-as a recordar e estudar os seus sonhos. Nos sonhos, dizia ele, as pessoas podiam experienciar por si mesmas todos os tipos importantes de fenómenos psíquicos, e todos os níveis de aconselhamento psicológico e religioso útil. Além disso, podiam, através dos sonhos, aprender as leis dessas coisas e passar por um programa de treino onírico espontâneo e personalizado na aplicação dessas leis — desde que, na sua vida desperta, aplicassem de forma construtiva tudo o que aprendessem nos sonhos."

Era convicção de Cayce que todos os discernimentos e informações que surgiam nas suas leituras — sobre sonhos, temas específicos, questões médicas e de vida — incluindo dados provenientes de vidas passadas e de fontes extrassensoriais, podiam ser investigados nos sonhos do próprio indivíduo, se este necessitasse dessa informação e tivesse capacidade para a compreender. No mínimo, o sonhador que a procurasse encontraria orientação sobre onde obter ajuda, quando e porquê — tanto para si como para os seus entes queridos.

Cayce via a consciência como sendo composta por múltiplos níveis. Em primeiro lugar, está o nível de consciência que experimentamos na vida quotidiana. Depois vem o nível do

subconsciente, ou, como Cayce lhe chamava, as "forças subconscientes". Segundo Elsie Sechrist, no seu livro *Dreams: Your Magic Mirror*, "[O dom psíquico de Cayce] permitia-lhe induzir em si próprio um estado de transe ou sono profundo que silenciava a sua mente consciente e lhe dava acesso ao que Jung chama de 'inconsciente coletivo' — a sabedoria universal do ser humano na sua origem subconsciente." Cayce via o subconsciente coletivo ou universal como um vasto rio de pensamento que flui pela eternidade, alimentado pelo somatório da atividade mental da humanidade desde o seu início. Acreditava que esse rio era acessível a qualquer indivíduo disposto a desenvolver as suas faculdades psíquicas ou espirituais com paciência e empenho.

Como Bro descreve, "O subconsciente do sonhador — as suas estruturas ocultas, hábitos, controlos, mecanismos, complexos, fórmulas — utiliza as imagens de memória e figuras de estilo próprias do sonhador para concretizar as coisas." Aqui, ao nível do subconsciente, o sonhador pode facilmente recorrer a qualquer capacidade de percepção extrassensorial que possua, seja ela um talento natural ou uma arte desenvolvida, para orientar-se em assuntos práticos e recuperar soluções para problemas distantes, passados ou íntimos.

Na perspetiva de Cayce, existe uma fonte de ajuda ainda mais profunda: o supraconsciente, que descreveu como um nível superior do subconsciente. Segundo ele, há sonhos que podem ativar estruturas de enorme importância para o sonhador. Nestes sonhos, o sonhador contacta com o seu eu superior — ou até pode alcançar algo para além do eu, que Cayce chamava de "as Forças Criadoras, ou Deus". Para Cayce, o supraconsciente é a parte da mente que reteve a memória da presença de Deus e é o elo do ser humano com a sua consciência espiritual original.

Estas forças podem fornecer ao sonhador informação e orientação ilimitadas. Como afirma Bro, "São... as correntes criativas do próprio divino, movendo-se pelos assuntos humanos como uma grande Corrente do Golfo invisível. Em sonhos, pode-se ir muito além das próprias faculdades e sintonizar com estas Forças Universais, através da própria supraconsciência." Cayce tratava o conteúdo destes sonhos com grande reverência.

CRIAÇÃO DE SONHADORES TREINADOS

Antes da sua morte, em 1945, setenta e sete pessoas receberam interpretações de sonhos de Edgar Cayce. No total, interpretou 1650 sonhos em quase setecentas leituras. A maioria dessas leituras foi feita para quatro indivíduos com quem trabalhou de forma próxima durante vários anos.

O objetivo de se concentrar nestes indivíduos era criar aquilo a que Cayce chamava "sonhadores treinados". O seu desejo era ajudá-los a desenvolver as capacidades necessárias para orientar e interpretar os seus próprios sonhos — e, assim, utilizá-los para guiar as suas vidas diárias e crescer espiritualmente.

O maior desafio de Cayce no treino destes sonhadores foi fazê-los confiar em si mesmos, acordados ou a dormir. Bro, que trabalhou diretamente com Cayce durante quase um ano,

observa: “Ele não procurava pequenos Cayces. Queria pessoas capazes, autossuficientes, a usarem os talentos com que nasceram e a aprenderem novas leis a aplicar.”

Cayce encorajava os sonhadores a fazer mais do que apenas estudar sonhos e mais do que depender de médiuns ou espiritualistas para obter interpretações ou respostas. Ensinava-os a interpretar e utilizar os seus próprios sonhos para resolver os problemas da vida quotidiana. Ao trabalhar regularmente com os seus sonhos, instava-os a expandir e aprofundar os seus dons naturais — psíquicos, intelectuais, financeiros, de liderança, artísticos e de cura. Incentivava-os a mergulhar nos sonhos para aceder à sabedoria e orientação das Forças Universais.

“Após os primeiros,” diz Bro, “Cayce nunca mais treinou sonhadores de forma isolada. Em vez disso, treinava pessoas numa peregrinação espiritual explícita — uma que incluía os sonhos, mas colocava ainda mais ênfase na meditação, oração e serviço diário aos outros. Além disso, só treinava em grupos, onde se podiam ajudar diariamente uns aos outros no estudo, no amor, na intercessão mútua — coisas que os seus principais sonhadores, em geral, desconheciam.”

Foi graças ao seu trabalho intensivo com estes poucos indivíduos que hoje conseguimos discernir o padrão de leis e princípios que regem os sonhos e o trabalho com eles. Através das experiências destes quatro, podemos observar como cresce a capacidade de trabalhar com sonhos, testemunhar os desafios vividos e aprender os métodos mais eficazes para os enfrentar.

O PROPÓSITO DOS SONHOS E DE SONHAR

Cayce acreditava que todas as fases da natureza humana se revelam nos sonhos com o propósito explícito de nos orientar para realizações mais elevadas e equilibradas nas nossas vidas física, mental e espiritualmente.

Segundo Cayce, todas as noites temos contacto com forças espirituais e psíquicas através dos sonhos. Por isso, os sonhos procuram alcançar dois objetivos: resolver os problemas da vida consciente do sonhador e despertar no sonhador uma realização plena do seu ser, ativando novos potenciais que lhe pertencem por direito.

Ao descrever uma grande parte do ato de sonhar como resolução de problemas, Cayce destacou um tipo de sonho a que se pode chamar “incubação”. Este é o sonho que apresenta uma solução surpreendente para um problema em que o sonhador tem trabalhado, ou que desperta nele um estado de consciência em que a solução surge espontaneamente.

Cayce descrevia o resto dos sonhos significativos como sendo dedicados a despertar no sonhador os seus próprios potenciais humanos. Repetidamente apontava como os sonhos sinalizam que é hora de assumir novas responsabilidades, desenvolver valores mais maduros ou expandir o pensamento. Estes sonhos, dizia ele, não se limitam a resolver questões práticas — ajudam o sonhador a crescer.

Segundo Bro, "[Cayce] descrevia ciclos inteiros de sonhos dedicados ao desenvolvimento de uma nova qualidade no sonhador: paciência, equilíbrio, coragem, altruísmo, humor, capacidade de reflexão, piedade. Alguns destes sonhos de transformação pessoal surgiam do esforço da própria personalidade do sonhador para se corrigir... Outros, Cayce via como manifestações espontâneas e saudáveis, que ocorriam quando chegava o momento de um novo episódio de crescimento na vida do sonhador."

TODOS SONHAM

E TODOS PODEM LEMBRAR-SE DOS SONHOS

As leituras de Cayce são claras ao afirmar que qualquer pessoa que registe os seus sonhos com persistência e espírito de oração pode, com o tempo, restaurar completamente a sua capacidade de sonhar.

Como descreve Bro, "Aqueles que Cayce orientava não tinham grande dificuldade em aprender a recordar os sonhos, assim que se decidiam a isso. Tinham de estar preparados para enfrentar o que quer que surgisse nos sonhos — e fazer algo com isso... Foi firme com vários sonhadores ao dizer que, para recordar os sonhos, deviam escrevê-los — e rever os registos com frequência..."

Finalmente, Cayce via como essencial, para o processo de recordar sonhos, que os sonhadores agissem com base nos sonhos que recordavam. O simples ato de trazer consciência à atividade subconsciente que produz o sonho põe em movimento correntes úteis para facilitar a recordação dos sonhos seguintes e, eventualmente, para ajudar na interpretação de todos os sonhos. Cada um destes passos fortalece a recordação dos sonhos. E também aprofunda e clarifica os próprios sonhos, pois serve para fortalecer o próprio sonhador.

OS QUATRO GRANDES TIPOS DE SONHOS

Como auxílio à interpretação dos sonhos, Cayce descreveu quatro tipos amplos de sonhos. Identificar o tipo de sonho acabado de ter pode, por vezes, ajudar o sonhador a começar a interpretar o seu propósito e significado. Embora Cayce deixasse claro que alguns sonhos são apenas disparates ou pesadelos — resultantes do corpo a tentar lidar com alimentos problemáticos ou outros desequilíbrios biológicos — ele afirmava que os sonhos significativos se enquadram nestas categorias:

Físicos: sonhos que fornecem informações úteis sobre o corpo físico e a saúde, através de símbolos que podem indicar uma dieta inadequada, um tipo de exercício necessário, pré-visualizações de doenças, entre outros. Estes sonhos podem até oferecer sugestões específicas de tratamento.

Auto-reveladores: sonhos que oferecem autoconhecimento e perceções sobre problemas, objetivos, desejos, planos, decisões, relações, traços de carácter, e assim por diante.

Psíquicos: sonhos que acedem às janelas da telepatia, clarividência e precognição, proporcionando insights e informações que não são acessíveis à consciência comum tridimensional.

Espirituais: sonhos que têm origem no eu superior do sonhador, fluindo da mente supraconsciente e das Forças Universais. Cayce chamava frequentemente a estes sonhos "visões".

Estes quatro tipos de sonhos servem duas funções principais: resolver problemas e ajudar no crescimento espiritual.

INTERPRETAR O SONHADOR

NÃO O SONHO

O melhor intérprete de um sonho é o próprio sonhador, visto que os símbolos são pessoais. Interpretar sonhos, como Cayce descrevia o processo, não é simplesmente consultar um dicionário de sonhos e aplicar os significados. Na verdade, interpreta-se o sonhador, não o sonho.

"Estuda-te a ti mesmo; estuda-te a ti mesmo" foi o primeiro conselho de Cayce para quem queria aprender a interpretar sonhos. Como diz Bro: "Se se compreende o sonhador no sonho, pode-se dar o primeiro passo importante na interpretação: determinar qual das duas grandes funções do sonho está em destaque — (a) resolução de problemas e adaptação à vida exterior ou (b) despertar e alerta para um novo potencial interior."

Estudar os sonhos e interpretá-los não é suficiente. Trazê-los à ação na vida quotidiana é essencial. Cayce insistia na "aplicação", incluindo uma secção dedicada a isso em cada leitura de sonho. Embora o estudo seja uma forma de aplicação, Cayce referia-se a algo mais concreto. O sonhador deve pôr em prática os discernimentos, sugestões e ideias recebidas nos sonhos, experimentando a orientação recebida. Repetidamente, Cayce aconselhava os seus sonhadores: *Faz, faz, faz.*

PADRÕES LEGAIS DO SONHAR

Bro observa que as mesmas leis naturais ou princípios que regiam as leituras de Cayce também parecem reger os sonhos dos sonhadores. Embora estas leis raramente fossem explicitamente enunciadas, podem ser observadas como padrões evidentes no conjunto das leituras.

Bro traça um esboço fascinante daquilo a que chamou "padrões legais do sonhar". Destacam-se os seguintes pontos:

"[Cayce] tinha de ser orientado para os seus alvos através de sugestões hipnóticas. Para conselhos médicos, precisava da morada da pessoa. Para leituras psicológicas, da data de

nascimento. Para leituras temáticas ou de recursos ocultos, precisava de saber o que se procurava, quem o procurava e onde se encontrava."

"Frequentemente, quem pedia um tipo de leitura solicitava, no período de perguntas, outro tipo de conselho. Quando Cayce estava especialmente sintonizado com a pessoa, podiam receber informação médica numa leitura de negócios, ou conselho para um ente querido numa leitura de sonho. Mas, mais frequentemente, eram informados de que 'não temos isso', e instruídos a procurar outro tipo de leitura."

"Cayce explicava que os sonhos tinham limitações semelhantes. Ensinava os sonhadores a focar-se, com estudo, concentração e ação, naquilo sobre o qual desejavam receber ajuda nos sonhos. Os sonhos são limitados pelo foco consciente do sonhador."

"As leituras de Cayce estavam limitadas à informação que o indivíduo podia usar de forma construtiva. O mesmo se aplica aos sonhos, dizia Cayce... Embora informação ilimitada esteja disponível através do subconsciente e de outros recursos, a psique preserva o seu equilíbrio oferecendo ao sonhador apenas material filtrado. Opera segundo leis de autoregulação."

"A saúde de Cayce afetava as suas leituras. Quando estava doente, não conseguia dá-las... O seu estado de espírito também influenciava. Quando estava perturbado ou defensivo, surgiam erros — como em leituras sobre poços de petróleo, ou sobre pacientes do hospital. As suas melhores leituras vinham quando estava bem-disposto, relaxado, com humor e segurança. No entanto, também deu leituras excecionais em momentos de angústia — como quando foi preso ou quando a sua universidade colapsou."

"Os sonhos também são condicionados subjetivamente. Encorajava os sonhadores a sair, brincar, tirar férias, equilibrar razão com humor, rir, conviver com crianças. Mas também os encorajava a notar a profundidade dos sonhos quando confrontados com morte, perda, falência, divórcio ou decisões vocacionais difíceis — situações que podiam gerar sonhos com tal profundidade que se tornavam verdadeiras 'visões'."

"As leituras de Cayce eram afetadas pela sua 'espiritualidade'. Quando se deixava levar por ambições de fama ou tesouros, notava-se que a qualidade das leituras diminuía. Por outro lado, quando mantinha oração regular, estudo da Bíblia e momentos de pesca em tranquilidade, a qualidade das leituras melhorava — e até surgiam novos dons, seja nas leituras (como séries sobre novos temas), seja no estado desperto (como ajudar os doentes através da oração)."

"Factores semelhantes, dizia ele, afetam a qualidade dos sonhos. Quando os sonhadores se deixavam levar por dinheiro, fama ou poder, os sonhos traziam à tona essas mesmas questões — e perdiam clareza e utilidade. Quando viviam com fé, oração e desejo sincero de servir, os sonhos abriam novas paisagens — oferecendo vislumbres do futuro, do passado, ou do transcendente."

• Frequentemente, a fonte nas leituras de Cayce referia que as atitudes de quem procurava informação influenciavam o que recebiam. Aqueles que procuravam novidade, exploração dos outros, uma garantia divina para as suas vidas, ou justificação para erros passados, recebiam respostas vagas, curtas ou lições inesperadas sobre as suas motivações. Quem não aplicava o conselho dado podia ver futuras orientações serem breves ou até negadas.

• "A credulidade era rejeitada tal como o cinismo; a adulação a Cayce valia tanto quanto o desprezo ou inveja. O verdadeiro milagre, dizia uma leitura, 'ocorre no buscador'." Factores semelhantes, dizia ele, regem a capacidade dos sonhadores produzirem sonhos úteis para os outros. Muitas vezes, um sonhador obtinha informações inacessíveis a um ente querido por estar mais desapegado da necessidade. Também não era raro que telepatia inconsciente de um irmão, irmã ou filho mostrasse ao sonhador como lidar com a má disposição, vício, desespero ou orgulho excessivo do outro.

MELHORAR A UTILIDADE DOS SONHOS

Para fortalecer a recordação dos sonhos e aumentar a sua utilidade, Cayce enfatizava o valor da contemplação diária de uma afirmação e da entrada regular no silêncio profundo da meditação. Sublinhava que a pessoa espiritualmente orientada, cuja intuição está disciplinada a um nível elevado, pode interpretar sonhos com mais precisão do que alguém que depende apenas da sua capacidade racional.

Mas a nota que surgia repetidamente nas leituras de sonhos de Cayce, sempre que explicava como melhorar a capacidade de sonhar e interpretar sonhos, era uma nota familiar que aparecia também nas suas leituras de vida e de saúde: o serviço.

"Para alguns sonhadores, servir através dos sonhos significava literalmente sonhar pelos outros e oferecer-lhes ajuda e orientação", partilha Bro. "Mas esses sonhadores eram raros entre os que consultavam Cayce. Outros eram incentivados a desenhar ou a escrever histórias baseadas nos seus sonhos. Ou a partilhar dicas de investimentos obtidas nos seus sonhos. Ou a aprender, a partir dos seus sonhos, as leis do desenvolvimento humano e ensiná-las a turmas de adultos interessados. Ou a ensinar outros a sonhar. Ou a rezar por aqueles que lhes apareciam em sonhos. Cada um tinha dons diferentes...

"Primeiro, o sonhador tem de mudar e crescer. Depois, tem de encontrar uma forma de partilhar esse crescimento através de um serviço discreto aos que lhe são mais próximos na vida quotidiana. Só então poderá ter sonhos que, ocasionalmente, ajudem os líderes da sua profissão, da sua classe social, da sua escola artística ou do seu movimento de reforma — ajudando-o a ajudá-los.

"É uma lei evidenciada pelo fracasso dos primeiros sonhadores treinados por Cayce, que não conseguiram manter o elevado potencial que ele via neles e que eles próprios por vezes realizavam, tanto nos sonhos como na vida. Afastaram-se uns dos outros nas suas famílias. Este foi um golpe que a psique em esforço não conseguiu suportar, dizia Cayce, enquanto

tentavam alcançar as alturas do sonhar. Com os sonhadores seguintes, Cayce colocou a ênfase inicial não na capacidade de sonhar, mas em amar e produzir. Havia amor e produção na família, no trabalho diário, e na comunhão dos que se reuniam para estudar e orar. Só esse caminho — o caminho de dar, dar, dar — manteria o fluxo dos sonhos limpo e cada vez mais forte."

PADRÕES LEGAIS

NA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Bro salienta que, tal como existiam "processos legais" que regiam cada leitura de Cayce e cada sonho, também há processos legais na interpretação dos sonhos. São especialmente úteis os seguintes:

"Quando Cayce interpretava um sonho numa leitura típica, começava por distinguir quais os níveis da psique que tinham gerado aquele sonho específico. Dizia que o sonhador podia aprender, através dos seus próprios sonhos, a reconhecer os diferentes níveis que operam dentro de si para produzir cada sonho.

"Quando uma voz fala num sonho, uma aura de sentimentos e pensamentos mostra se a voz é o seu melhor eu ou apenas a sua imaginação. Quando uma cena do dia surge durante o sono, será através das nuances que se revelará se a cena representa apenas preocupações ou se é o prólogo para comentários úteis do subconsciente. Quando aparecem conteúdos estranhos ou escandalosos, o subconsciente do próprio sonhador ensina-o a distinguir entre uma caricatura dos seus comportamentos excessivos e um verdadeiro desafio radical ao seu ser.

"Os sonhadores devem perguntar, no sonho ou imediatamente após ele, que parte da sua mente esteve ativa e porquê. Alguns dos sonhadores de Cayce ficavam espantados com os diálogos internos que conseguiam seguir. Outros sentiam-se encantados por conseguir distinguir a sua própria voz interior da intervenção de espíritos desencarnados nos sonhos."

"Na visão de Cayce, os sonhos muitas vezes carregam significados relevantes em vários níveis simultaneamente, e devem ser interpretados como tal."

"Parte da arte de interpretar sonhos, segundo Cayce, reside em reconhecer símbolos com significado relativamente universal. Sublinhava o valor profundamente pessoal de muitos conteúdos dos sonhos — desde peças de roupa a cenas de guerra. Mas também desafiava os sonhadores a ver, em certos sonhos poéticos e evocativos, a presença de símbolos com circulação ampla no mito e na arte.

Fogo representa frequentemente raiva. Luz significa, muitas vezes, discernimento e ajuda divina, tal como o movimento ascendente. Uma criança simboliza frequentemente começos promissores, que ainda requerem ajuda do sonhador. Um cavalo e cavaleiro sugerem geralmente uma mensagem vinda de níveis mais elevados de consciência. Objetos

pontiagudos inseridos em aberturas podem ser símbolos sexuais — embora uma chave numa fechadura, mais tipicamente, represente algo a ser desbloqueado no sonhador."

"Um aspecto da interpretação de sonhos por Cayce era difícil de reproduzir: prever os sonhos dos sonhadores, até à noite e hora em que ocorreriam. No mundo errante e estranho dos sonhos, esta habilidade parecia inacreditável — mesmo considerando o poder da sugestão sobre o inconsciente. Mas Cayce dizia que conseguia porque via factores na psique do sonhador que tornavam os sonhos inevitáveis, tal como alguém num edifício alto pode prever a colisão de carros em ruas diferentes. Acrescentava que os sonhadores também aprenderiam a reconhecer quando um sonho sinalizava o início de um novo tema ou série, e a prever por si próprios como eles se desenvolveriam — como fizeram, em menor grau, os seus próprios sonhadores."

"Para Cayce, determinar o propósito de um sonho é um passo crucial na sua interpretação. Explicava que a psique, ou ser total, tenta oferecer aquilo de que o sonhador mais necessita. Se o sonhador precisa de discernimento, o sonho oferece lições ou até discursos. Se precisa de um 'despertar', o sonho oferece experiências — belas ou terríveis. Se precisa de informação, o sonho vai buscar os factos. Os sonhos fazem parte de um programa de auto-regulação, aperfeiçoamento e treinamento pessoal, sob a orientação constante da alma do sonhador.

"Um passo importante na interpretação de um sonho é perceber o que ele veio realizar — algo que o próprio sonhador, segundo Cayce, pode aprender a reconhecer. Uma ação mencionada num sonho por um conhecido pode ser um sinal para observar e estudar. Mas se essa ação for vista com detalhes, números reais, ou descrita com instruções por uma voz especial no sonho, então é sinal de que o sonhador deve agir, e não apenas observar."

"Parte do treino de Cayce levava os sonhadores a acordar após um sonho vívido, revê-lo mentalmente para o recordar mais tarde, e depois voltar a adormecer com a intenção de ver o sonho interpretado — o que não raramente acontecia, através de novos episódios, de passagens em forma de ensaio, ou pela voz de um intérprete ou 'entrevistador', como um sonhador lhe chamou."

PASSOS SIMPLES

PARA INTERPRETAR SONHOS

Kevin Todeschi, no seu livro *Dream Images and Symbols*, oferece os seguintes conselhos para desenvolver a habilidade de interpretar sonhos:

Passo Um: Escreve o teu sonho imediatamente ao acordar... Mesmo que só tenhas a sensação de uma boa noite de sono, escreve-a. Mostra ao subconsciente que estás a levar os sonhos a sério.

Passo Dois: Reconhece que o sentimento que tiveste em relação ao sonho é tão importante quanto qualquer interpretação possível. Qual foi a tua reação emocional ao sonho, às outras

personagens, ou à ação? Anota as ações, sentimentos, emoções e conversas de cada personagem do sonho.

Passo Três: Lembra-te de que cada personagem num sonho representa geralmente uma parte de ti. Outras pessoas podem refletir aspetos da tua própria personalidade, desejos e medos. Mesmo que a personagem seja uma pessoa real que conheces, no sonho, ela tende a representar um aspeto teu em relação a essa pessoa.

Passo Quatro: Presta atenção a símbolos, personagens e emoções que se repetem nos teus sonhos e começa um dicionário pessoal de símbolos. Escreve os símbolos e o que significam para ti. À medida que observas o que acontece na tua vida e revês sonhos específicos, começarás a perceber o que certos símbolos significam para ti, especialmente se voltarem a aparecer noutros sonhos. Se o símbolo tivesse uma voz, o que diria?

O símbolo não significará necessariamente o mesmo para outras pessoas, porque os símbolos pessoais são tão únicos quanto o próprio sonhador. Por exemplo, sonhar com dentes a cair pode simbolizar mexericos para alguns, mas para quem acabou de colocar uma prótese dentária, pode ter uma interpretação totalmente diferente.

DEPOIS DOS SONHOS

Passo Cinco: *Prática, prática, prática!*
Depois de registares os teus sonhos, cria o hábito de os explorar algumas semanas mais tarde. Procura temas, situações, emoções e símbolos que se repitam. Uma pessoa descobriu que o seu gato, que amava profundamente, aparecia frequentemente em sonhos ligados a relações pessoais; outra percebeu que um relógio era um símbolo recorrente em sonhos precognitivos sobre o seu próprio futuro. Este tipo de perceções pessoais só é possível com prática contínua.

ACIMA DE TUDO

MANTÉM-TE FIEL AO TEU IDEAL

"No entendimento de Cayce sobre os sonhos", diz Bro, "ocorre quase todas as noites uma comparação entre a vida do sonhador e o seu ideal, por mais simbolicamente representada ou subtil que seja a ação observada. Segundo ele, as ações do indivíduo no dia anterior — e no período atual da sua vida — são comparadas, durante o sono, com os seus ideais mais profundos. Por isso, alguém que acorda mal-humorado e inquieto deve refletir sobre a sua vida, assim como sobre os seus sonhos. E quem acorda em paz e clareza pode ter a certeza de que os seus sonhos não revelarão grandes conflitos interiores."

Além disso, o sonho recordado deve ser utilizado, se possível... O subconsciente é como uma nascente na floresta: deve ser aproveitado e mantido a fluir para se usar da melhor forma. O sonhador pode focar-se numa parte do sonho que mais o atrai, desde que esteja alinhada com o seu ideal mais íntimo. Pois os sonhos, dizia Cayce, "são visões que podem ser

cristalizadas. Nos sonhos, as verdadeiras esperanças e desejos da pessoa — não apenas desejos vãos — ganham corpo e força no indivíduo."

"*Estuda-te a ti mesmo*" foi o primeiro conselho de Cayce para treinar a interpretação de sonhos. Dizia às pessoas para revisitarem as suas memórias, fazerem colunas com os seus ideais práticos (físico, mental, espiritual), para compararem o que admiram nos outros com o que veem em si mesmas e para contrastarem a sua autoimagem com o que os outros percebem delas... Qualquer pessoa que deseje crescer — seja através dos sonhos ou desperta — deve descobrir e avaliar os seus próprios ideais práticos. E uma vez clarificado esse ideal profundo, por mais difícil que seja expressá-lo, deve começar a alinhar a sua psique com ele, caso contrário os sonhos revelarão conflito interior constante.

Parte de alinhar a psique com o ideal — e, em última instância, com o Criador — é deixar de lado o medo dos erros do passado. Cayce era firme neste ponto: resistia à condenação pesssoal e insistia que a culpa devia ser substituída por ação presente. Numa das suas declarações mais surpreendentes, disse a um sonhador que guardava memórias desagradáveis de indulgências sexuais às custas de mulheres da sua vida:

"Nenhuma condição está perdida." Seja qual for a falha — até mesmo a crueldade — se o sonhador entregar a sua vida ao melhor que conhece, encontrará os frutos amargos a serem transformados, ao longo dos anos, no vinho da compreensão para com os outros. Aquilo que foi uma "pedra de tropeço", dizia muitas vezes, pode tornar-se "degrau para o amor e ajuda ao próximo", graças à ação profundamente sensibilizadora — desde que a psique esteja disposta a permitir essa transmutação.

"Procurai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á."

Bro deixa-nos com esta reflexão final:

"Não é necessário inventar a existência. Basta usar o que se tem em mãos — e o resto será fornecido. Existem duas forças sempre ativas a guiar o desenvolvimento e a realização da vida humana:

Uma é a centelha criativa original que cada pessoa carrega — uma força colocada nela na criação, com um potencial de amor e criatividade tão grande quanto o do próprio Criador.

A outra é um espírito 'em ação no universo', feito de ajuda, criatividade infinita, bondade e sabedoria... Essa força procura dentro do indivíduo tudo o que é bom e, quando permitida, amplifica-o."

Na visão de Cayce, os sonhos são fundamentais para o encontro entre essa força criativa interior e a outra força que eternamente procura ajudar.

CAYCE SOBRE O SONO E OS SONHOS

Leitura 3744–5

Nota do Editor: As leituras da série 3744 foram dadas com o propósito específico de abordar temas metafísicos como a natureza da mente, a alma, a vida após a morte, entre outros.

(P) O que é um sonho?

(R) Existem muitos tipos de manifestações que ocorrem a um ser animado — ou seja, ao ser humano no plano físico — e que a humanidade chama de sonho.

Alguns são produzidos por sugestões que atingem a consciência do físico, por diversas formas e meios. Quando o corpo físico adormece, deixando de lado a consciência, entra-se na região chamada de sono ou sonolência. Nesse estado, as forças pelas quais o espírito e a alma se manifestam recriam-se perante, através ou com essas forças espirituais. Quando essa ação é de tal natureza que deixa impressões na mente consciente do plano material, é chamado sonho.

Isso pode acontecer com forças assimiladas pelo corpo e, durante a digestão, guiadas pelas forças subconscientes, tornam-se parte das experiências da alma naquele momento. Estas manifestações são chamadas pesadelos — manifestações anormais dessas forças no plano físico.

Num sonho normal, atuam forças que podem ser uma antecipação de condições futuras, com comparação feita pelas forças da alma e do espírito entre as condições de diferentes esferas pelas quais a alma já passou na sua evolução até ao presente. Atualmente, no ano de 1923, os sonhos não recebem crédito suficiente; para o melhor desenvolvimento da humanidade, é necessário aprofundar o conhecimento sobre o subconsciente, o mundo da alma e do espírito. Isso é um sonho.

(P) Como devem ser interpretados os sonhos?

(R) Depende do estado físico da entidade e do que produz ou causa o sonho no corpo.

A melhor forma de interpretar é esta: correlacionar as verdades que surgem em cada sonho com a vida do indivíduo e usá-las para o seu desenvolvimento. E nunca esquecer que *desenvolver* significa avançar para as forças superiores, ou para o Criador.

Leitura 853–8

(P) Saio realmente do corpo às vezes, como já foi indicado, e vou para diferentes lugares?

(R) Sim, sais.

(P) Com que propósito, e como posso desenvolver e usar este poder de forma construtiva?

(R) Tal como foi dito sobre como entrar em meditação. Cada alma deixa o corpo quando repousa em sono.

Quanto a usá-lo construtivamente — seria como perguntar como se pode usar a voz de forma construtiva. É uma faculdade, uma experiência, um desenvolvimento do eu em relação às coisas espirituais, materiais e mentais.

Quanto à sua aplicação, depende do propósito e do desejo. É puramente material? Baseia-se na ideia: "Se ou quando estiver em tal posição poderei fazer isto ou aquilo"? Se sim, então essas expressões são apenas desculpas interiores — em qualquer fase da experiência.

Pois, como foi dito, é aqui um pouco, ali outro pouco — *usa o que tens hoje, agora*, e quando as tuas capacidades e ações forem dignas de confiança, outras faculdades, desenvolvimentos e experiências surgirão, pois fazem parte de ti.

Quanto ao modo de uso: "*Estuda para te mostrares aprovado diante de Deus, um trabalhador que não se envergonha do que pensa, do que faz ou dos seus atos; mantendo-te imaculado perante a tua própria consciência do teu ideal; tendo a coragem de fazer aquilo que sabes estar de acordo com a vontade de Deus.*"

Leitura 294-15

Como vemos, todas as visões e sonhos são dados para benefício do indivíduo — se este os conseguir interpretar corretamente. Descobrimos que as visões, ou sonhos, qualquer que seja a sua natureza, são um reflexo: ou do estado físico (com aparições relacionadas), ou do subconsciente, com condições ligadas ao corpo físico e à sua ação — seja por via mental ou espiritual — ou uma projeção das forças espirituais para o subconsciente do indivíduo. Feliz é aquele que pode dizer que foi tocado por uma visão ou sonho.

Leitura 903-5

Os sonhos que surgem num corpo têm naturezas e características diferentes, dependendo do canal através do qual são trazidos à consciência física. Nem todos chegam inteiramente à consciência sensorial; no entanto, mesmo quando apenas experimentados pelo subconsciente, podem influenciar o rumo ou a tendência da mente consciente durante bastante tempo — ou até que algo mais preencha essa consciência.

Neste sentido, consciência não é apenas a perceção sensorial física, mas uma consciência inata, um atributo mais do subconsciente do que da mente consciente.
No sonho, pode haver experiências da mente consciente ou subconsciente, ou uma correlação de ambas — ou ainda projeções do subconsciente de outras mentes a atuar com as forças subconscientes de um indivíduo. Estas são sempre visões. É importante distinguir entre uma visão e um sonho, ou uma mera reação física.

Leitura 140-6

Os sonhos são oportunidades para que a entidade alcance uma compreensão mais profunda daquelas forças que compõem a existência real — o seu significado e utilidade — se a entidade conseguir compreender as condições que lhe são apresentadas. Pois, nas visões do sonho, as forças interiores da entidade, de forma clara, apresentam condições simbólicas para estudo e benefício pessoal.

Leitura 341-18

Os sonhos manifestam-se da forma que foi descrita e podem ser utilizados no desenvolvimento da entidade — para perceber como o subconsciente se relaciona com as forças conscientes e como essas podem aplicar-se à ação física.

Leitura 538-13

Os sonhos que chegam ao corpo trazem lições que, se forem aplicadas corretamente na vida da pessoa, conduzirão a uma compreensão mais perfeita, e a alegrias e prazeres advindos de viver essa vida de acordo com o que se aprendeu.

Leitura 137-24

Os sonhos que chegam a este corpo são instruções sobre como as forças espirituais podem ser aplicadas pela entidade, e esta pode usá-las como foi descrito. Através dos sonhos, a entidade pode compreender melhor as leis que regem a manifestação das forças psíquicas no mundo material. Muitas vezes, estas condições são apresentadas de forma simbólica. Estudai bem, sabendo que o mergulho nesse mundo oferece uma via mais perfeita de entendimento — e não deve ser evitado.

Leitura 39-3

Os sonhos e visões que chegam ao indivíduo pertencem a várias categorias, sendo emanações da consciência, do subconsciente, do supraconsciente, ou de uma combinação e correlação destas. A natureza dos sonhos depende do indivíduo e do seu nível de desenvolvimento pessoal, e devem ser usados para o crescimento e aperfeiçoamento do próprio.

Leitura 136-45

Sim, temos aqui o corpo e a mente questionadora, [136]. Já os tivemos antes. Os sonhos, visões e impressões obtidas nas experiências através das forças subconscientes transmitem à entidade lições que podem ser aplicadas ao corpo físico, à mente física e de forma material — como já foi delineado.

Essas lições são verdades que chegam à entidade quando esta se sintoniza com as Forças Universais, nas quais a mente entra quando está em estado de sono ou transe. É quando o subconsciente opera.

Usa essas lições e aplica-as para melhorar as condições de vida, alcançar melhor compreensão da existência e dos seus propósitos, e dos desafios pelos quais a entidade passa. Cada experiência aplicada é um desenvolvimento. Não aplicar a experiência é agir de forma que traz condenação, ou é desperdiçar as vantagens que o conhecimento oferece.

Leitura 5754-1

Nota do Editor: Esta é a primeira de três leituras sobre a natureza do sono.

Pergunta: Por favor, descrevam de forma clara e abrangente o material que deve ser apresentado ao público em geral para explicar o que ocorre nas forças conscientes, subconscientes e espirituais de uma entidade durante o estado conhecido como sono.

Resposta de Cayce: Sim. Apesar de já se ter escrito e falado bastante sobre as experiências das pessoas durante o sono, só recentemente se têm feito tentativas para controlar ou formar uma ideia clara do que gera certas condições no inconsciente, subconsciente ou mente subliminar.

Tais experiências podem ajudar a responder a questões levantadas por psiquiatras ou psicanalistas e, através dessas experiências, validar ou refutar o valor de certas abordagens no estudo de distúrbios mentais. No entanto, pouco disso se pode chamar de verdadeira análise sobre o que acontece ao corpo — físico, mental, subconsciente ou espiritual — quando entra nesse repouso. Há, de facto, condições definidas que ocorrem em relação ao corpo físico, à consciência e às forças espirituais durante o sono.

Analisando esse estado para melhor compreensão, todos os factores envolvidos devem ser considerados. Primeiro, dizemos que o sono é uma sombra — uma pausa nas experiências da vida terrena — semelhante à morte; pois a consciência física torna-se alheia às condições existentes, exceto na medida em que estas se manifestam por atributos do corpo físico que tocam no imaginativo ou subconsciente.

Num sono normal (do ponto de vista físico), os sentidos permanecem de "guarda", sendo o sentido auditivo o mais sensível — pois é o mais universal entre os atributos sensoriais, desde os seres animados mais simples até ao homem.

Encontramos então quatro atributos que continuam a atuar de forma independente e coordenada para manter a consciência física. Estes, no sono ou repouso, tornam-se alheios ao que se passa à volta do corpo.

Entretanto, os órgãos que não requerem atenção consciente continuam a funcionar: o coração, a circulação, a assimilação e a excreção mantêm-se ativos. No entanto, existem períodos durante esse descanso em que até o coração parece repousar.

Pergunta: O que é que, então, está inativo durante esse período?

O SENTIDO DA PERCEPÇÃO E O "SEXTO SENTIDO" (Leitura 5754-1, continuação)

Aquilo que é conhecido como o sentido da perceção está ligado ao cérebro físico. Assim, pode-se afirmar com propriedade, por analogia, que o sentido auditivo está subdividido: há o ato de ouvir através do tato, de ouvir através do olfato, de ouvir através de todos os sentidos que são independentes dos centros cerebrais, pertencendo antes aos centros linfáticos — ou, de modo mais abrangente, ao sistema nervoso simpático, onde há tal grau de sintonia que se torna mais desperto, mais apurado, mesmo quando o corpo físico e o cérebro físico estão em repouso ou inconscientes.

De que trata, então, este "sexto sentido", que tanto influencia as atividades da entidade através de ações que podem surgir dentro do seu campo sensorial durante o repouso? Ações essas que podemos considerar — sob diferentes perspetivas — como experiências internas da entidade, manifestando-se como um sonho. Esse sonho pode conter a totalidade de algo que está para acontecer, que está a acontecer, ou apenas apresentar-se de forma simbólica — à própria entidade ou a quem esteja apto a interpretá-lo.

Esse sexto sentido — como assim o denominamos aqui — faz parte da entidade acompanhante, aquela que está sempre em vigilância perante o trono do Criador. É uma parte que pode ser treinada, submersa, ou deixada ao seu próprio critério até que entre em conflito com o eu, expressando-se no mundo material como doença, desconforto, mau humor, melancolia, irritabilidade ou qualquer manifestação — seja no estado de vigília ou de sono — que altera a atividade cerebral ao ponto de esta vibrar, tal como uma corda afinada vibra a uma nota específica.

Este sentido, então, é governado por aquilo a que podemos chamar de "o outro eu" da entidade. Deve haver, portanto, uma direção clara assumida por esse outro eu. Muito do que se registou como sendo capaz de provocar certos efeitos nas mentes ou nos corpos das pessoas — e sublinho, *corpos*, porque as mentes, tal como as conhecemos, não operam isoladamente — mostra que os mesmos estímulos podem produzir efeitos diferentes em pessoas diferentes, mesmo em contextos idênticos.

Isto leva-nos a compreender que há uma ligação real entre esse "sexto sentido", operando através das forças auditivas do corpo físico, e esse outro eu que habita dentro de nós.

Fisicamente, observamos que no sono o corpo se encontra relaxado. Há pouca ou nenhuma tensão. As atividades dos órgãos — controlados pelo subconsciente — continuam a funcionar: batimentos cardíacos, digestão, excreção. E no entanto, sabemos que a alimentação influencia profundamente a atividade deste "outro eu". Um corpo alimentado com carne durante um período não terá a mesma expressão ou natureza espiritual nos sonhos que teria se estivesse alimentado apenas com ervas e frutos.

O FUNCIONAMENTO

DO SEXTO SENTIDO

(Leitura 5754-2)

Agora, com o que foi apresentado anteriormente — de que há em cada indivíduo uma força ativa que opera como um sentido quando o corpo físico está em repouso — passamos a delinear as funções desse sentido que denomináramos "sexto sentido". Qual é a sua relação com os cinco sentidos físicos habituais? E se estes estiverem ativos, qual é a sua interação com este sexto sentido?

Muitas palavras foram usadas para tentar descrever o que é a entidade espiritual de um corpo e qual a sua relação com as forças ativas dentro do corpo físico normal. Alguns chamaram-lhe o "corpo cósmico", ligado à consciência universal, ou aquela parte com que o indivíduo se reveste ao entrar no plano material.

Essas designações são, em muitos aspetos, corretas. Mas ao tentar classificá-las ou atribuir-lhes nomes, acabamos por limitar a sua compreensão.

A pergunta essencial é: qual é a ligação entre este sexto sentido e o corpo da alma, a consciência cósmica? Este sentido deve ser treinado? Ou o corpo físico deve ser treinado para se alinhar com ele?

A habilidade que se manifesta com maior intensidade quando a consciência física está adormecida — aquilo a que um poeta chamou "descansar nos braços de Morfeu" — pode ser melhor compreendida por muitos desta forma. Porque esta atividade, sendo uma expressão da mente ou um atributo da mente em estado ativo, deixa uma impressão definida. Mas onde? Nas atividades mentais? No subconsciente (que nunca esquece)? Na essência espiritual do corpo? Ou na alma?

Estas são perguntas, não afirmações. Para compreendê-las, apresentemos uma ilustração:

A atividade deste sexto sentido é a força ativa do "outro eu". Que "outro eu"? Aquele que foi construído pela entidade através de todas as suas experiências no mundo material e cósmico — ou que é uma faculdade do próprio corpo da alma.

Se, durante o sono, o subconsciente alerta essa força ativa — este sexto sentido — para alguma ação em desacordo com o que foi construído por esse outro eu, surge então um conflito de emoções. E assim podemos encontrar alguém que adormece em tristeza, mas desperta com alegria. O que aconteceu? A comunhão do "outro eu" com a alma — ou a sua viagem através dos reinos da experiência acumulada ao longo do tempo.

Em tal associação, pode nascer a paz, o entendimento — um dom resultante do alinhamento interior da entidade. Por isso, indivíduos com espírito mais voltado ao

espiritual são mais facilmente apaziguados, encontram mais harmonia tanto em vigília como em sono.

Porquê? Porque colocaram diante de si um critério fiável: a sua consciência do divino, da força criadora que é origem de todas as coisas. Aqueles que nomeiam o Nome do Filho, e n'Ele depositam a sua esperança, o tornam no seu modelo e guia.

E é isso que significa "entrar no silêncio": entrar na presença do ideal do nosso verdadeiro eu.

Por outro lado, é possível que alguém adormeça em paz e desperte em desânimo, em solidão, sem esperança, ou dominado pelo medo. Acorda com tristeza, pele arrepiada, sensação de frio e vazio. O que aconteceu?

Foi a comparação feita nesse "abraço de Morfeu", nesse silêncio, entre a alma e todas as suas experiências — não só daquela noite, mas ao longo da eternidade. Mesmo que o sonho não tenha sido recordado, ele permanece — vive, e encontrará forma de se expressar nas relações da vida e nas experiências do dia-a-dia.

Assim, encontramos frequentemente circunstâncias individuais em que um ser de espírito elevado no plano material (isto é, aos olhos daqueles que o observam) sofre frequentemente com dor, doença, tristeza e afins. O que ocorre? As experiências da alma estão a confrontar-se com aquilo que ela própria mereceu, para clarificação das suas associações com aquilo que foi estabelecido como o seu ideal.

Se alguém se posicionou contra o amor manifestado pelo Criador, na sua atividade trazida ao plano material, então terá de haver uma constante — constante — luta entre esses elementos. Pela comparação, podemos então perceber como foi que a energia da criação se manifestou no Filho — pelas atividades do Filho no plano material, Ele pôde dizer "Ele dorme", quando, ao olhar exterior, era a morte; pois Ele era — e é — e será sempre — Vida e Morte em um só; porque, quando nos encontramos na Sua presença, aquilo que construímos na alma conduz à condenação ou ao agradar da presença d'Ele.

Assim, meu filho, que a tua luz esteja n'Ele, pois são estes os caminhos através dos quais todos podem alcançar compreensão das atividades; pois, como foi dito, "Eu estava em espírito no dia do Senhor", "Fui arrebatado até ao sétimo céu. Se estava no corpo ou fora do corpo, não o sei." O que estava a acontecer? A subjugação dos atributos físicos em harmonia e sintonia com a força infinita estabelecida como ideal, trouxe à alma o "Muito bem, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor." "Quem quiser ser o maior entre vós... Não como os gentios, nem como os pagãos, nem como os escribas ou fariseus, mas... Quem quiser ser o maior, será o servo de todos."

E então, perguntas, o que tem isto a ver com o sono? O sono — esse período em que a alma faz um balanço daquilo em que atuou de um momento de repouso ao outro, traçando — por assim dizer — comparações que constituem a própria essência da Vida, em harmonia, paz,

alegria, amor, longanimidade, paciência, amor fraterno, bondade — estes são os frutos do Espírito. Ódio, palavras duras, pensamentos cruéis, opressões e semelhantes — são os frutos das forças malignas, ou de Satanás, e a alma ou abomina o que passou, ou entra no gozo do seu Senhor. Vemos assim as atividades em si. Isto é a essência do que é intuitivo nas forças ativas.

Por que motivo se manifesta isto numa parte do corpo em vez de outra? Como adquiriu a mulher a sua consciência? Através do sono do homem! Assim, a intuição é um atributo daquela que se tornou consciente pela supressão das forças de onde surgiu, mas dotada de todas as capacidades e forças do seu Criador que permitiram a sua atividade num mundo consciente — ou, se preferirmos chamá-lo assim, um mundo tridimensional, um mundo material, onde os seus habitantes têm de ver uma materialização para tomarem consciência da sua existência nesse plano; e ainda assim todos estão cientes de que a essência da própria Vida, como o ar que se respira, transporta elementos dos quais não se tem consciência, mas sobre os quais o corpo subsiste e vive.

No sono, tudo se torna possível — como quando alguém se vê a voar pelo espaço, a levantar voo, a ser perseguido ou outras coisas do género — pelas próprias forças que comparam aquilo que foi construído pela alma do próprio corpo.

Então, o que é o sexto sentido? Não é a alma, nem a mente consciente, nem a mente subconsciente, nem só a intuição, nem qualquer dessas forças cósmicas — mas sim a força ou atividade da alma na sua experiência, seja qual for a experiência que essa alma tenha tido. Percebes? O mesmo que dizer: será a mente do corpo o próprio corpo? Não! O sexto sentido é então a alma? Não! Tal como a mente não é o corpo! Porque a alma é o corpo, ou a essência espiritual, de uma entidade manifestada neste plano material.

Terminámos por agora.
Leitura 5754-3

EC: Sim, temos aqui aquilo que foi dado. Agora, considerando a condição existente no corpo e o funcionamento deste sentido, ou capacidade do sono e do sentir, ou sexto sentido, como poderá este conhecimento ser usado vantajosamente para o desenvolvimento individual em direção ao que deseja alcançar?

A forma como poderá ser usado depende do ideal desse indivíduo; pois, como está bem assinalado nas Escrituras Sagradas, se o ideal do indivíduo se perde, também se perdem gradualmente as capacidades dessa faculdade ou sentido de contactar com as forças espirituais, ou constroem-se barreiras que impedem esse sentir da proximidade com o desenvolvimento espiritual.

Quanto àqueles que estão mais próximos do reino espiritual, as suas visões, sonhos e afins, ocorrem com mais frequência — e com mais frequência são retidas pelo indivíduo; pois, como se observa numa primeira lei, é a instinto de preservação. Assim, o eu raramente deseja condenar-se a si mesmo, exceto quando os eus estão em conflito um com o outro, tal

como os elementos dentro de um corpo ao ingerir algo que produz o chamado pesadelo — eles estão em conflito com os sentidos do corpo, e manifestam ou aquilo que provoca medo, ou visões da natureza dos elementos que entraram no sistema e estão ativos nele. Estes são exemplos do que tudo isto significa.

Então, como poderá isto ser usado para desenvolver um corpo na sua relação com as forças materiais, mentais e espirituais?

Quer o corpo o deseje ou não, durante o sono a consciência física é posta de lado. Aquilo que se buscará dependerá do que foi construído como objeto de associação, física, mental, espiritual — e quanto mais próxima essa associação na mente estiver das forças e atributos físicos com elementos espirituais, então — como foi observado por aqueles que tentam produzir um certo tipo de visão ou sonho — estes seguem esse padrão; pois outra lei universal entra em ação! O semelhante gera o semelhante! Aquilo que é semeado com honra é colhido em glória. Aquilo que é semeado em corrupção não pode ser colhido em glória; e as afinidades são companheiras daquilo que foi construído; pois tais experiências como sonhos, visões e semelhantes são as atividades no mundo invisível do verdadeiro eu de uma entidade.

Pronto para perguntas.

(P) Como se pode treinar o sexto sentido?

(R) Isso acabou de ser explicado: aquilo que está constantemente associado à visão mental, às forças imaginativas, aquilo que está constantemente ligado aos sentidos do corpo, é para onde se desenvolverá. O que é isso que pode ser procurado? Sob pressão, muitos indivíduos — não há quem não tenha, em algum momento, sido avisado sobre algo que poderia surgir na sua experiência física ou quotidiana! Prestaram atenção? Prestam atenção aos conselhos que podem ser dados? Não! Tem de ser vivido!

(P) Como pode alguém ser constantemente guiado pela entidade acompanhante junto ao Trono?

(R) Ela está lá! É uma questão de querer ou não! Não se vai embora, é a força ativa! Quanto à sua capacidade de sentir as variações nas experiências vividas, é como foi ilustrado — "Se no corpo ou fora do corpo, não o sei". Assim, este sentido é essa capacidade da entidade de associar o seu eu físico, mental ou espiritual ao reino que ela, a entidade, ou a mente da alma, procura como associação nesses períodos — percebes? Isso pode confundir alguns, pois — como foi dito — o subconsciente e o anormal, ou o consciente inconsciente, é a mente da alma; ou seja, o sentido que é usado, sendo esse subconsciente ou eu subliminar, que está sempre de guarda junto ao próprio Trono; pois não foi dito:

"Ele deu ordem aos seus anjos a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos"? Prestaste atenção? Então Ele está perto. Ignoraste? Ele retirou-se para junto do teu próprio eu, percebes? Esse eu que foi construído, que é o companheiro, que deve ser

apresentado — e que é apresentado — perante o próprio Trono! A consciência — a consciência [física] — percebes — é algo que o homem busca para seu próprio divertimento. No sono, [a alma] procura o verdadeiro divertimento, ou a verdadeira atividade do eu.

(P) O que governa as experiências do corpo astral enquanto se encontra no plano da quarta dimensão durante o sono?

(R) Isso é, como já foi dito, aquilo de que ele se alimenta. Aquilo que construiu; aquilo que procura; aquilo que a mente consciente, a mente subconsciente, a mente subliminar, procuram! Isso é o que governa. Assim, compreendemos aquela ideia: "Aquele que quiser encontrar, que procure." No plano físico ou material compreendemos isto. É um padrão do eu subliminar ou espiritual.

(P) Que estado ou tendência de desenvolvimento é indicado quando um indivíduo não se lembra dos sonhos?

(R) A negligência nas suas associações — tanto físicas, mentais como espirituais. Indica uma personalidade muito negligente!

(P) Sonha-se continuamente mas simplesmente não se recorda conscientemente?

(R) Mantém-se uma associação ou afasta-se daquilo que é o seu direito, ou a sua capacidade de se associar! Não há diferença entre o mundo invisível e o mundo visível, salvo que no invisível pode ser coberto um espaço muito mais amplo! Deseja-se sempre associar-se a outros? Procuram os indivíduos sempre companhia em cada período da sua experiência diária? Retiram-se por vezes? Esse desejo permanece ou continua! Compreendes? É uma experiência natural! Não é algo antinatural!

Não procures o que é antinatural ou sobrenatural! É o natural — é a natureza — é a atividade de Deus! A Sua associação com o homem. O Seu desejo de criar para o homem um caminho de compreensão! Percebe-se ou compreende-se plenamente aquela ilustração dada do Filho do Homem, que enquanto os que estavam no barco temiam os elementos, o Mestre do mar, dos elementos, dormia? Que associações poderiam existir nesse sono? Foi um recolhimento natural? No entanto, quando foi chamado, o mar e os ventos obedeceram à Sua voz. Tu também podes fazer o mesmo, se te tornares consciente — quer essa consciência seja através da capacidade das forças dentro de ti de comunicar, compreender, esses elementos da vida espiritual no consciente e inconsciente — estes são um só!

(P) É possível que a mente consciente sonhe enquanto o corpo astral ou espiritual está ausente?

(R) Podem ocorrer sonhos — (Aqui há uma divisão) Uma mente consciente, enquanto o corpo está ausente, é como a capacidade de alguém se dividir e fazer duas coisas ao mesmo tempo, como se vê nas atividades da mente.

A capacidade de ler música e tocar é usar faculdades diferentes da mesma mente. Partes diferentes da mesma consciência. Assim, para uma faculdade funcionar enquanto outra atua noutra direção, não só é possível como provável, dependendo da capacidade do indivíduo de se concentrar, ou de centralizar, nos diversos pontos essas funções que são manifestações das forças espirituais no plano material. Lindo, não é?

(P) Que ligação existe entre a mente física ou consciente e o corpo espiritual durante o sono ou durante uma experiência astral?

(R) É como já foi dito: aquele sentir! Com o quê? Com esse sentido separado, ou a capacidade de dormir, que torna mais aguçada essa ligação com as forças do ser físico que se manifestam em tudo o que é animado. Como o desabrochar de uma rosa, o despertar no ventre, o grão a brotar, o despertar em toda a natureza daquilo que foi estabelecido pelas forças divinas, para fazer sentir a sua presença na matéria, ou nas coisas materiais.

Estamos concluídos por agora.

ORIENTAÇÃO DE VIDA

ATRAVÉS DOS SONHOS

Nota do Editor: A seguir apresenta-se informação sobre a compreensão de símbolos.

Hugh Lynn Cayce, no livro *Dreams: The Language of the Unconscious*, afirma: *"Os símbolos seguintes e as suas interpretações breves, retirados das leituras de Edgar Cayce, não devem ser usados como um livro de sonhos para procurar o significado dos teus símbolos oníricos. São apresentados aqui para completar o padrão desta vasta categoria que trata da compreensão do eu. Algumas palavras numa língua estrangeira podem ser confusas e inadequadas. Cada pessoa deve estudar a linguagem do seu próprio inconsciente, percebendo que mesmo os símbolos que parecem mais óbvios são frequentemente utilizados nos próprios sonhos de forma muito individual."*

Alguns exemplos de símbolos e os seus significados gerais:

- Água — Fonte de vida, espírito, inconsciente
- Barco — Viagem da vida
- Explosão — Turbulências
- Fogo — Ira, purificação, destruição
- Uma pessoa — Representa o que o sonhador sente por essa pessoa
- Roupas — A forma como se aparece aos outros

- Animais — Representam uma fase do eu, de acordo com o que se sente sobre o animal visto. Aqui, o significado universal, histórico e racial deve ser considerado.
  Por exemplo:
  - Touro, figura humana sem sexo, leão e águia — podem simbolizar para muitos os quatro centros vitais inferiores do corpo: glândulas sexuais, células de Leydig, adrenais e timo, nessa ordem.
  - Cobra — símbolo de sabedoria e símbolo sexual, associado à *kundalini*. Quando elevada aos centros superiores da cabeça, torna-se símbolo de sabedoria.
- Peixe — Cristo, cristianismo, alimento espiritual
- Folhas mortas — Resíduos do corpo
- Lama, lodo, ervas daninhas — Aquilo que necessita de purificação
- Nudez — Exposição, vulnerabilidade a críticas

Leitura 294-40

(P) Devemos compreender, com base na leitura [294-39], que todo sonho de EC em Virginia Beach deve ser interpretado através das forças psíquicas?

(R) Aqueles que fazem tal impressão nas forças conscientes a ponto de se tornarem parte das atividades mentais da mente, esses devem ser interpretados. Aqueles que são causados por condições produzidas pelos alimentos ingeridos, de natureza física, não precisam de o ser, percebes?

(P) Como pode ele distinguir entre estes dois tipos?

(R) Um é bem lembrado, o outro é como um pesadelo, percebes? ou uma inquietação, sem princípio nem fim, sem forma clara, percebes?

Nota do Editor: Sonhos que se concentram no corpo físico.

Leitura 137–61

(P) 18 ou 19 de Fevereiro de 1926. Fui operado às amígdalas.

(R) Com a condição existente no corpo em termos físicos, encontramos novamente a mente física-mental a tentar apresentar à entidade essas relações com condições existentes ou algo prestes a acontecer, percebes? No entanto, não encontramos a relação

como sendo apresentada com as forças subconscientes como uma ação prestes a ocorrer num tempo ou de uma forma definidos. Assim, a entidade deve ser alertada para ter cuidado. Certifique-se de que tais condições não surgem para que não tenha os mesmos problemas já experienciados anteriormente, fisicamente, percebes?

Leitura 137-60

(P) Quarta-feira à noite, 20 de Janeiro, ou quinta-feira de manhã, 21 de Janeiro de 1926. Queria uma chávena grande de café, mas foi-me dado um *demitasse* (uma chávena pequena).

(R) Era necessário, pois, que as condições físicas do corpo, como visto, fossem reguladas; o subconsciente considerava mais adequado para o estado da entidade que não houvesse um estímulo tão pesado, que não fosse ingerida demasiada cafeína neste momento.

Leitura 137-66

(P) Noite de 6 de Março de 1926. Enquanto dormia, parecia que tentava acordar, mas não conseguia. Ao lutar para despertar, o sangue pareceu subir-me à cabeça e também causou dor de cabeça. Acordei depois, a pensar em fazer *fudge* (doce de chocolate).

(R) Este sonho contém muito mais do que aquilo que ficou retido pela consciência. Vê-se aqui como a força subconsciente da entidade está a alertá-la quanto às condições das forças físicas, e através do que essas condições se tornam reais. Ou seja, como se vê, o subconsciente não consegue acordar — a mudança ou o fluxo de sangue — a dor de cabeça, e com a dor de cabeça, o desejo físico de *fudge*. As forças mentais não estão suficientemente sujeitas em relação aos desejos (da carne) para com as necessidades do corpo. Um excesso de substâncias como o *fudge* prejudica a circulação.

Leitura 900-234

(P) (Sonho de [137]): Noite de quarta-feira, 5 de Maio, ou manhã de quinta-feira, 6 de Maio de 1926. Estava numa espécie de festa de família. Estávamos a comer doces quando Edward Blum e outra pessoa começaram a lutar. Palavras exaltadas levaram a uma luta física, que eu acabei por separar.

(R) Aqui é apresentado à entidade um aviso quanto à alimentação e ao impacto no corpo físico; pois, como foi dito, a entidade deve ser advertida relativamente ao que é ingerido, especialmente doces e outras coisas que sobrecarregam a condição enfraquecida do fornecimento de glóbulos vermelhos no corpo. Na visão, a entidade tenta — e parece incapaz ao início — mas acaba por superar a situação, tal como o corpo, através da força de vontade, poderá superar condições que seriam prejudiciais ao bem-estar físico e mental. Na figura do indivíduo em causa, como ele representa na mente da entidade [137] certas condições no plano físico ou moral, os que são representados por ele devem ser advertidos.

Foi indicado que a entidade deve tomar certos estimulantes ocasionalmente, devido à fraqueza das forças físicas, mas de natureza específica, produzindo efeitos específicos.

Assim, ao ingerir doces sob certas formas, como se vê, isso gera um tipo diferente de álcool no próprio corpo. Esta natureza, ou carácter, em combinação com a condição existente, torna-se então prejudicial. Por isso, seja prudente quanto ao estado físico do corpo, especialmente com a chegada do tempo quente, percebe?

Leitura 136-21 (02/12/1925)

(P) Domingo de manhã, 29 de Novembro. Ia nadar a partir de uma plataforma instável — muito frágil na sua estrutura. Ao saltar ou tentar mergulhar, caí de barriga — doeu.

(R) Aqui vemos uma imagem trazida à mente consciente de forma simbólica, através das condições físicas presentes no corpo, que pode servir de lição à entidade. Pois a dor na parte mais interna do torso dá origem à condição simbólica apresentada: entrar na água, o desejo de nadar, de mergulhar — isto refere-se à entrada nas condições relacionadas com a maternidade — e, como o corpo se encontra pronto para isso, a condição física ou estrutura em que se manteve não está devidamente preparada para proporcionar o melhor resultado no cumprimento dessa função neste momento, percebe? E como tal está prestes a ocorrer, o corpo deve tomar consciência e preparar-se melhor internamente para esse que é o maior dos papéis atribuídos ao sexo feminino — a mulher.*[Nota de leitura anterior: 26/02/1925 – a mulher teve um aborto espontâneo. O filho nasceu 16 meses depois, a 04/04/1927]*

Leitura 136-29

(P) A família (incluindo [1900]) discutia sobre a minha mãe ([1391]) e a sua saúde, e o que se devia ou não fazer. Uma Voz disse: "Escutem e sigam dois médicos primeiro: Dr. Eldsberge e depois Dr..." (o nome do segundo médico foi esquecido). Quem é este segundo médico a ser escutado?

(R) (interrompendo) O Grande Médico.

(P) (continuando) E exatamente a que evento se refere aqui?

(R) Como foi dito, sigam fisicamente o que foi indicado pelo médico responsável, pois esse é o aspeto mecânico; contudo, Aquele que foi esquecido, aquele que é ignorado, aquele que não é anunciado, é quem dá a maior promessa e fornece a força que sustenta o mecânico, e através dos elementos espirituais fornece o que é necessário para as forças curativas em cada indivíduo.

Assim, a lição: embora possa ser encarado do ponto de vista material, é na força fornecida pelas forças divinas manifestadas que reside essa influência sempre presente na vida de todos — se todos quiserem escutá-la.

Leitura 379-9

(P) Qual é a causa e o efeito dos suores e pesadelo que tive na noite de domingo, 16 de Maio?

(R) Má circulação, distúrbio entre as forças puramente físico-mentais e as forças imaginativas ou espirituais, com um estado geral de debilidade, percebe? É uma tentativa, por assim dizer, de coordenação.

Leitura 136-54

(P) Noite de 28 de Dezembro ou manhã de 29 de 1926. Estava na Índia, e riachos pareciam correr para uma só piscina. Saltei para um deles e nadei, dizendo a [900]: "Vês? Disseste que me faria mal, que prejudicaria a minha condição de grávida, mas não fez mal nenhum."

(R) Mais uma vez vemos uma fase diferente de condições apresentadas através da mentalidade da entidade em relação a situações nas quais o corpo pode envolver-se, e surgem dúvidas na mente de outros quanto a se a entidade deve ou não envolver-se. E, como se vê, a Índia representa na mente da entidade um estado de condição. A água representa outro elemento — o início ou a fonte de toda a força.

O entrar nessa fonte de força traz à entidade o conhecimento da segurança, percebe?
A lição que pode ser extraída é múltipla: as condições apresentadas indicam que, quando a entidade está em união com a fonte da força, as suas ações tornam-se mais alinhadas com as forças universais. Assim, as condições aplicadas com propósito, com intenção e pleno conhecimento dessa união com a força, trazem à entidade — e a outras — segurança nas forças todo-poderosas da expressão universal ou manifestação universal no plano material. Muitas vezes, certas condições tornam-se prejudiciais a uma entidade porque ela acredita que serão, ou porque lhe foi dito que seriam, percebe? Quando, se souber dentro de si que não serão — então de facto não serão, percebe?

Isto aplica-se a todos os elementos em que a entidade possa refletir: seja uma viagem, seja qualquer situação em que pense envolver-se — se a entidade estiver totalmente em sintonia com os propósitos divinos conforme estes se manifestam em cada elemento, então essas situações não serão prejudiciais, mas sim benéficas, percebe?
Isto não significa que alguém possa tentar contornar as leis naturais estabelecidas; pois cumprir a lei é tornar-se a própria lei — e não estar em desacordo com ela!

Nota do Editor: Sonhos sobre lições de vida.

Leitura 136–7
(Q) 25 de Junho de 1925, em casa, em Deal. Sonhei com dentes e com a minha cunhada, [140], que me disse: "Vou ter de pôr todos os dentes falsos."

(A) Isto, como vemos, é novamente uma correlação de condições físicas, através da projeção subconsciente de forma e modo emblemáticos, indicando que haverá palavras duras entre os dois indivíduos vistos. A lição: Sabendo que tal ocorrerá e que talvez haja

ressentimento por algo que possa ser dito, não permitas que isso afete as condições que deveriam existir entre os dois.

Leitura 137-54

(Q) Algo sobre não sonhar corretamente. Isto é, eu estava a deixar-me ficar doente.

(A) Antes, como é apresentado (ficar doente), trata-se de não te permitires aceitar, assimilar ou construir a partir dos sonhos ou visões, ou daquilo que está a ser apresentado. Então, para a entidade, há isto: Repetidamente a entidade capta, através da experiência, do sonho, da visão, aquelas condições que, integradas plenamente na consciência de si mesma, com uma posição firme dentro de si—relativamente àquilo que é visto—trariam maior paz, alegria, felicidade, compreensão, e fisicamente maior força, sendo maior auxílio em todas as horas de necessidade. Então aceita isso. Aplica isso, para que a luz, tal como possa ser dada a outros através desta entidade, possa brilhar; não como algo refletido, mas como vinda de quem dá de si mesmo ao tornar-se reflexo de si próprio nessa luz.

Leitura 1968-10

(Q) O que significa na minha leitura de vida a afirmação de que teria sonhos imponentes, e como poderei interpretá-los da melhor forma para que me sejam úteis no presente?

(A) Esses sonhos já vieram, e podem voltar a vir. Tu é que os interpretas em ti. Não com livros de sonhos, nem com o que os outros dizem, mas os sonhos são apresentados em símbolos, em sinais. Muitas vezes podem parecer o oposto daquilo que é apresentado ao corpo, sendo por vezes avisos, bênçãos. Então mantém-te puro de mente e corpo. Porque a voz do Senhor é muitas vezes ouvida em sonhos, em visões. Porque Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre. Não te esqueças de que é o modo de vida que levas que te faz merecer esta ou aquela experiência.

Leitura 106–6

GC: Terás perante ti o corpo de [106], e os sonhos que este corpo teve no seu apartamento ...., na cidade de Nova Iorque. O primeiro sonho, na noite de terça-feira, 10 de Março, ou início da madrugada de quarta-feira, 11 de Março de 1925, foi o seguinte: Os sapatos magoavam-na terrivelmente e levou-os ao sapateiro para serem arranjados. Ele cortou ou preparou algo para colocar neles, quando esse algo pareceu explodir e transformar-se em duas bandeiras americanas que subiram muito alto no ar, e que ela e o sapateiro tentaram alcançar, mas estavam demasiado altas. O sapateiro acabou por arranjar os sapatos de modo a ficarem confortáveis nos seus pés, quando ela olhou para baixo e viu que as suas finas meias de seda estavam cheias de buracos. Darás as interpretações destes sonhos e as lições que deles se podem retirar.

EC: Sim, temos aqui o corpo e os sonhos com as lições que deles se podem extrair. Ao dar esta interpretação, devemos primeiro considerar as condições que rodeiam as forças mentais do corpo através das quais estes sonhos ou visões foram dados. Embora o corpo tenha os sonhos e as ligações que existem entre a existência consciente das forças em si mesma e aquilo que é alcançado através das forças subconscientes do corpo, poucos são os

que o corpo retém por completo, embora porções dos mesmos sejam muitas vezes trazidas à consciência do indivíduo.

Encontramos então o indivíduo, [106], sob o stress atual das condições, físicas e mentais, a trazer estes elementos à sua consciência através das condições existentes. E estes, como encontramos, são emblemáticos das condições existentes à volta do indivíduo e relacionadas com a fundação, como nos sapatos, para a pessoa e para os que a rodeiam.
O procurar que alguém ajude na preparação da fundação está representado na ida a alguém para pedir auxílio. Com a explosão repentina, indica-se a mudança total que irá ocorrer na forma como as fundações devem ser preparadas ou construídas.

O voo das bandeiras é emblemático das alturas de dois caminhos diferentes, ainda que da mesma essência, pois ambas são da mesma natureza da bandeira. A incapacidade de os alcançar sozinha, e o auxílio procurado, indicam a forma como cada um deverá ultrapassar o necessário com ajuda mútua.

Com a preparação da fundação para uso, e ao descobrir os rasgões na roupa, mostra-se as condições defeituosas que a entidade pode obter em si através da forma como procura o auxílio. As lições são então evidentes na explicação do que isto significa.

Leitura 39-3
MHB: Terás agora perante ti o corpo de [39], presente nesta sala, e a mente interrogativa deste corpo, que teve o sonho que descreverei, ocorrido ao longo dos últimos seis anos. Em várias ocasiões ao longo desses seis anos, o corpo experimentou o seguinte: Visualizou uma aeronave mais pesada que o ar, que obtinha a sua força de elevação e propulsão da atmosfera através de pontos na parte superior da mesma. Por baixo da máquina havia aparentemente duas barras pesadas de cobre ao longo do seu comprimento, com pequenos pontos por baixo, que, quando carregados com força, faziam a máquina elevar-se no ar, aparentemente neutralizando a força da gravidade. A máquina era propulsionada por uma força que saía de pontos na parte traseira. Darás a interpretação deste sonho ou visão, dirás se uma tal máquina é viável, se essa força está disponível, e como pode ser construída. Responderás a perguntas sobre isto.

EC: Sim, temos aqui o corpo e a mente interrogativa, [39]. Com sonhos e visões que vêm ao indivíduo, estes pertencem a várias classes e grupos, sendo emanações do consciente, subconsciente, ou supraconsciente, ou uma combinação e correlação de todos, dependendo do indivíduo e do seu desenvolvimento pessoal, e devem ser usados para o melhoramento do próprio indivíduo.

Nesta visão, encontramos uma condição emblemática apresentada à entidade. Não é totalmente uma condição que não possa ser tornada viável, plausível, funcional ou usada nos empreendimentos humanos; ainda assim, para a entidade, trata-se de uma condição simbólica, com as forças conscientes a utilizarem aquilo em que a mente se tem concentrado para mostrar as forças superiores a serem utilizadas pela entidade no seu desenvolvimento espiritual, mental e físico.

Como se vê nas várias apresentações da visão, as pequenas mudanças que ocorrem na constituição da máquina mostram o esforço mental da entidade para compreender o seu significado; pois, como é visto, esta mesma visão surgirá novamente em três outros períodos do desenvolvimento da entidade, e em cada um serão vistas novas mudanças, de acordo com a evolução da compreensão da entidade quanto às emanações, ou às capacidades dos indivíduos de aplicar na vida material as várias lições obtidas. Como se vê, todo o poder deve vir de cima.

As barras representam, então, a fundação do indivíduo, sobre a qual é dado o poder de elevação para atravessar os vários campos do conhecimento, atingindo os pontos necessários para esse desenvolvimento e essa compreensão, de modo a aplicar essas forças no plano material. Tal como se vê nos vários pontos da máquina, mostra-se que toda a força, embora única, é obtida através de várias fontes e contactos, designadas no plano material como forças ambientais, enquanto no plano hereditário correspondem ao rasto deixado pela força impulsionadora que guia o corpo e a mente através dos espaços necessários para tornar o indivíduo uno nas suas aplicações nos vários campos de ação, seja no estudo de áreas mais elevadas de pensamento, seja ao fazer curvas ou mudanças nos caminhos da vida e nas pessoas que a entidade encontra ao longo do tempo.

Na aplicação do mesmo, a partir do campo das forças puramente mecânicas, estas—à medida que se apresentam de tempos a tempos—trazem ao conhecimento do indivíduo aquilo que é necessário para provocar as mudanças nos dispositivos mecânicos dessa força conhecida como a força do lado da Terra, tal como foi aplicada há éones, nas naves que planavam pelo éter. [Ver leitura de vida 39-2.]

Sente-te satisfeito com aquilo que foi alcançado pela experiência, até que haja, pouco a pouco, linha sobre linha, preceito sobre preceito—aplicando o que já foi adquirido—para que mais te possa ser dado. Pronto para perguntas.

(Q) A entidade poderá, então, procurar esta fonte para obter mais informações sobre experiências futuras?

(A) A entidade pode procurar todas as fontes—pois, como se vê, há muitos pontos voltados para os céus, como a força de elevação. A estabilidade do eu—como está nas barras que levantam ou se mantêm paralelas à terra—deve ser mantida naquele brilho que se vê, para que se possa alcançar mais poder, mais força, na aplicação em si daquilo que já foi conquistado.

(Q) Estas são todas as perguntas para esta leitura.

(A) Terminámos esta leitura por agora, pois muito pode ser dado à entidade no que respeita ao seu desenvolvimento mental, espiritual e físico.

Usa o que tens nas mãos—ou o simples cajado estendido sobre o grande selo tornou-se o poder nas mãos daquele que caminhava com a Energia Criativa—Deus. O cajado seco tornou-

se a amendoeira florescida nas mãos daquele que procurava conhecer os Seus caminhos, e aplicava o mesmo na vida. Mantém os teus caminhos retos. Caminha à sombra da Sua asa. Mantém os teus olhos e o teu coração sempre voltados para aquela fonte de onde emana todo o poder que eleva o homem em direção ao Criador.

Leitura 137-36
(Q) Noite de 25 de Novembro, ou manhã de 26 de Novembro. Um homem sem cabeça, em uniforme de marinheiro, caminhava de forma ereta com uma arma ou bengala na mão.

(A) Visões. Isto, como vemos, é o desenvolvimento daquelas forças na entidade onde a projeção física de elementos espirituais se manifesta em certos estágios da condição do corpo, física e mentalmente, percebes? E ao ver-se isto—um em armas, ou em uniforme, ou num ato de defesa ou dever—então, para a entidade, a lição é: Não percas demasiado a cabeça no cumprimento do dever, para que possas aprender as maiores lições da associação de ideias que dizem respeito a coisas mais espirituais.

(Q) Um homem aproximou-se de muitos, incluindo de mim, no que parecia ser o átrio de um hotel. Quando se aproximou, parecia um detetive, mas à medida que se aproximava, tive a sensação de que era Jesus Cristo.

(A) Nisto vê-se, na correlação destas condições ao passar por isso em grupos, no indivíduo, no coletivo até, que ali, na forma de homem, como homem entre homens, podem vir à entidade essas forças espirituais que a guiam e significam tanto para o indivíduo quanto a vida, a vivência, o exemplo da vinda de Cristo significa para o mundo inteiro; estas forças que vêm sob forma humana podem significar tanto para esta entidade, quando aplicadas espiritualmente.

(Q) Senti que havia algo relacionado com a visão que tive anteriormente sobre uma flecha disparada de um arco, e que uma leitura interpretou como sendo a indicação de uma mensagem com forte intenção e propósito, mas não consigo recordar agora o que era esse "algo" nesta visão específica: Recorda-me a visão, interpreta e dá-me a lição.

(A) Como se viu na primeira visão da flecha disparada ao ar, subindo alta e forte, e como foi interpretado, a lição era que à entidade seriam apresentadas visões, ou verdades, como as maiores verdades ou propósitos da vida. Estas, como se vê agora, estão representadas nestas duas imagens: o soldado sem cabeça com uma bengala ou arma de defesa, e o Mestre a caminhar para dentro do grupo.

Leitura 136–41
(Q) Noite de sábado ou domingo, 17 ou 18 de Julho de 1926. [900] e eu estávamos num barco, e parecia haver muito trovão, tiros e luta. Terminou com o barco a ser atingido por um raio e a caldeira a explodir. Afundou-se. Fomos projetados—mortos.

(A) Agora, nisto, embora venham a existir condições que farão a entidade recordar, de certa forma, esta visão, a verdadeira lição que encontramos é a das condições

emblemáticas. Barco—viagem da vida. Viagem, ou a passagem nela—a mudança que ocorrerá nos assuntos da entidade. E as relações com cada um, e as condições que se seguem, são de alguma turbulência, alguns problemas. No entanto, na explosão representa-se a mudança, ou o acalmar rumo a uma compreensão mais perfeita em cada um, percebes?
Então, que esta condição sirva como aviso para ambos, para que os caminhos de cada um estejam mais em harmonia um com o outro, entendes?

Leitura 136–45
(Q) Manhã de 5 de Setembro. A mãe... e a casa dela no Indiana. Parecia haver fantasmas lá.

(A) Antes, trata-se da indicação daqueles medos, daqueles pensamentos que surgem relativamente à saúde física dos indivíduos dessa casa. Fantasmas, então, da mente, percebes? Medo.

Leitura 341-15
(Q) Noite de 26, ou manhã de 27 de Outubro de 1925. Sonhei que fui apanhado por um elefante. Pode ter havido mais—Recorda—

(A) Como se vê, o elefante representa poder, força, astúcia, com todas as tendências mentais daquilo que é adquirido através do conhecimento. Então, que a entidade seja levantada por ele, estudando para mostrar a capacidade de usar e aplicar isso de maneira aceitável a Ele, como é visto no resgate pelo tratador, percebes?

Leitura 136–18
(Q) Terça-feira de manhã, 3 de Novembro de 1925. A mãe, [1900] e eu vivíamos juntas numa casa em Nova Jérsia, e ouvi muito tiroteio e agitação. Todas as janelas da nossa casa estavam abertas, e como chovia e havia tempestade, corremos para fechá-las e trancá-las. Um homem terrível e selvagem parecia correr pela cidade aos tiros e a causar grande confusão, e a polícia estava a persegui-lo.

(A) (interrompendo) O homem grande, o papão, que aparece à entidade nestas condições emblemáticas aqui apresentadas, e como visto noutras, está em si própria e no seu temperamento, percebes?

(Q) (Continuando) As condições eram caóticas e preocupantes. Interrompemos a polícia para perguntar se tinham apanhado esta pessoa terrível e responderam: "Ainda não."

(A) Então a resposta que vemos é: Controla-te a ti mesma, se quiseres apanhar e conquistar essa pessoa terrível, percebes?

Leitura 136-6
(Q) Sonhei que morri.

(A) Isto é a manifestação do nascimento do pensamento e do desenvolvimento mental a despertar no indivíduo, à medida que as forças mentais e físicas se desenvolvem. Isto,

então, é o despertar do subconsciente, tal como é manifestado pela morte nas forças físicas, sendo o nascimento nas forças mentais.

Leitura 341-13

(Q) Sonhei que estava em ...., Kentucky, em casa. Duas pessoas pareciam estar comigo. Estávamos a observar um dirigível e um aeróstato que sobrevoavam-nos, mas pareciam em grande aflição. Subitamente, o dirigível virou-se sobre o nariz e despenhou-se no chão, no relvado. Ouvi os gritos e gemidos dos ocupantes quando a nave se despenhou. Eu e as outras duas pessoas corremos para os destroços, mas fomos inicialmente avisados para nos afastarmos pelos sobreviventes. Mais tarde, chamaram-nos para ajudar a transportar os feridos até à casa. O homem que carreguei parecia ter magoado a perna e chorava, pedindo para que não lha cortássemos. Depois, parecia que estava novamente nos destroços. Bebi algo de uma garrafa e continuei a recolher ferramentas, um martelo e outras coisas.

(A) Neste sonho, mais uma vez são apresentadas à entidade condições emblemáticas da vida. O dirigível e a máquina voadora representam os ideais elevados que a entidade mantém na mente, mas sem estabilidade, mostrando as forças destrutivas que podem surgir quando falta a força de carácter nas vias testadas e verdadeiras para se manter estável. A assistência vista simboliza o apelo da própria entidade a si mesma, por assim dizer, no caminho que escolheria seguir.

O pedido para que não fosse removida parte do corpo simboliza as condições internas que podem surgir, tornando necessário esse tipo de amputação no trabalho da vida—caso não se mantenha o percurso reto e estreito. Beber da garrafa representa a água ou a assistência da vida, apresentada nesse caminho reto. A recolha de ferramentas simboliza os instrumentos necessários para as conquistas que a entidade pretende alcançar. A lição, então, está clara.

Leitura 2671–5

(Q) Manhã de 6 de Maio de 1927. Estava no quintal de casa—com o casaco vestido. Senti algo dentro do tecido da bainha da manga esquerda do casaco. Tentei tirar, mas estava preso no tecido e partiu-se ao sair, deixando parte lá dentro. Era um casulo e, onde partiu, saiu uma pequena aranha preta. O casulo era preto e deixou muitos ovos—pequenos—na manga do casaco, que comecei a esmagar e arrancar. A aranha cresceu rapidamente e fugiu, falando inglês claro enquanto corria, mas não me lembro bem do que disse, apenas algo sobre a mãe. Da próxima vez que a vi, era uma grande aranha preta, quase do tamanho do meu punho—com uma mancha vermelha, de resto completamente preta.

Dessa vez já estava dentro de casa e tinha construído uma teia por todo o interior da parte de trás da casa, observando-me confortavelmente. Peguei numa vassoura, derrubei-a e expulsei-a de casa, pensando que a tinha matado, mas ela ainda falou mais nessa altura. Lembro-me de pôr o pé em cima dela e achar que estava morta. Da próxima vez que a vi, tinha construído uma longa teia desde o chão no exterior da casa, perto de onde a tinha encontrado pela primeira vez na manga, e subia rapidamente em direção ao beiral quando

me viu. Não a conseguia alcançar, mas atirei o meu chapéu de palha à frente dela, cortei a teia e a aranha caiu no chão, falando novamente, e dessa vez despedaçei-a com uma faca.
(A) Neste sonho vêem-se as condições emblemáticas das forças que estão a atuar na vida deste corpo. E, como se vê, tanto a aranha como o seu carácter são avisos para o corpo sobre a necessidade de tomar uma posição firme em relação a outros que, de forma dissimulada, pretendem retirar-lhe o que o rodeia no lar—que poderá ser perdido, a não ser que essa posição seja assumida.

Como se vê, as relações da entidade com outra pessoa são da natureza que é emblematicamente mostrada aqui; inicialmente eram apenas situações casuais que podiam ser benéficas em termos sociais e financeiros; no entanto, como se viu, houve um constante desgaste para a entidade, não apenas material, mas também emocional, e agora tal ameaça atinge os próprios alicerces do lar—e, como se vê, ameaça separar o corpo do lar e das suas bases; e a menos que a entidade ataque esta situação, cortando-a da mente, do corpo, das relações e condições, virá então uma situação semelhante à aqui apresentada.

Toma o aviso, então. Prepara-te. Enfrenta a situação como um homem, não como um fraco—e lembra-te dos deveres que o corpo tem, em primeiro lugar, para com aqueles a quem os votos sagrados foram dados, a quem a entidade e o corpo devem a sua posição em todos os sentidos, e também do dever que é obrigatório ao corpo, ou àqueles a quem a entidade deve agir como defensor, em vez de, através dessas relações, permitir a entrada de palavras traiçoeiras, como as proferidas por quem tenta minar, bem como por aqueles que talvez julguem que essas relações estão ocultas; no entanto, estas cresceram ao ponto de constituírem uma ameaça ao próprio coração e alma do corpo desta entidade. Atenção! Atenção!

Nota do Editor: A esposa de [2671-5] escreveu a Edgar Cayce a dizer que o marido estava a ter um caso extraconjugal.

Leitura 140-10
(Q) Noite de terça-feira, 15 de Dezembro, ou manhã de quarta-feira, 16 de Dezembro de 1925. Estávamos no campo—numa festa, ao que parecia, na Quinta Rose Fenton, Asbury Park, New Jersey. Começámos a sair deste restaurante por uma estrada à beira do lago. Todos se preparavam para regressar a casa nos seus automóveis. Eu tinha um Pierce Arrow verde, novo, de dois lugares. [137] entrou e sentou-se ao meu lado—eu conduzia, e ao descermos pela estrada junto ao lago, mantivemo-nos perto do talude e, de repente, pareceu que saímos da estrada. O carro parou e pensei comigo mesmo que podia puxar o travão de emergência e que ele aguentaria tempo suficiente para sairmos ilesos, mas não fiz nada. Saltei do carro para o lago, e o carro caiu atrás de mim e sobre mim. Morri.

(A) Neste sonho é apresentado à entidade o fenómeno, de forma emblemática, relativo à condição nas forças mentais, que corresponde à condição de vida. Ou seja, o tempo para se preparar para qualquer situação é antes da mesma surgir, quando há ainda tempo, ou quando são apresentadas à entidade as energias, as capacidades, as condições de todas as forças para agir, percebes? Pois, como se vê, a vida está cheia de belezas, prazeres da carne em

todas as formas; no entanto, quando surge uma emergência, embora a mente deseje agir, sem uma resposta treinada do físico a essa intenção, há perda.

Ou seja: Saber fazer o bem e não o fazer, é considerado pecado. Essa é a lição aqui manifestada para a entidade. Usa-a. Sem significado especial quanto a tempo, lugar ou condição específicos, mas sim no que respeita à Vida, percebes?

Leitura 137-31
(Q) Quarta-feira à noite, 11 de Novembro de 1925. Alguém (provavelmente eu) olhava para o canto de uma tenda e parecia estar a dar ordens a Deus.

(A) Como se vê nesta forma emblemática, a entidade alcança, através disto, a compreensão de como as forças espirituais no ser físico podem magnificar tanto os interesses pessoais, ao ponto de se colocarem sob influência direta das leis espirituais. E, como as tendas representam para a entidade uma habitação insegura, o olhar para cima e dar ordens ao Altíssimo indica que, através da oração dos justos, muitos podem ser salvos; e que a ordem é, então, para o próprio, para que direcione a sua vida de forma a estar em maior sintonia, em contacto mais próximo, de modo que as ordens do Altíssimo possam vir através do canal onde a entidade já viu tanto desenvolvimento. Será útil, nesta ligação, que a entidade leia Judas, especialmente os versículos 10, 11 e 12.

Leitura 136-26
(Q) Segunda-feira de manhã, 28 de Dezembro de 1925. Vi uma escrita na parede com a palavra "Bem". Não percebi, voltei a adormecer e vi-me com um vestido azul e branco. Estava de joelhos diante do médico e ele acariciou-me a cabeça. Eu disse: "Através de ti e de Deus Todo-Poderoso, a nossa mãe foi poupada." E ele respondeu: "Vamos orar novamente a ti e ao Senhor Deus."

(A) Aqui é apresentada à entidade a ideia de que, como já foi dito, sob estas condições, só resta à entidade colocar-se nas mãos daquele que dá todos os dons bons e perfeitos. Ao escolher o médico, o melhor, então é para si e para o bem da situação apresentada. O azul e branco representam o eu puro e verdadeiro em oração e súplica, e com essa compreensão perfeita, vem o "Está tudo bem", percebes? Pois tal como a escrita na parede, isso mostra que a plena compreensão das próprias capacidades é limitada, e apenas n'Ele se deve confiar, para que tudo esteja bem com o próprio.

Leitura 136-24
(Q) Enquanto sonhava, disse em voz alta: "[1900], não comas tantos casacos."

(A) Como isto apresenta uma condição irracional no que foi dito, representa uma atitude irracional do indivíduo para com [900] em algum aspeto. Então, não sejas irracional, percebes?

Leitura 195-42
(Q) Madrugada de domingo, 3 de Julho de 1927, Ohio. Sonhei que ia a uma espécie de

reunião à noite. Caminhava por uma zona montanhosa, pela estrada superior. Notei alguém a caminhar numa estrada mais abaixo. Atravessei as ruínas de uma antiga casa, reconhecendo-a como a do meu tio (Geo. S. [...], de San Gabriel, Califórnia), perto da nova casa. Pensei como seria bom ver a família depois da reunião. Atravessei uma antiga fonte—havia um obstáculo à volta. Subi uma vedação e fui abordado por jovens guardas militares, pareciam escuteiros—fui escoltado perante um tribunal e pediram-me para me identificar. Disse que era de ...., Ohio, anteriormente da Califórnia.

Dei todos os detalhes. Disseram-me que o meu caso estava em análise e fui-me embora. Parecia que estava num barco com vista sobre muita água quando um dos guardas disse que eu era procurado. Fui ter com o tribunal, que disse que, após considerar o caso, eu seria julgado em tribunal militar no dia seguinte. Deveria refletir sobre o assunto e poderia defender-me ou escolher um defensor. Pensei em pedir ao meu primo, Major Geo. S. [...], para me defender.

(A) Aqui vemos condições emblemáticas em relação à reunião contemplada pela entidade e à associação com a mesma. Ao subir até à fonte—representando o local de maior conhecimento—surge a crítica esperada por parte da entidade. Contudo, com esse pequeno ganho de conhecimento, abre-se uma maior expansão, como representada pela grande quantidade de água vista ao ser chamado ao tribunal.

A intenção de pedir a um oficial que o defenda representa os recursos aos quais a entidade pode recorrer para melhor compreender a vida. E, à medida que aplica isto na vida, pode alcançar o conhecimento necessário para maior desenvolvimento, independentemente das críticas. A crítica vem como de um recruta inexperiente. Não temas. Ganha antes esse entendimento que permite aplicar melhor as experiências na vida.

Leitura 137-99

EC: Temos o corpo, a mente interrogativa, [137]—já esteve aqui antes.
Os sonhos, como vemos, trazem a este corpo muitos elementos que pesam pensamentos, condições e elementos na mente, com as forças subconscientes e as experiências do corpo, surgindo em forma emblemática ou como resposta direta ao desejo mental de alcançar maior compreensão. Assim, como foi frequentemente dito, este corpo está mais próximo do ponto onde o eu místico ou subconsciente pode ser aplicado do que a maioria dos indivíduos, pois muito foi vivido nos planos físicos—e muito pode, portanto, ser esperado da aplicação do que a entidade empreende.

(Q) Recentemente. Estava sentada à secretária no escritório a discutir com o meu marido [900]. Parecia que íamos separar-nos, e ele disse que ia fazer algo contra mim. Eu respondi: "Tens mesmo muita sorte!"

(A) Esta situação relaciona-se diretamente com as condições já descritas: que são suporte um para o outro, e que sem a força e encorajamento de um, nenhum conseguiria

realizar aquilo que pode ser alcançado em união; pois as mudanças na vida de cada um fazem com que a atividade de um seja o equilíbrio necessário para o melhor entendimento do outro.
Fica então o aviso—não permitas que nada entre na vida que possa separar-te das capacidades do outro, pois nesta união de forças muito pode ser alcançado por ambos. Que as mentes de cada um dependam, mental, moral e fisicamente, do trabalho e atividade do outro.

Leitura 900-114
(Q) A minha mãe, a minha esposa e eu fizemos um passeio de automóvel, e observei todas as coisas que o dinheiro pode comprar, e também observei a glória da Verdadeira Vida. Vi comboios, barcos e também a entrada de algo que parecia um mosteiro. Disse à minha mãe: "Qual é a utilidade de fazer do dinheiro e das coisas o objetivo da vida, se nem sequer são reais?"

(A) Aqui vemos, novamente, a mesma visão sob outro ângulo, ganhando assim a perspetiva do valor do real e do irreal. Como foi dito, e bem resumido: "Ainda que o homem ganhe o mundo inteiro e perca a sua alma, de que lhe serve?"

E, como se vê, estes preceitos e princípios devem tornar-se aplicáveis à vida da entidade, pois à medida que as forças mentais se aproximam das verdades que dizem respeito ao fenómeno da vida, obtém-se um entendimento mais claro e profundo do seu significado, e com isso tornamo-nos verdadeiramente livres. Não que cada coisa em si deva ser menosprezada, mas que cada uma sirva ao seu propósito, que magnifique, tal como Ele magnificaria.

Leitura 2205–3
(Q) Explica o significado do sonho de infância com olhos e bolhas, e como a sua influência pode ser usada para o bem no futuro.

(A) Estes, como encontramos, são os finais—ou partes—de muitas experiências individuais da entidade ao longo de várias encarnações. Como a entidade conheceu e viu manifestações do poder das forças invisíveis nas experiências dos outros, trouxe essas atividades e movimentos de todas as formas. Assim, tornaram-se experiências que causam medo.
No entanto, se forem encaradas como garantias das Suas promessas, verá que são lembretes de que de dentro de si—surgem visões. De si—nascem pensamentos. De si—podem começar atividades; e tornam-se, portanto, mais trampolins do que pedras de tropeço—como tantas vezes foram.

Então, essas pequenas garantias que surgem, abençoa-as, preserva-as; não como coisas assustadoras, mas como bases sobre as quais a esperança, a fé, a paciência e o amor podem ser construídas!

Nota do Editor: Orientação em sonhos sobre questões específicas.

Leitura 137-60
(Q) Arthur De Cordova perguntou-me se [5768] estava ausente, ao que respondi afirmativamente. Ele então disse: "Bem, então vais ganhar algum dinheiro." Assumi imediatamente que se referia a Fleischman, mas ele corrigiu-me, dizendo que as ações da Ajax Rubber deviam subir porque o preço da borracha como mercadoria estava a subir. Referiu também algo sobre obrigações da Fisk Tire. Eu e De Cordova olhámos para o livro do especialista da Ajax (que tenho no chão), mas não me mostrei favorável a comprar acções da Ajax Rubber, por isso não fizemos nada.

(A) Então, como se vê, trata-se da continuação daquilo que foi anteriormente indicado: que a entidade, fisicamente, deve estudar estas condições do ponto de vista físico e mental, tal como se relacionam com estas acções específicas, percebes? Para que o uso dessas condições, determinado pelo estudo das mesmas, possa ser aplicado pela entidade.

(Q) O que devo fazer em relação à Ajax Rubber? E quando?

(A) Estuda, estuda, estuda, estuda! Não há qualquer indicação para comprar ou vender.

Leitura 853-5
(Q) Como posso desenvolver os meus sonhos e visões para me permitir localizar o tesouro escondido?

(A) Não desejando ou insistindo, mas sim preparando o eu; através da meditação e voltando-se—por assim dizer—para o interior, para que surjam visões dessas atividades que ajudarão não só os que prestam assistência desde além, mas também a ti próprio, ao recordar e visualizar os lugares e posições da reserva.

Leitura 853-8
(Q) Como posso preparar-me melhor para a meditação e, em seguida, voltar-me para dentro, como foi anteriormente dito, para localizar tesouros enterrados e ajudar aqueles que me assistem e a mim mesmo a recordar os lugares e posições da reserva?

(A) Estuda primeiro aquelas associações sobre o que é a mente mental, e como a mente mental (ou seja, a mente do corpo) pode sintonizar-se com o Infinito ou com a mente da alma. Pois são—as duas—uma só, e a terra do Canadá é uma consciência como lembrança, como atividade.

E ao entrar em meditação (como indicado no folheto sobre Meditação), submerge-se então a consciência física, permitindo uma sintonia; como se fosse um instrumento acústico, como se a memória fosse invocada; para que se abra então à consciência a lembrança. Como já foi dito a esta entidade, tal sintonia ou consciência está mais em harmonia no sonho; pois aí há o submergir da consciência física e dos seus desejos; e se houver meditação, ela traz uma melhor sintonia com menos interferência das forças conscientes. Por isso, como foi dito, se isto for praticado ou aplicado, a lembrança virá.

Nota do Editor: Sonhos recorrentes.

Leitura 487–6
GC: Terás perante ti o corpo e a mente interrogativa de [487] de..., Virgínia. Este sonho foi tido em três noites consecutivas, 23, 24 e 25 de Fevereiro de 1926, sempre sobre a mesma coisa: três pequenos carros. Darás a interpretação e a lição a ser retirada.

EC: Temos aqui esta mente em desenvolvimento, uma entidade que é impressionada pelas visões apresentadas à consciência, através do subconsciente ou eu subliminar. Estas são apresentadas para que a entidade, através do estudo e reflexão, possa beneficiar e edificar-se. Ou seja, para que compreenda melhor a si mesma e a sua aplicação às condições que surgem na vida.

Como se vê, os carrinhos representam um desejo, uma intenção ou um propósito de vida. Algo que se deseja fazer, alcançar ou uma impressão que se deseja deixar nos outros. Vêm sempre três, o que representa três condições no próprio ser. O carrinho longo—um desejo duradouro. Relacionado com pessoas próximas, e a forma como se deseja ser tratado ou considerado por elas.

O novo carrinho branco, vermelho e às riscas—relacionado com membros da família, representando verdade, pureza e falsidade. O vermelho traz problemas e mal-entendidos. Os carrinhos de forma peculiar, associados a pessoas fora da família, mostram como o temperamento, a atitude e a disposição geram boas e más influências. Aqueles responsáveis pelo desenvolvimento da individualidade da entidade devem aplicar essa compreensão para seu próprio bem.

Leitura 823–1
(Q) Porque é que na infância sonhei tantas vezes que o mundo estava a ser destruído, vendo sempre uma nuvem negra destrutiva?

(A) Pela experiência na terra atlante, quando ocorreram forças destrutivas como indicadas. A entidade viu ou viveu pelo menos dois, talvez três, desses períodos destrutivos; viu a terra a fragmentar-se.

Nota do Editor: Nota-se a ênfase repetida de Cayce sobre a importância da aplicação.

Leitura 294-70
Os sonhos, visões e impressões, para a entidade em estado normal de sono, são apresentações de experiências necessárias para o desenvolvimento—se a entidade os aplicar na vida física. Podem ser tomados como avisos, conselhos, condições a enfrentar ou a compreender como lições e verdades, conforme se apresentam de diversas formas.

Leitura 156-62
EC: Sim, temos o corpo, a mente interrogativa, [136]. Já esteve aqui anteriormente.
Os sonhos, repetidamente, apresentam à entidade as lições e verdades que ela procura aplicar na vida, e ao serem apresentados, que a entidade os tome como avisos e lições. Ao

aplicá-los na vida, surgem então aquelas coisas que trazem mais paz, maior satisfação e melhor compreensão das condições, dos propósitos e de toda a vida—pois viver não é tudo na vida, nem morrer é tudo na morte.

Leitura 903-5
Aplica aquelas indicações que já foram vistas. Mais poderão ser-te reveladas, se aplicares essas mesmas. Se desejares, poderás ter mais destas comunicações directas. Se tiveres medo, não invoques.

Leitura 136–45
Os sonhos, as visões e as impressões que se obtêm nas experiências através das forças subconscientes, transmitem à entidade lições que podem ser aplicadas no corpo físico, na mente física e de forma material, tal como foi delineado para o corpo. As lições adquiridas são verdades que surgem quando a entidade se coloca em sintonia e união com aquelas forças universais, às quais a mente consciente do corpo acede quando está no estado sonambúlico, ou em sono: pois a força subconsciente continua a atuar.

Usa isso, então, e aplica-o para alcançar melhores condições, uma compreensão mais clara da vida e dos seus propósitos, bem como das condições pelas quais a entidade passa. Pois cada experiência aplicada é um desenvolvimento para a entidade. Sem a aplicação da experiência, age-se de forma a gerar condenação ou uma má aplicação das vantagens que podem ser obtidas com o conhecimento.

Nota do Editor:
No seu ensaio *"River of Dreams"*, John Van Auken oferece este conselho sobre trabalhar com os sonhos:

É importante reconhecer que o sonhador é o nosso eu interior. Portanto, o melhor intérprete é o nosso próprio eu interior, e devemos procurar a interpretação ainda dentro ou próximo do estado de sonho. Tentar traduzir um sonho mais tarde, apenas com o nosso eu exterior, tridimensional, é muito difícil—pois esse não sonhou o sonho. Teremos melhores resultados se mantivermos o corpo e o eu exterior quietos ao acordar, e extrairmos o significado a partir do eu interior.

Alguns passos rápidos para melhor interpretação de sonhos:

1. Observa o teu estado emocional ao acordar. Isso dir-te-á se o teu eu interior está feliz ou não com as condições atuais.

2. Capta o essencial do sonho primeiro, os detalhes depois. Jesus disse que nos preocupamos com os mosquitos enquanto engolimos camelos. A mensagem principal é mais importante do que os pormenores.

3. Percebe que o subconsciente exagera para chamar a atenção. Como no provérbio da mula: primeiro dá-se um estalo para captar a atenção. Da mesma

forma, o subconsciente usa imagens chocantes para alertar. Não deixes que isso te assuste—essas imagens bizarras são, muitas vezes, a chave da interpretação.

4. Os sonhos são simbólicos. Falam através de imagens que representam mais do que a aparência literal. Funcionam como parábolas—com significados profundos. Tal como entendemos expressões figuradas no dia a dia ("meti o pé na boca"), assim devemos interpretar os sonhos.

5. Nada ajuda mais a desenvolver a orientação dos sonhos do que aplicá-los na vida. Cria um plano de ação para cada sonho. Pergunta-te: *Como posso usar este sonho na minha vida hoje?* Mesmo sem entender totalmente, tenta aplicar uma parte dele. O eu interior será estimulado a trazer mais revelações, tornando os sonhos cada vez mais úteis e claros.

No *Livro de Job* está escrito:

"Deus fala uma vez, até duas—e o homem não o percebe—em sonho, em visão da noite, quando o sono profundo cai sobre o homem, enquanto dorme na cama. Então Deus abre os ouvidos dos homens e sela-lhes a instrução, para afastar o homem dos seus propósitos egoístas e esconder o orgulho do homem. Ele preserva a alma do abismo, e a vida de perecer pela espada."

Reserva tempo para nadar no rio dos sonhos. Eles guiam-nos às margens do paraíso. Dormir é uma sombra da morte e da vida para além deste mundo. Viver no sono dos sonhos é conhecer o céu.

Sonhos e Perceção Extrassensorial (ESP)

Leitura 136–54

(Q) Manhã de 27 de Dezembro de 1926. Sonhei que Emmie cometeu suicídio.

(A) Isto mostra à entidade, através desta correlação das forças mentais—tanto da sua própria mente como da mente de Emmie—que tais pensamentos passaram por essa mente. A contemplação de tais atos existiu, compreendes? Mas já passaram.

(Q) Emmie está a pensar realmente em suicidar-se? Irá fazê-lo?

(A) Já passou.

(Q) Como é que [136] obteve essa informação sobre Emmie em sonho?

(A) Correlacionando as mentes subconscientes através do pensamento, pois os pensamentos são atos, e podem tornar-se crimes ou milagres. Como foi dito na introdução: os sonhos são a correlação de diversas fases da mentalidade de um indivíduo e do significado individual dessa entidade. Os sonhos podem conter condições nas quais o corpo físico assimila elementos que produzem alucinações, ou a atividade do sistema ao tentar

assumir a sua força individual pode provocar alucinações, pesadelos ou perturbações mentais.
Percebe-se então como se forma a ligação entre a mente individual e aquilo que a gera?
Tal como se pode verificar, as condições mentais de uma entidade, através de estudo ou pensamento profundo, podem ser correlacionadas pelas forças subconscientes—pelas forças latentes—e traduzidas em visões ou sonhos. Frequentemente, estas condições são simbólicas, representando várias fases do desenvolvimento mental da entidade.
Outras vezes, trata-se de uma correlação entre mentalidades ou subconscientes de diferentes entidades, quando houve uma ligação física ou mental entre elas, e as ideias ou expressões mentais individuais fazem com que o subconsciente de uma partilhe com a outra condições reais existentes, sejam diretas ou indiretas, para serem compreendidas ou enfrentadas.

Por isso encontramos visões do passado, do presente e do futuro.
Porque, para o subconsciente, não há passado nem futuro—tudo é presente.
Isto deve ser sempre lembrado quando se recebe informação através de tais forças.

Leitura 137-17
Nota do Editor: Esta leitura foi dada a um corretor de bolsa que usava os sonhos como fonte de informação para investimentos.

(Q) 12 de Julho, ou madrugada de segunda-feira, 13 de Julho de 1925. Sonhei que um homem tentava vender-me um rádio. Depois, alguém colocou veneno no puxador da minha porta e insistia para que eu o tocasse. Fiquei terrivelmente assustado. Ele tentou forçar-me a tocar no puxador envenenado. A lutar, acordei em suores frios.

(A) Neste sonho temos uma apresentação à mente das condições que surgirão nos assuntos físicos do corpo. A tentativa de venda do rádio refere-se a um negócio que será proposto à entidade relacionado com ações ou empresas de rádio, ou de natureza semelhante, sendo apresentado como uma excelente oportunidade.

O veneno colocado no puxador da porta simboliza as consequências que surgiriam se a entidade aceitasse ou investisse nessas condições, empresas ou ações desse tipo.
Portanto, o aviso dado neste momento, ou durante os próximos dezasseis a vinte dias, é:
Não invistas em ações, obrigações ou qualquer atividade relacionada com rádio.

Leitura 136–7
(Q) 27 de Junho, em casa. Sonhei com um acidente de automóvel.

(A) Mais uma vez, trata-se da projeção de condições discutidas na mente consciente física, transferidas para o subconsciente e apresentadas como um acidente que envolvia outros indivíduos, visto mas não vivenciado diretamente. A lição aqui é que, ao concentrar-se em condições físicas, a mente alimenta o subconsciente com elementos semelhantes—mostrando assim como aquilo em que pensamos intensamente passa a fazer parte do nosso eu interior.

(Q) Segunda-feira, 29 de Junho. Sonhei com um rapaz ou criança com deficiência mental.

(A) Mais uma vez, uma projeção de pensamentos e condições expressas fisicamente, mostrando como o consciente alimenta o subconsciente com visões de estados como este. Demonstra como o consciente influencia o subconsciente, e como, para nutrir o subconsciente de forma adequada, devem ser projetados pensamentos bons e positivos, pois é a partir disso que ocorre o desenvolvimento.

O corpo, internamente, torna-se aquilo de que se alimenta. Daí a verdade das palavras: "Quando era criança, pensava como criança. Agora que sou homem, deixei os pensamentos de criança."

Tal como no desenvolvimento individual, quando se alimenta o pensamento com ideias imaturas ou desequilibradas, essas imagens aparecem nas reações subconscientes através dos sonhos—porque os sonhos são feitos da substância do subconsciente, e qualquer condição que se torne realidade, foi primeiro sonhada.
[Nota: O filho da sonhadora, [142], viria a apresentar problemas mentais 25 anos depois.]

Leitura 137-118
(Q) A minha esposa morrerá antes de mim? E serei capaz de prever a minha própria morte, conforme a profecia?

(A) Tal como o teu irmão terreno disse: "Subo para ser entregue aos que não sabem o que fazem"—também tu serás capaz de saber, dentro de ti, o que está prestes a acontecer nos planos materiais. Não te deixes dominar pelo conhecimento em excesso. Nem te deixes levar ou derrubar pelo que possa ser revelado.

Lembra-te, meu filho, que disseste acerca daquele que travou guerra—mesmo com Ele—quanto ao corpo de Moisés, que talvez até possas orientar—que, apesar de reconhecer o seu poder, não o amaldiçoou, mas disse: "Deus tratará contigo."
Não é pelo teu próprio poder que essas forças agem—pois carne e sangue podem manifestar uma verdade espiritual, mas não podem ordenar um espírito!
Ajuda e socorro podem vir através da carne e do sangue, mesmo àqueles perto do abismo—mas existe um abismo intransponível, e aquele que une a sua vontade à do Pai pode ser confiado aos cuidados divinos.
Guarda o que te foi dado, meu filho, e não erres ao fazer o bem; pois, como já foi dito, aqueles que apenas invocam as forças em tempos de aflição podem ser ouvidos, sim, mas de longe.

Mantém-te próximo, para que aqueles que te dirigem possam permanecer junto de ti—pois a pedra de tropeço está sempre no orgulho e na autoexaltação, no uso indevido do eu nas relações humanas.
Mantém a fé, Meu Filho. Mantém a fé.

Leitura 294–131

Nota do Editor: Segundo Harmon Bro, "Cayce, quando acordado, questionava o alcance das suas leituras e dos seus sonhos. Assim, sonhava sobre essa questão. Este sonho, como outros, ocorreu enquanto ele estava em transe, a falar e a concentrar-se nas necessidades de alguém. Uma parte da sua mente permanecia disponível para sonhar, mesmo durante a leitura. Pouco depois da perda do seu hospital, quando questionava o valor do seu dom, recebeu a seguinte leitura sobre um sonho:"

EC: Sim, temos o corpo, a mente interrogativa, [294], presente nesta sala—já tivemos aqui este corpo antes. Os sonhos ou visões, ou ambos, quando apresentados, representam ou um desenvolvimento ou um aviso, para que se compreendam melhor as várias condições e atividades em que o corpo se encontra envolvido—na tentativa de transmitir a outros aquele conceito que permita o desenvolvimento dos indivíduos, segundo as diferentes expressões de cada um, ou do próprio corpo.

(Q) [GC leu o sonho ocorrido a 15 de Janeiro de 1932 durante a leitura 3985-11:] Sonhei que me preparava para dar uma leitura, e vi o processo através do qual uma leitura é obtida. Alguém descrevia-me o processo. Havia um centro ou ponto a partir do qual, ao entrar no estado, eu irradiava para cima. Era como uma espiral, com anéis à volta—começavam muito pequenos e iam aumentando. Os espaços entre os anéis representavam os diferentes níveis de desenvolvimento que os indivíduos haviam alcançado, de onde eu tentava obter informação.

Por isso, um corpo pouco desenvolvido poderia estar tão baixo que ninguém, mesmo ao dar a leitura, conseguiria extrair algo útil. Havia certas regiões do país que produziam sua própria radiação; por exemplo, seria muito mais fácil dar uma leitura a alguém dentro de uma radiação de saúde ou cura (não necessariamente num hospital) do que a alguém numa radiação puramente comercial. Foi-me dito que poderia dar uma leitura muito melhor, por exemplo, a uma pessoa em Rochester, Nova Iorque, do que em Chicago, Illinois, pois as vibrações em Rochester eram muito mais elevadas. Quanto mais perto o indivíduo estivesse de um dos anéis, mais fácil era obter informação. A partir de qualquer ponto entre os anéis, o próprio desejo da pessoa poderia levá-la para mais perto deles. Mas se fosse apenas por curiosidade, a tendência seria afastar-se dos anéis, em direção ao centro ou aos espaços entre os anéis.

(A) Esta visão é reconhecível como uma experiência da alma, ou da entidade, em atividade. Há várias fórmulas ou descrições de como se obtém informação para um corpo através destes canais. E foi prometido, por estes meios, que haveria um despertar maior para esta entidade no seu campo de ação.

Assim, vê-se que há uma forma pela qual a informação pode ser melhor correlacionada, melhor compreendida por indivíduos—através daquilo que se pode chamar de sintonia com diferentes direções, nas várias regiões do país ou do mundo—e da sua ligação ao facto de buscarem pelos canais apropriados.

Como indicado, a entidade é—nos assuntos do mundo—um pequeno grão de areia; mas quando elevado ao domínio das forças espirituais, torna-se tudo incluído, como se vê pelo tamanho do funil—que não desce, nem se espalha para fora, nem se desvia, mas vai direto àquilo que o homem sente como os céus em si.

"Como indicado nos anéis, ou nas redes como as dos nervos, cada porção da esfera—seja da Terra, seja dos Céus—está no lugar que lhe foi destinado por uma Energia Criadora Toda-Sábia. Cada um pode alcançar essas relações através daquilo que realiza nas suas atividades—sejam de um indivíduo, de um grupo, de uma classe, de uma massa, de uma nação. Assim criam o seu lugar nos assuntos do universo.

Cada ponto—como um átomo da experiência humana—está ligado aos demais, como a continuidade de um cone visível, e na forma como os nervos de um corpo animado ou vivo convergem num centro específico, mas alcançam os pontos mais distantes da universalidade da força ou da atividade no universo inteiro, exercendo influência radial sobre tudo o resto.

Assim, quando a entidade se eleva através da subjugação ou anulação das atividades físicas do corpo, usando apenas—por assim dizer (no cone)—a trombeta do universo, para alcançar aquilo que procura, cada entidade—ou cada ponto—no seu respetivo campo, age como uma nota ou um alaúde em ação, expressando aquilo que pode surgir dessa busca.

Encontramos então, na classificação e atividade daqueles que correlacionam essa informação, que os indivíduos nos diferentes planos naturalmente se classificam a si mesmos—como dado na ilustração: que mais frequentemente se ouve o som da ajuda para os que estão em Rochester do que para os que estão em Chicago. Isto apenas como exemplo. Não quer dizer que não haja tanto poder de cura num lugar como no outro, mas que o efeito sobre o indivíduo no seu ambiente cria o tom que ressoa a partir do que é recebido. Percebes? Isto deve servir de ilustração útil para aqueles que correlacionam e procuram compreender e classificar a informação que pode ser recebida.

E deve fazer saber ao corpo que transmite a informação que está a ser-lhe aberto acesso aos próprios Tronos!**

(Ver leitura 262-16; ver também 294-131 e o ensaio "Como Edgar Cayce Dá uma Leitura Psíquica")

Leitura 900-248
Nota do Editor: É fascinante observar que Cayce confirmou uma explicação semelhante sobre a comunicação espiritual, baseada numa experiência onírica inesquecível relatada por um dos seus sonhadores treinados. A leitura refere-se a um diagrama desenhado à mão enviado por [900], juntamente com as suas perguntas.

(Q) 1, 2 ou 3 de Julho. Estava num barco e, ao entrar numa sala, vi a Sra. [1139] numa mesa de operações. O homem com bata branca que me deixou entrar apontou

sarcasticamente para o médico, meio em desespero: "Tudo o que ele fez desde que ela chegou foi operar." Aproximei-me dela. Estava magra, enrugada, paralisada e inconsciente. Peguei nela e levei-a comigo.
Ela falou comigo, como da última vez antes de ser internada, quando me disse para não deixá-los operar, pois se o fizessem, ela não estaria mais entre nós. Assim, falou novamente, dizendo que estava a morrer. Tentei, de forma meio inútil, confortá-la e, ao beijá-la, ela disse, ou tive a sensação de que disse: "É a última vez que me vês."
Desesperado, levei-a de volta à mesa de operações, onde o médico já esperava para operar. Depois, pareceu que tomei um comboio. Os nossos caminhos seguiram em direcções opostas...

Agora quanto a esta comunicação—foi isto uma comunicação real entre a minha consciência física e a espiritual?

(A) Correto. Tal como foi indicado.

(Q) Pode ser representado assim, com base no desenho:

A = Centro de poder da consciência e a projeção desse poder em diferentes planos ou condições designadas, indicando diferentes planos—ou condições de atividade do poder A da consciência. Assim, 1, 2, 3, poderiam ser = a Terra, II o Sol, III Vénus, etc.
I-II-III-IV — consciência individual nestes = diferentes condições de consciência.
(A) (Interrompendo) Fases de consciência — é a palavra mais adequada.

(Q) (Continuando) Tudo isto está em substância elementar; o poder A da consciência. Sou então AII — uma consciência individual em forma física, mas ainda assim envolvida pelo poder A, que, neste ponto comum, pertencente a todos nós (o subconsciente), pode sintonizar-se com qualquer outra consciência individual que também partilha esta fonte comum, seja essa outra consciência parte do plano II, III ou IV, etc.

Ou seja, o caminho da minha consciência (memória é o que chamamos de caminho) converge com todos os outros caminhos, nos elementos contidos pelo poder da criação, sendo diferente ou individual apenas pela forma como abarca várias consciências desses elementos. E a minha consciência—e todo o desenvolvimento parcial que levou a essa consciência atual—pode tornar-se evidente ou é evidente para qualquer outra consciência em desenvolvimento, desde que haja, na minha consciência, algo que seja reconhecível pela outra.

Assim, eu sabia que a consciência de [139] podia cumprir a sua vontade de viver ou manifestar-se ainda aqui na Terra. Sabia como isso podia ser feito, e ainda sei. E essa outra consciência também sentiu que eu sabia.

Portanto, na minha atividade subconsciente, a consciência dela sobre essa condição existente tornou-se uma com a minha, e tornámo-nos de um só pensamento. Ou seja, tornámo-nos companheiros conscientes de uma mesma visão, e como as nossas consciências

se encontraram, como por exemplo se eu e tu pensarmos juntos na letra "K", entramos em contacto—no que chamamos de comunicação de pensamento.
E como o subconsciente não conhece barreiras espaciais, tal comunicação pode acontecer (no ponto subconsciente A) entre consciências individuais em qualquer plano.

Isto é uma explicação da comunicação espiritual?

(A) Esta é uma explicação da comunicação espiritual.

Quanto à separação física e a divisão entre A, B, e entre 1, 2, 3, estas podem ser melhor representadas como um círculo, com cinco pontos, como uma estrela—pois trata-se antes da radiação da força central: a força espiritual, como está em Deus, o Criador e Doador de todas as coisas.

E, ao serem unificados nesse círculo, do qual a radiação emana, vemos como essas forças se expandem para um poder maior, pois, como foi dito:

"Os céus proclamam a glória de Deus."

Nos reinos superiores do supraconsciente (ou subconsciente, que contém um elemento do supraconsciente), mais todas as forças radiadas, ou contactos pelos quais a entidade passou até alcançar a condição atual—seja ela elevada ou degradada—reúne-se esta força única.
E em cada manifestação das forças supraconscientes para o subconsciente, ou mesmo para o mais baixo nível consciente material, essa manifestação surge sob formas que significam a consciência de onde irradia.

Assim, esta entidade, [19001], através do desenvolvimento do eu, ao tornar a vontade individual (ou a consciência material) uma com o subconsciente—que comunica com as forças espirituais do Universo e suas forças cósmicas—alcança a capacidade de reconhecer as várias condições que podem emanar ou irradiar através das diversas formas, tal como se manifestam.

E conforme cada uma delas é trazida para esta consciência da entidade, compreende-se como essas várias forças se podem manifestar.

Esta é, então, de forma inequívoca, a manifestação não só da força espiritual no mundo material, mas também do bem que a entidade pode realizar através disso—caso se una com essa força, ou volte ao princípio fundamental:

"Aqueles que acreditam que Deus existe, ou que O procuram, devem primeiro crer que Ele é—e depois agir como tal."

Essa é toda a lição.

SONHOS, VISÕES E CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Nota do Editor: Cayce chamava frequentemente de "visões" os sonhos que têm origem no eu superior do sonhador, os sonhos que fluem da mente supraconsciente e das Forças Universais.

Leitura 1904–2
Assim, encontramos impulsos latentes que surgem em visões, sonhos, manifestações. Na tua leitura (pois és um grande intérprete de livros, de escritos de outros), nunca te questionaste porque é que nas escrituras sagradas se diz que Deus já não falava ao homem por visões ou sonhos? É porque o homem deixou de alimentar a sua alma, a sua mente, com coisas espirituais; fechando assim a via ou canal através do qual Deus podia comunicar com os filhos dos homens.

Leitura 958–3
Pois Ele não desejou que nenhuma alma se perdesse. Assim, convém à entidade confiar e procurar no mais profundo de si, e conhecer aquilo que a motiva — se o propósito e desejo têm origem em indulgência pessoal ou naquilo que pode permitir aos outros encontrar esperança e alcançar algo que traga harmonia às suas vidas.
Assim, surge novamente a exortação para uma busca profunda em si mesmo, comparando motivações, comparando desejos, com aquilo que é o ideal latente e manifestado da entidade.

Leitura 262–9
(Pergunta) [379]: Os meus sonhos têm alguma vez significado de despertar espiritual?

(Resposta) Como a entidade experiencia, há sonhos, visões e vivências. Quando são apenas sonhos, estes também têm significado — mas mais ligado à saúde física, ou a condições físicas. Em visões, há frequentemente uma comunicação entre o que foi ponderado na mente consciente e o que é o ideal sustentado pelo eu. Nas visões que indicam despertares espirituais, estas apresentam-se frequentemente em símbolos ou sinais para a entidade; pois, conforme a formação da consciência do eu, a interpretação das visões surge por expressões dos olhos, mãos, boca, postura ou semelhantes — e são interpretadas na tua própria linguagem. Quando estas surgem, então, em forma de símbolos assim, sabe que o despertar está próximo.

Leitura 3175–1
[Esta é] uma entidade que possui capacidades de visão, especialmente em sonhos. Estes prenunciam frequentemente acontecimentos. São dignos de atenção; mas não deves depender demasiado deles, a menos que o eu esteja bem equilibrado no seu ideal e no seu propósito.

Leitura 2788–1
Mantém o teu sentido de humor. Mantém um bom conceito de ti mesmo, mas também do teu próximo.

Estuda para te mostrares aprovado perante o teu ideal. Aprende e conhece qual é o teu ideal — espiritual, mental e material. Sabe em quem creste, bem como no que acreditas. Conhece o autor dos teus princípios, das tuas crenças, das tuas esperanças, sim, até dos teus medos; estudando para te mostrares aprovado perante eles, sem condenar ninguém. Estas coisas, com a aplicação de ti mesmo nas direções indicadas, levarão a entidade a um estado onde se possa dizer de ti: "Muito bem; entra no gozo do teu Senhor."

Leitura 5754–2
Nota do Editor: Dado o seu forte contributo para o tema dos sonhos e visões espirituais, esta secção da Leitura 5754–2 é repetida de um capítulo anterior.
Assim, podemos verificar que um indivíduo pode, a partir da tristeza, adormecer e acordar com um sentimento de elevação. O que aconteceu? Podemos então começar a compreender o que estamos a falar.

Houve, e sempre que a consciência física repousa, o outro eu comunica com a alma do corpo, percebes? Ou então dirige-se ao reino das experiências em relação com todas as vivências dessa entidade ao longo dos tempos, ou em correlação com aquilo que essa entidade aceitou como critério ou padrão de julgamento, ou justiça, no seu campo de atividade.
Assim, através dessa associação durante o sono, pode ter chegado aquela paz, aquela compreensão, que é concedida por aquilo que foi correlacionado através dessa passagem dos eus de um corpo em sono. Por isso, vemos que quanto mais espiritual for o indivíduo, mais facilmente encontra pacificação, paz e harmonia — tanto no estado normal de vigília como no sono. Porquê? Porque colocaram diante de si próprios (estamos agora a falar de um indivíduo!) aquilo que é um critério no qual se pode confiar plenamente, pois aquilo de onde uma entidade ou alma emergiu é a sua conceção, a sua consciência, das forças divinas ou criativas dentro da sua experiência. Assim, aqueles que invocaram o Nome do Filho colocaram n'Ele a sua confiança. Ele é o seu padrão, o seu modelo, a sua esperança, a sua atividade.

Assim, percebemos como essa ação através do sono, ou dessa serenidade ao entrar no silêncio... O que queremos dizer com "entrar no silêncio"? É entrar na presença daquilo que é o critério dos eus de uma entidade!

Por outro lado, muitas vezes vemos alguém deitar-se com uma sensação de elevação, ou paz, e acordar com um sentimento de depressão, afastamento, solidão, desesperança, ou com o medo a surgir — e o corpo físico desperta com essa depressão que se manifesta como melancolia, ou com arrepios, pele de galinha no corpo, em expressão das forças. O que aconteceu? Uma comparação, nesse "abraço de Morfeu", nesse silêncio, nessa relação do eu físico estar inconsciente das comparações entre a alma e as suas experiências desse período com as experiências de si mesma ao longo das eras — e a experiência pode não ter sido lembrada como um sonho, mas continua a viver — e viverá, e terá de encontrar expressão nas relações de tudo o que experienciou, seja qual for a esfera de atividade onde se tenha encontrado.

Assim, encontramos frequentemente casos individuais em que uma pessoa espiritualmente inclinada no plano material (isto é, segundo a aparência externa de quem a observa) sofre frequentemente com dor, doença, tristeza e afins. O que acontece? As experiências da alma estão a enfrentar aquilo que mereceu, para a clarificação das associações de si mesma com aquilo que tenha sido estabelecido como seu ideal.

Se alguém se colocou em oposição ao amor manifestado pelo Criador, na sua atividade trazida ao plano material, então tem de haver uma luta contínua — contínua — desses elementos. Pela comparação, podemos compreender como foi que essa energia da criação se manifestou no Filho — e como, pelas atividades do Filho no plano material, pôde dizer "Ele dorme", quando aos olhos dos outros era a morte; pois Ele era — e é — e será sempre — Vida e Morte em um só; pois, ao nos encontrarmos na Sua presença, aquilo que construímos na alma provoca a condenação ou o agrado da presença daquilo que há na Sua presença. Portanto, meu filho, que a tua luz esteja n'Ele, pois é através destes meios que todos podem chegar à compreensão das atividades; pois, como foi dito, "Estava em espírito no dia do Senhor"...

"Fui arrebatado ao sétimo céu. Se estava no corpo ou fora do corpo, não posso dizer." O que estava a acontecer? A subjugação dos atributos físicos em conformidade e sintonia com a força infinita estabelecida como ideal, levando essa alma àquele estado: "Muito bem, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor."

"Aquele que quiser ser o maior entre vós... Não como os gentios, não como os pagãos, nem como os escribas ou fariseus, mas... Aquele que quiser ser o maior será o servo de todos."

O que tem isto, então — perguntas — a ver com o tema do sono? O sono — esse período em que a alma faz o balanço do que atuou de um período de descanso para outro, fazendo ou traçando — por assim dizer — as comparações que constituem a própria Vida na sua essência, como também a harmonia, a paz, a alegria, o amor, a longanimidade, a paciência, o amor fraterno, a bondade — esses são os frutos do Espírito.

O ódio, palavras duras, pensamentos cruéis, opressões e afins, esses são os frutos das forças do mal, ou de Satanás — e a alma ou abomina aquilo por que passou, ou entra no gozo do seu Senhor.

Leitura 262-8
(P) Após a meditação em grupo pelas pessoas em Nova Iorque, sonhei que estava a conversar e a caminhar com a Gladys. Ela disse: "Eles não pagam a renda." Perguntei quem era o dono do local (parecia que estávamos perto de uma casa). A Gladys respondeu: "O Sr. Cayce." O edifício parecia bastante grande, labiríntico, e ficava junto à praia. Andávamos a vaguear pelo local, e reparei em muito entulho de ferro, tanto velho como novo. A Gladys parecia ir desaparecendo da cena. Continuei a vaguear pelo lugar e descobri um lago encantador, claro como cristal, com belos cisnes brancos a nadar e a serem alimentados por crianças felizes e amorosas. Ao olhar para o outro lado do lago vi lindas casas, como uma

nova povoação de lares felizes, uma aldeia branca, flores, etc. Então senti-me tão feliz, elevado, e por aí fora. Qual o significado deste sonho?

(R) Este sonho, como indicado, é emblemático das condições dentro do desenvolvimento do indivíduo, ou entidade — o próprio indivíduo, relativamente ao ideal que mantém na sua consciência. Aplica-se aqui o que foi dado sobre como as atividades do corpo consciente ou do corpo mental influenciam os acontecimentos ou incidentes no plano material. Encontramos assim as respostas no sentido material; ou seja, as condições sensoriais da natureza material representam os aspetos mentais e espirituais. E ao ver o corpo esses desajustes, representam na consciência corporal uma certa laxidão, ou incapacidade em direções que originaram desordem; mas à medida que estas se orientam mais para os aspetos mentais e espirituais, surgem visões daquilo que a entidade, ou indivíduo, mantém como ideal — que se eleva do entulho das coisas materiais.

Os sonhos são, assim, aquilo de que se constroem os edifícios da vida material. Primeiro como visões — parecendo a alguns visionários como irreais. Mas são cristalizadas nas vidas e atividades dos outros através da ação constante sobre os vários elementos do corpo da entidade em estudo. Atuam sobre os demais de forma a tornar reais essas experiências — como a paz e tranquilidade do lago com as suas fontes cristalinas, os cisnes representando paz e serenidade que acompanham tais cenários, e com a esperança simbolizada nas flores, nas crianças. Então o conjunto todo torna-se um símbolo na consciência do corpo, vendo, visualizando aquilo para o qual o próprio eu se está a elevar — e pode elevar também os que o rodeiam. Por isso, a entidade, o corpo, é verdadeiramente o missionário, o emissário.

Leitura 136-33

(P) Vi um animal a rastejar pelo chão, como que semi-consciente, numa condição de meia-luz cinzenta da madrugada.

(R) Isto representa o próprio despertar da entidade para a consciência da presença do espírito que testemunha a verdade do espírito interior daquele que dá e tira, dá e tira, para que possamos tornar-nos Um com Ele.

(P) Isto é algum tipo de despertar — de quê e de quem?

(R) Aplica a ti próprio, [136].

Leitura 2218-1

(P) Em relação ao sonho — [............ O meu filho, estava a dizer-me algo — a insistir muito para que eu não me esquecesse, mas ao acordar já tinha esquecido. Noutra ocasião, [...] também me dizia algo, e acrescentava para que não deixasse que o Sr. J... ouvisse o que ele tinha dito.

(R) Neste caso, como já foi indicado, o corpo pode alcançar grande compreensão relativamente às condições mentais, materiais e espirituais. Os sonhos são de três tipos ou naturezas: os que são puramente físicos, onde as condições são ampliadas pela ação do

sistema digestivo — e são muitas vezes chamados pesadelos. Os que são fruto da perturbação mental, ou da imaginação — frequentemente designados como desejos reprimidos, ou daquelas naturezas inatas em que o eu, ou a entidade — a alma do eu — tenta dialogar com a mente puramente racional.

E há depois aquela condição que foi apresentada a este corpo, em que as forças cósmicas da força universal — onde aqueles que passaram do plano físico podem sintonizar-se com a mente da alma de um indivíduo que possui essa força em si mesmo, onde o material foi posto de lado. Nesses casos, o corpo físico ou material só consegue trazer à consciência aquela parte em que o indivíduo se imprimiu na atividade da sua força mental. Estes sonhos podem ser aplicados no sentido material, seja como avisos, seja como conhecimento ou entendimento — e, em cada um deles, pode obter-se auxílio através da visão mais ampla daquele que comunica, ou da força entre ambos. Neste caso — o que foi dito ao corpo para que não esquecesse, refere-se às promessas que o corpo fez, de que o eu permaneceria sempre com o corpo — ausente do corpo, mas na alma e no espírito sempre presente.
A advertência dada é de proteção ao corpo. Cultiva a compreensão — aplica o que já sabes — e mais poderá ser revelado.

Leitura 281-19
(P) [1993]: Por favor interpreta o seguinte sonho que tive alguns dias antes do Natal: Estava a subir uma escada e, ao aproximar-me do topo, dei conta que faltava um degrau. Foi com grande dificuldade que continuei a subir naquele ponto. Felizmente, consegui alcançar o topo com a ponta dos dedos. Foi necessário todo o meu esforço para me puxar até cima. Os que vinham atrás de mim pareciam não ter tal dificuldade, e um deles comentou isso. Alguém que já estava lá em cima respondeu que, ao subir, eu próprio tinha colocado o último degrau da escada.

(R) Esta experiência é tanto profética como profunda para a consciência do corpo em ligação com a experiência da alma. Que a escada represente o Caminho é evidente, como já foi dado nas interpretações para aqueles que visualizaram até mesmo a escada para o céu sobre a qual subiam e desciam os anjos de luz.

O facto de faltar um degrau e de teres tido de fazer um esforço para alcançar o topo reflete experiências comuns à consciência de muitos, em que se sente que outros têm um caminho mais fácil e não enfrentam os mesmos desafios.

Mas, tal como foi dito por aquela voz que vinha de cima — quando o próprio eu facilitou o caminho para os que viriam depois, através das suas próprias experiências — que "Eu sou o caminho", sabendo que Ele de Si mesmo nada fez, para que, por meio d'Ele, outros pudessem aceder ao Pai.

E como diz a voz dos que clamam que o caminho é mais fácil — "Tu colocaste o último degrau, por nós"; e como vem o eco lá de cima, "Muito bem", então deve surgir em ti a paz interior de saber que o trabalho das tuas mãos é aceitável aos olhos Dele. Não para glória

vã, mas sim na felicidade que ultrapassa o entendimento, ao saber que a obra das tuas mãos é bem-vinda perante Ele.

Leitura 39-3
MHB: Agora terás diante de ti o corpo de 1391, presente nesta sala, e a mente interrogadora deste corpo, que teve o sonho que te vou relatar ao longo dos últimos seis anos. Em várias ocasiões, durante os últimos seis anos, o corpo visualizou o seguinte: Uma aeronave mais pesada que o ar, que recolhe a sua força de elevação e propulsão da atmosfera, por meio de pontas situadas no topo.

Por baixo desta máquina havia aparentemente duas barras pesadas de cobre a toda a sua extensão, com pequenas pontas por baixo, que quando carregadas com a força, elevavam a máquina no ar, aparentemente neutralizando a força da gravidade. A máquina era propulsionada pela energia que saía de pontos colocados na parte traseira. Queres interpretar este sonho ou visão, dizer-nos se tal máquina é prática, se tal energia está disponível, e como pode ser construída?

EC: Sim, temos aqui o corpo, a mente interrogadora, [39]. Com sonhos e visões como os que chegam aos indivíduos, estes pertencem a diferentes classes e grupos, e são emanações do consciente, subconsciente, ou supraconsciente — ou da combinação e correlação de todos, dependendo do indivíduo e do seu desenvolvimento pessoal — e devem ser usados na vida do próprio para o seu melhoramento.

Leitura 39-3 (continuação da visão anterior)

Nesta visão, encontramos uma condição emblemática a ser apresentada à entidade. Não se trata inteiramente de uma condição que não possa ser tornada viável, plausível, funcional ou utilizada na ação do esforço humano; contudo, para a entidade, trata-se de uma condição simbólica, com as forças conscientes a utilizarem aquilo em que a mente tem meditado para revelar as forças superiores a serem utilizadas pela entidade no desenvolvimento espiritual, mental e físico. E como vemos nas várias partes da visão, as pequenas alterações na composição da máquina indicam o grau de esforço das forças mentais da entidade para compreender essa mesma realidade; pois, como foi indicado, esta mesma visão surgirá outras três vezes no desenvolvimento da entidade, e em cada uma delas serão observadas mudanças — correspondentes ao crescimento da compreensão por parte da entidade relativamente às emanações ou à capacidade dos indivíduos de aplicarem, no plano material, as várias lições adquiridas.

Como se vê, todo o poder deve vir do alto. As barras representam, então, o alicerce do indivíduo, sobre o qual é concedido o poder de elevação, para voar através dos diversos campos do conhecimento, alcançando os pontos necessários ao desenvolvimento e à compreensão, de modo a aplicar essas forças no plano material. Tal como se vê nos vários pontos da máquina, toda a força, embora una, é recolhida de várias fontes e contactos — aquilo que no plano material é chamado de forças ambientais; enquanto no que diz respeito às forças hereditárias, são como aquilo que é deixado no rasto da força propulsora que guia

o corpo e a mente através dos espaços necessários para tornar o indivíduo uno em todas as suas aplicações nos vários campos do esforço — seja no estudo de áreas mais elevadas do pensamento ou nas curvas e desvios da vida quotidiana e dos contactos com os demais.
Na aplicação desta visão no campo das forças puramente mecânicas, estas — à medida que se forem apresentando — trarão ao conhecimento do indivíduo aquilo que é necessário para operar mudanças nos mecanismos que aplicam a força conhecida como terrestre, tal como foi utilizada há éones por aqueles veículos que se deslocavam pelo éter. (Ver Leitura de Vida 39-2)
Fica satisfeito com aquilo que adquiriste com a experiência, até que, pouco a pouco — um pouco aqui, outro ali, linha sobre linha, preceito sobre preceito — a aplicação daquilo que já foi alcançado permita que mais te seja concedido.

(P) A entidade, então, pode procurar esta fonte para mais informação sobre futuras experiências?

(R) A entidade pode procurar todas as fontes — pois, como se vê, há muitos pontos de elevação em direção ao céu. A estabilidade do eu — como se mostra nessas barras que elevam ou se mantêm paralelas à Terra — deve manter-se nesse brilho visível, para que possa ser alcançado mais poder, mais força, ao aplicar em si mesmo o que já foi conquistado.

(P) São todas as perguntas para esta leitura.

(R) Terminamos esta leitura por agora, pois muito mais poderá ser dado à entidade no que diz respeito ao seu desenvolvimento — mental, espiritual, físico.

Utiliza aquilo que tens à mão — pois a simples vara estendida sobre o vasto mar tornou-se poder nas mãos daquele que caminhava com a Energia Criadora — Deus.

A vara seca tornou-se amendoeira em flor nas mãos de quem procurou conhecer os Seus caminhos, e aplicou isso na vida. Mantém os teus caminhos retos. Caminha à sombra da Sua asa. Mantém os teus olhos, o teu coração, sempre voltados para aquela fonte de onde emana todo o poder que eleva o homem em direção ao Criador.

Leitura 137-84
(P) Estava a tomar banho nas ondas do mar e atirei-me de cabeça contra uma vaga, mas em vez disso mergulhei diretamente na areia, ficando preso com a cabeça enterrada. [140] chamou por [4167] para me ajudar e eles tentaram puxar-me. Acordei a tentar respirar, com grande dificuldade, como se estivesse a sufocar por causa da areia.

(R) Esta é mais uma experiência da mente consciente deste corpo, deste indivíduo, [137], das várias condições e fases que se manifestam na mente da entidade.
Como se vê, o oceano representa aquilo de onde toda a vida no plano material ou físico deriva, no seu próprio modo e maneira. A areia é a base de tudo. Mergulhar de cabeça, então, no oceano da experiência, pode levar a entidade a encontrar-se presa nesse mesmo

lugar. E uma mente invocada por alguém próximo da entidade, para ajudar ou libertar, pode confundir a mente sobre o que ela realmente obteve ao mergulhar nesse mar de experiências do plano material e espiritual da existência. Isso pode trazer consternação — ou, como se vê do ponto de vista físico, dificuldades em manter o equilíbrio mental nesse mar de vivências.

Isto, então, serve de lição à entidade: ao assumir uma experiência, aquela que a entidade vê, conhece, compreende, e agarra em parte — nas várias fases da existência terrestre, física ou material — essas lições são como degraus, e o caminho deve ser percorrido passo a passo, não com mergulhos de cabeça. Pois pouco a pouco, linha após linha, deve o indivíduo ganhar a plena compreensão das condições em que vive, se move e tem o seu ser.
Não que a vida e as suas fases sejam um mistério, ou algo a temer, mas sim que a glória de conhecer a existência e o seu significado é a verdadeira condição valiosa — tanto nos planos materiais como espirituais; pois, como se experiencia no próprio conceito da entidade, ao longo dos dias, com os receios pelas condições físicas do corpo, pelos impulsos mentais, pelas várias fases da condição material e do desenvolvimento mental, surgem despertares — nas diversas situações que ocorrem dentro do próprio ser, nas vibrações que são sentidas em torno do corpo — e surge a dúvida:

Serão estas vibrações algo criado pela matéria, ou serão a presença de alguma força invisível interior que procura expressão no mundo? Ou serão forças invisíveis de outro plano a procurar expressão neste?

Então, como a entidade já sabe e compreende, estas experiências são apenas um início. Não temas! Caminha! Não mergulhes! Enfrenta as condições — e está sempre pronto, como os antigos: "Aqui estou! Usa-me!"

Leitura 262-9
(P) [288]: Está correta a interpretação e lição que escrevi sobre a visão que me foi apresentada na manhã de 9 de Janeiro de 1932?

([Visão de [288] na manhã de sábado, 9 de Janeiro de 1932 — cerca das 6:30 da manhã.])
Apareci no meio de um grupo de pessoas, muito próximas umas das outras, de pé, vestidas de branco e vendadas. Cada uma tentava tirar a sua venda e colocá-la noutra pessoa. Eu tinha acabado de chegar e não trazia venda nos olhos — e percebi que todas se aproximavam de mim com a intenção de me tapar os olhos.

Raciocinando comigo mesmo, percebi que, se resistisse, elas seriam em número demasiado para eu conseguir lidar. Então, retirei-me mentalmente, fechei os olhos e separei-me mentalmente delas, ao mesmo tempo que recitava a pequena oração do Conhecimento do Eu. Ao fazê-lo, usei as mãos como asas e comecei lentamente a elevar-me.

As outras pessoas ficaram impedidas de me tocar pelo meu estado de consciência. À medida que os meus pés se elevavam acima das suas cabeças, vi-as a tentar agarrar-se a mim, a tentar alcançar-me. Elevei-me cada vez mais, sentindo-me mais leve, e tornou-se

cada vez mais fácil transcender o espaço. Ao passar por cada plano de desenvolvimento, o meu corpo transformava-se — até se tornar transparente.

Leitura complementar (visão final do "ser esfera")

Finalmente, alcancei o meu objetivo e deixei de me mover. Era uma esfera redonda e lembrava-me muito a lua cheia — tal como a vemos da Terra. Conseguia ver-me e sentir-me — a minha consciência estava em mim (na esfera), em todo o redor, e em todo o lado. Depois, derreti — evaporei-me, tal como fumo ou uma nuvem, e tornei-me um com o universo, uma parte do todo. A sensação que me atravessou foi a mais maravilhosa, prazerosa e abrangente que alguma vez experimentei. (É impossível descrever...)

(R) Em parte, está correto. Para melhor interpretar esta visão, que é claramente simbólica, seria útil haver uma colaboração suficiente de acontecimentos que afetem os indivíduos nela observados. Assim, uma interpretação mais precisa poderia ser alcançada.

(P) Qual o significado mais profundo deste sonho?

(R) Melhor será esperar e ver! [Ver sonho acima.]

Leitura 900–64
(P) 25 de Abril de 1925: Parecia haver duas formas de atravessar um rio — a ponte superior e a inferior. Como outros usaram a inferior, também eu a segui, mas desta vez ia deitado e a viajar mesmo junto à beira da água. Parecia perigoso, mas como já o fizera tantas vezes antes, sentia total confiança.

(R) Aqui vemos a correlação entre as forças físicas e subconscientes, e as lições retiradas da experiência: o rio representa o caminho da vida, a travessia da existência ou o percurso por onde o homem material passa neste plano terrestre. Existem dois caminhos: o superior e o inferior. O superior oferece uma visão ampla das Forças Universais; o inferior é o caminho das grandes massas. "Escolhe tu a quem queres servir."

Leitura 341-15
(P) Noite de 25 ou manhã de 26 de Outubro de 1925. Sonhei que subia com alguém ao topo de uma montanha alta. Depois mostraram-me uma vista maravilhosa que se estendia abaixo. Disseram algo — Lembro-me vagamente...

(R) Isto indica uma condição simbólica transportada nas forças mentais da entidade e correlacionada com as condições cósmicas, sendo esta a interpretação da visão ou sonho experienciado. Subir à montanha alta representa o desenvolvimento da vida rumo a estados que proporcionam maior compreensão do mundo físico. A vista alcançada representa o conhecimento adquirido, as posses, ou a capacidade de alcançar os desejos terrenos — mas também a consciência de que, como foi dito, "Embora seja belo — e se alguém conquistar o mundo inteiro mas perder a sua alma, que ganho há nisso?"

Leitura 294-15
Nota do Editor: Este é um dos sonhos do próprio Edgar Cayce.

Contexto anterior à leitura 294-15, contado aos presentes em 13/01/25:
A minha última experiência com o retorno da afonia foi talvez a mais notável. Não sei se ainda compreendi completamente o seu significado. Eis o que aconteceu: [19/12/1919] Durante cerca de 10 dias não consegui falar acima de um sussurro. Sentia que, se conseguisse colocar-me num estado subconsciente, talvez pudesse encontrar alívio. Era tarde de domingo. A minha esposa levou o filho mais velho a passear com o mais novo, que ainda era um bebé. Retirámo-nos para o quarto e tentei induzir o estado inconsciente.

A experiência durou talvez 30 minutos, sendo a única em que me lembro do que se passou. Já tive sonhos nesse estado. Seria isto um sonho?

Cena 1: À minha frente pareciam estender-se todos os cemitérios do mundo. Não via nada senão os lugares dos chamados mortos, espalhados por todo o mundo.

Cena 2: Depois, à medida que a cena mudava, os túmulos pareciam concentrar-se na Índia, e uma voz disse-me: "Aqui, conhecerás a religião de um homem pela forma como o seu corpo foi tratado." [Ver leitura 275-29, par. 22-A, em 21/12/1932]

Cena 3: A cena mudou para França, e vi os túmulos dos soldados — entre eles os de três rapazes que tinham sido da minha classe de escola dominical. Depois vi os rapazes — não mortos, mas vivos. Cada um contou-me como morreu: um sob fogo de metralhadora, outro na explosão de um obus, outro por fogo de artilharia pesada. Dois deles deram-me mensagens para os seus entes queridos. Apareceram-me tal como eram no dia em que se despediram de mim.

Cena 4: A cena mudou novamente, e comecei a raciocinar comigo: "Isto é o que os homens chamam espiritualismo. Poderá ser verdade? Estarão todos os que chamamos mortos ainda vivos noutro plano de existência?"

Poderia eu ver o meu próprio filho bebé? [Milton Porter Cayce]
Como que sob um dossel, surgiram camadas de bebés. Na 3ª ou 4ª fila desde o topo, do lado, reconheci o meu próprio filho. Ele reconheceu-me também. Sorriu, mas nenhuma palavra foi dita.

Cena 5: A seguir apareceu uma amiga que estava a ser enterrada naquele mesmo momento no cemitério local — alguém que conhecia bem e de quem comprara muitas flores para os meus alunos da escola dominical.

Ela falou-me sobre as mudanças que os homens chamam de morte, dizendo que era, na verdade, um nascimento. Falou especialmente do efeito das flores oferecidas em vida, dizendo que deviam ser dadas enquanto vivos, e não apenas nos funerais.
Falou sobre o seu significado para os doentes, os reclusos — e como significavam tão pouco para aqueles que já tinham passado do plano material para o espiritual.

Depois disse: “Mas para ser prática, há alguns meses alguém deixou contigo $2.50 para mim. Tu não sabes que isso foi feito, mas vais encontrá-lo numa gaveta da tua secretária, marcado com a data do pagamento — 8 de Agosto — e lá estarão duas notas de dólar e uma moeda de cinquenta cêntimos. Entrega esse valor à minha filha — ela vai precisar.”
“Sê paciente com as crianças — elas estão a aprender muito.”

Cena 6: A cena mudou mais uma vez, e apareceu um homem [4971] que tinha sido colega de direção durante anos na igreja a que pertencia. Falou-me do seu filho [228], que era meu amigo próximo e que estava prestes a regressar do exército. Disse-me que, apesar de ele provavelmente voltar ao seu cargo no banco local, era melhor aceitar uma oferta que lhe seria feita por uma sala de cinema. Depois falou sobre os assuntos da igreja. E então, voltei à consciência física.

Continuação da Leitura 294-15

Quando acordei, a minha voz estava normal, conseguia falar normalmente, embora a minha esposa me tenha dito que, durante os 30 minutos da experiência, eu não disse uma única palavra. Contei-lhe imediatamente o que tinha acontecido.

Sobre a *Cena 5*:
Fui ao escritório e procurei na gaveta da secretária onde me tinham dito para procurar — e de facto, lá estava o envelope. Tinha sido recebido no dia 8 de Agosto por uma das jovens que entretanto já tinha deixado o estúdio (e isto aconteceu em Dezembro).

Sobre a *Cena 6*:
No dia seguinte, tive de ir ao banco, e o jovem — meu amigo — foi quem recebeu o meu depósito. Perguntei-lhe quando tinha regressado e ele respondeu: "Ontem à noite."
Perguntei-lhe se tencionava ficar no banco e disse que sim, que pensava que sim.
Contei-lhe então que havia algo que queria relatar-lhe, e que ele poderia agir conforme sentisse. Veio ao estúdio dentro de uma hora, e eu contei-lhe toda a experiência. Ele disse-me que, no caminho de regresso de Washington, tinha parado em Atlanta, onde um amigo lhe propôs que assumisse a direção de uma sala de cinema. Tinha enviado, nessa mesma manhã, uma carta a recusar a oferta, mas iria de imediato enviar um telegrama a aceitá-la — o que fez.

O que esta experiência significou, não sei — nem se a interpretei completamente.

Sobre as *Cenas 1 a 4*:
Uma coisa sei. Viajei por muitos lugares dos Estados Unidos — norte, sul, este e oeste — e há poucos, se é que há algum cemitério, que não me pareça familiar. Tão familiar, que ao ver até uma pequena parte de um, posso, com alguns minutos de reflexão, contar muitos pormenores íntimos sobre esse cemitério em particular.
O que foi isto? Não sei.

Leitura 294-15 (interpretação)

MHB: Terás agora diante de ti o corpo de Edgar Cayce, presente nesta sala, e a visão (Sonho 1) que este corpo teve, em estado psíquico, na tarde de domingo, 19 de Dezembro de 1919.

Terás também diante de ti o sonho (Sonho 2), recentemente tido por este corpo, sobre o Sr. Linden Shroyer, com a água a correr sobre as rochas, separando as pessoas em grupos, ilustrando o carácter dos povos pelo que os rodeava, e o esforço para apanhar o peixe que se partiu, e a tentativa de o voltar a juntar.

Terás ainda o sonho (Sonho 3), tido por este corpo, Edgar Cayce, na segunda-feira, 5 de Janeiro de 1925, sobre a associação deste corpo com o trabalho do Instituto, juntamente com Morton Blumenthal e Madison Byron Wyrick.
Irás interpretar cada um destes três sonhos e indicar que lições podemos retirar deles.

EC: Sim, temos aqui o corpo, e a visão e os sonhos tidos por este corpo nas datas indicadas.
Como vemos, todas as visões e sonhos são dados para o benefício do indivíduo — se este souber interpretá-los corretamente. Pois vemos que as visões ou sonhos, seja qual for a sua natureza, são reflexos — ou da condição física, com aparições associadas, ou do subconsciente, com condições relativas ao corpo físico e à sua ação, seja mental, seja pelas forças espirituais — ou uma projeção das forças espirituais para o subconsciente do indivíduo. E feliz é aquele que pode dizer que lhe foi falado através de um sonho ou visão.

Sobre o Sonho 1 (visão de 19/12/1919):
Na primeira cena, vemos uma representação do estado existente no plano físico, dada de forma simbólica, que deveria dissipar todas as dúvidas relativamente ao plano material, mental e espiritual.

Na Cena 1, temos a representação de um mundo à espera — tudo quieto, tudo morto. Como foi dito: chegará o dia em que o evangelho será pregado aos que estão nos túmulos (João 5:25).

Na Cena 2, com a separação dos mortos e a representação das religiões do mundo centradas na Índia, é demonstrada a necessidade de um despertar espiritual.

Na Cena 3, com os túmulos em França, vê-se o início de um trabalho — pois as relações que existiram no mundo material são projetadas a partir do mundo espiritual.

Na Cena 4, quando o corpo vê o filho que partiu para o plano espiritual, reconhecendo-se mutuamente, é mais uma prova de que existe um reconhecimento, no plano espiritual, das condições que persistem no plano material.

Na Cena 5, a mulher falecida que fala sobre o amor, as flores, e a importância dos gestos feitos em vida, mostra como o pensamento e a ação no mundo material influenciam aqueles que acabam de entrar no plano espiritual.

Na Cena 6, temos o pensamento da capacidade daqueles que, embora afastados das condições terrenas, mantêm uma ligação espiritual com os que permanecem — oferecendo a sua força espiritual no plano terreno.

Sobre o Sonho 2 (água e separações):
A água representa a vida — o caminho vivo — que separa cada pessoa, cada grupo, segundo as suas ações no plano terrestre ou espiritual.
O peixe representa Aquele que é o Caminho Vivo, a Água da Vida, dada para a cura das nações. Apesar da separação e da quebra, surgirá uma força que restaurará este Caminho Vivo — a representação perfeita da força necessária para dar vida a todos.

Sobre o Sonho 3 (trabalho com Blumenthal e Wyrick):
Trata-se de uma representação das forças materiais necessárias para manifestar o trabalho no plano terrestre — sendo através destes dois indivíduos que poderá ser concretizado muito daquilo que foi revelado nas visões e nos sonhos.

(P) O que significa, na Cena 1 do Sonho 1, "aos que estão nos túmulos será pregado o evangelho"?

(R) Representa a condição espiritual que se manifesta novamente no plano terreno, de modo que a entidade possa aceitar ou rejeitar o evangelho.

(P) Para onde vão as entidades depois de deixarem o plano terrestre?

(R) Como foi dito: "Não me toques, pois ainda não subi para o meu Pai" (João 20:17). Com a separação da alma e do espírito do corpo físico, cada entidade entra no plano espiritual. Quando a separação é completa, a entidade dirige-se para a força que mereceu com base nas suas ações no plano terrestre, permanecendo nos diversos planos ou elementos preparados para o seu desenvolvimento espiritual — até estar pronta para novamente se manifestar na carne, consoante o progresso atingido. Pois a vontade deve tornar-se una com o Pai, para que possamos entrar no reino dos bem-aventurados.

Como foi dito (Mateus 5:8): "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus." E como se lê em Hebreus 12:14, apenas os verdadeiros, os perfeitos, verão Deus — e devemos ser um com Ele.

Leitura 281–6
(P) Qual o significado do sonho que tive, em que me era entregue uma taça e uma colher, e em que eu alimentava pessoas com comida espiritual?

(R) Como foi indicado, é necessário que muito daquilo que se dá ou se distribui seja feito em pequenas doses, e não de forma que leve os indivíduos a rejeitar ou antagonizar aquilo que é a verdade. Sabe bem: nenhuma mente finita pode conter toda a verdade!

Comunicação com os mortos em sonhos

Nota do Editor: Como observa Elsie Sechrist, "Os mortos diferem dos vivos apenas nisto: encontram-se num estado permanentemente subconsciente, pois a mente consciente do corpo físico já não existe. Mas o corpo é apenas uma concha descartável — tudo o resto permanece intacto. No plano astral, a mente subconsciente substitui a mente consciente da alma, e a supraconsciência ocupa o lugar do subconsciente."

Leitura 243–5
Nota do Editor: Um ponto frequentemente destacado nas leituras de Cayce é que o contacto com os mortos tem como primeiro propósito a transformação e o despertar espiritual de quem sonha.

MHB: Terás agora diante de ti o corpo e a mente interrogadora de [243], presente nesta sala, e o sonho recente que este corpo teve, no qual a sua mãe falecida, [3776], se lhe dirigiu, abraçou-a e disse que a amava. O corpo perguntou-lhe se ela sabia o quanto sempre a tinha amado, e a mãe respondeu: "Sim, sempre o demonstraste."
EC: Sim, temos aqui o corpo e a mente interrogadora desta pessoa, [243], presente nesta sala.

Como se vê, os sonhos chegam ao indivíduo quando a mente consciente é subjugada e o subconsciente da alma — quando liberto — consegue comunicar com o subconsciente de outros, estejam eles no plano material ou cósmico. Neste caso, o corpo-mente absorve esse conceito subconsciente que está mais próximo das forças da alma — e a mãe, ainda viva na essência do ser, transmite essa certeza através deste meio, que pertence à existência plena:

"Irmã, irmã — como tu vês, a Mãe vê, a Mãe sabe, a Mãe sente o mesmo amor que existe na Terra e que molda o lar celeste. E embora eu esteja nos planos espirituais, continuo presente nas mentes e nos corações daqueles que me expressam o amor que foi construído no ser — o amor que o Mestre mostra a todos ao dizer que prepararia a morada para os que viriam depois d'Ele.

Ama os que te rodeiam como a Mãe te ensinou, e sê aquilo que a Mãe desejava que fosses — pois a Mãe não te deixa, Irmã — e a Mãe sabe! Porque a vida é toda uma só vida, tal como o Mestre disse que era a vida e a luz do mundo. No mesmo conceito que é sentido quando a Mãe acolhe a Irmã nos seus braços — e a Mãe sabe! A Mãe sabe!"

(P) A mãe guia e protege, como um anjo vivo, embora invisível aos olhos físicos?

(R) Aqui se vê o que tantas vezes foi dito: que, através da subjugação das forças físicas, o subconsciente — que é a mente da alma — transmite os mesmos sentimentos, as mesmas expressões, que verdadeiramente constroem no plano material.

Como foi experienciado por este corpo-mente, [243], o amor que é expresso através do amor materno não é algo do passado, nem ausente, nem perdido entre os vivos! Porque Deus é o Deus dos vivos, o Salvador é o Salvador dos vivos. Que os mortos enterrem os mortos —

e que os vivos estejam vivos para aquilo que pode ser alcançado pelas manifestações mais próximas dos guardiões que acompanham os que procuram conhecer o Seu caminho.

Leitura 136-70
(P) Nos dias 29 ou 30 de Agosto, os meus pais falecidos [1139] apareceram-me e estavam felizes por me ver. Disseram-me que a minha irmã [3816] se tinha suicidado.

(R) Aqui, o que se apresenta à entidade ou à consciência do corpo é o entendimento que os pais querem transmitir acerca do estado mental da irmã — e da sua incapacidade ou falta de preparação para lidar corretamente com as condições da vida.

Como se vê, os corpos (o corpo etéreo ou astral) dependem do corpo físico aqui — de ti, [136] — para instruir, orientar e aconselhar a irmã [3816] de forma que ela possa crescer espiritualmente, em vez de se deteriorar interiormente.

Estas condições vivem-se na mente. Lembra-te sempre: os pensamentos são atos no sentido espiritual, pois moldam ou destroem as ações do ser interior.

(P) Sonho da manhã de 25 de Agosto, com a minha mãe [139] a mostrar-me uma multidão e a apontar para Sidney [...], que estava a morrer. Vi os olhos dele já vidrados. A minha mãe falecida chamou-me a atenção para isso. Num último esforço, ele tentou levantar-se, mas não o deixaram. A minha mãe mostrou-me que, naturalmente, não o permitiriam. Depois ele caiu de novo e morreu. Chorei, e a minha mãe disse-me para não chorar.

(R) Neste símbolo e forma de apresentação, vemos que há lições a serem transmitidas à entidade, através do esforço da mãe e das forças guardiãs que a acompanham — lições sobre as várias fases do desenvolvimento da vida.

Neste indivíduo, e tal como a mãe compreendia, este ser representa uma condição específica nos assuntos terrenos ou em certos papéis sociais.

A morte representa que, perante ela, todos se tornam iguais. E nos momentos de transição, nada pode ser feito para alterar o que já foi vivido. A lição: a vontade do homem ou da mulher é o verdadeiro instrumento a usar para o crescimento no plano material. As posições, os confortos do mundo físico podem satisfazer por um tempo, mas não trazem compreensão nem a paz de uma vida bem vivida.

Nem assumas um semblante carregado, nem te entregues ao desânimo — pois a vida é real, a vida é séria! Mas não é tudo viver, nem tudo morrer — pois os pensamentos e ações feitos na mente e no corpo são as estruturas que a alma edifica e que um dia terá de confrontar.
A alma vive, é parte da Energia Criadora e retorna ao Todo — mas preserva em si a consciência de ser única, ainda que parte do Todo. Que ser seria aquele que, tendo consciência do Todo, desejasse moldá-lo à sua imagem, em vez de se tornar um com o Todo?

Leitura 140–10
(P) No sonho seguinte, [137], a minha mãe e eu estávamos sentadas numa sala. Eu vestia o meu roupão azul. Sabia que estava morta, mas lá estava eu sentada, tal como me sento em vida, com a mesma aparência e roupa.

Perguntava-me se os outros sabiam que eu ali estava, se sabiam o que eu sabia — que tinha morrido. Conseguia ver os outros e a mim própria. Mas será que eles sabiam que eu sabia da minha presença e consciência, mesmo após a morte? Estava sentada ao lado de [137], acariciando-o e amando-o como antes.

Então, a minha tia Lily [...] entrou na sala e falou com a minha mãe e com [137]. Percebi que este momento seria a prova de se sabiam ou não da minha presença. A tia Lily olhou diretamente para a cadeira onde eu estava sentada — mas não me viu. Para ela, eu não estava lá!

Leitura complementar (continuação de 140–10 e 136–45)

(R) Isto demonstra novamente essa mesma força mencionada no conceito de que é necessária uma preparação no plano físico, para que cada um possa compreender a ligação entre o físico e o espiritual. Assim, a condição observada e vivida pela entidade nesta visão serve para criar uma ponte sobre esse abismo. Ou seja, a consciência da entidade está, nesta visão, a adquirir um conceito do que se entende por "morte física", e essa consciência, com todos os seus laços terrenos, enquanto permanecer no plano da Terra, continua ciente daquilo que ocorre no físico, compreendes? E isso passa a ser uma ação do plano espiritual. Portanto, a lição está dada: a entidade deve retirar desta experiência uma compreensão das grandes verdades que surgem das forças subconscientes manifestadas no mundo físico — para que a plena consciência de si, enquanto projeção do subconsciente ou do "plano da morte", possa ser compreendida ainda em vida física.

(P) Eu estava morta, mas consciente de mim como [140], vestida como ela se vestia, na mesma sala onde [140] vivia. Isto seria possível para a entidade espiritual de [140], em forma elementar? Poderia eu, em forma, fazer isso?

(R) A consciência do subconsciente é do plano terreno no plano da morte, assim como a consciência espiritual está presente no plano físico. Uma projeta-se na outra e reciprocamente. Tal como se veem manifestações da força espiritual no plano físico, também pode haver manifestações do plano espiritual elementar no plano físico. E essa projeção é movida por essa força — o amor, o afeto, o desejo de proximidade e união com aqueles que são amados, percebes?

(P) Poderia esta consciência cósmica estar disponível à minha consciência subconsciente — ou seja, a consciência da vida após a morte?

(R) Como já foi dito.

(P) Continuarei a amar o meu marido e poderei estar consciente de mim a acariciá-lo?

(R) Exatamente da forma como foi descrito. Para ilustrar: o ser amado está no plano espiritual. Aquele que ama entra em sintonia com esse elemento de amor espiritual, que se manifesta nas forças físicas ou materiais. Então, esse amor atrai ambos — como se se encontrassem nos braços um do outro.

(P) Poderia eu, não só ver a realidade espiritual com a minha nova mente espiritual, mas também ver a forma manifestada dessa realidade espiritual nos corpos físicos da minha mãe, do meu marido e da minha tia Lily?

(R) Tal como foi explicado anteriormente, sim.

(P) Seria minha a escolha de regressar ou não a essas condições — digamos, ao amor pelo meu marido? E, tendo criado essa capacidade de amor por este indivíduo, poderia eu tomar a antiga forma de [140], ir até [137] e acariciá-lo?

(R) Com a sintonia vinda do outro lado, tal como foi descrito.

(P) Conforme foi mostrado aqui, o [137] físico não teria consciência disso — mas poderia ele ter, se estivesse a dormir — isto é, se o seu subconsciente e o meu subconsciente se encontrassem como uma onda de rádio que causa som quando a máquina está sintonizada?

(R) Exatamente. Essa é a analogia. Ambos devem estar em sintonia e desligados das forças físicas para que se tornem conscientes — pois tratam-se de elementos espirituais.

(P) Sendo assim, poderia eu transmitir uma mensagem a [140] ou à minha mãe? E por que razão não poderia eu transmitir uma mensagem através de outra mente, ou de um canal que eu encontrasse, para levar uma mensagem a [137]?

(R) Apenas com sintonia a mensagem é recebida — como num rádio. Só com a mesma sintonia pode uma mensagem ser entregue a alguém.

(P) Então, nesse caso, aqueles que subjugam os seus corpos físicos (os chamados médiuns) seriam canais para tal mensagem — abrindo-se à receção dessas mensagens enviadas do meu "eu morto" ao meu marido vivo? É isso?

(R) Tal como um beijo pode ser enviado de uma pessoa para outra.

(P) Ou seja, o subconsciente de um médium poderia encontrar no estado subconsciente espiritual do espírito o meu estado amoroso e expressá-lo — se o corpo físico dele, ou de outra pessoa, fizesse com que o subconsciente do médium sintonizasse pensamentos de amor. Correto?

(R) Só é correto na medida do que já foi explicado: o médium é apenas o meio pelo qual a transmissão de uma condição passa — e é influenciado pelo físico, pela consciência cósmica do indivíduo.

(Mas atenção à diferença:)

A condição subconsciente em que o subconsciente entra em contacto, por sugestão, com toda a força espiritual una — enquanto elemento de energia presente na natureza — manifesta-se segundo a capacidade da entidade de apresentar essa condição à consciência de quem deseja essa informação da consciência cósmica.

Compreendes agora? Não o vês, mas é exatamente isso!

(P) Agora, aplicando isto num exemplo: se [137], ou a minha mãe, através de um pensamento ou palavra física, própria ou de outrem, direcionassem o subconsciente à sintonia com a minha ação espiritual de amor...

(EC interrompendo) Eles próprios poderiam fazê-lo — mas não através de outra pessoa — para alcançar essa consciência de proximidade e união com a entidade. Entendes?

(P) (Continuando) [137] ou a minha mãe poderiam então receber, através do seu próprio canal subconsciente ou o mesmo canal subconsciente que estivesse presente num médium...

(EC interrompendo novamente) Não através do médium — através de Si próprios. Esquece o médium, se quiseres compreender estas condições!

(P) (Continuando) ...poderiam receber a ação amorosa da minha consciência subconsciente, expressa em palavras compreensíveis para eles? Correto?

(R) Correto, mas apenas na medida do que já foi explicado! Esquece o resto!

Leitura 136–45

(P) Manhã de 5 de Setembro. A minha mãe falecida apareceu-me. Disse-me: "Estou viva."

(R) (interrompendo) Ela está viva!

(P) (Continuando) "Algo está mal com a perna ou o ombro da tua irmã" (ou ambos — não me lembro com clareza). "Ela devia ir ao médico."

(R) Isto, como se vê, representa uma experiência que aproxima a entidade da união com as forças espirituais — manifestadas através da sintonia entre essas forças e o plano material. Pois, como se vê, a mãe, através da mente da própria entidade, age como mãe de todos naquele lar. Está a dar um aviso — sobre condições que estão a surgir, ou que já existem. Então, avisa a irmã quanto a isso, percebes?

(P) Ora, aqui está uma prova concreta — se a minha mãe me pode dizer que há um problema com a minha irmã, e eu, no corpo, ignoro esse problema, então devo concluir...

(R) (interrompendo) Então, o corpo apenas ignora isso no sentido físico. O subconsciente está em união plena com a mãe e a irmã — no estado subconsciente. Compreende estas condições, ao tentar assimilar a lição que está a ser oferecida.

Leitura 136–33

GC: Terás diante de ti o corpo e a mente interrogadora de [136], da cidade de Nova Iorque, e os sonhos que este corpo teve nas datas que irei indicar. Deverás dar a interpretação e a lição a retirar de cada um deles, à medida que to leio, e responderás às perguntas que te fizer a respeito dos mesmos.

EC: Sim, temos aqui o corpo, com a sua mente interrogadora. Já o tivemos anteriormente.

Os sonhos, como vemos, são oferecidos ao corpo para a edificação das forças mentais — e, quando bem utilizados, podem proporcionar à entidade uma melhor compreensão dos fenómenos da vida, e de como estes, nas suas variadas formas e manifestações, se expressam no mundo espiritual e físico — e de como o físico pode tornar-se consciente deles. Pronto para os sonhos.

(P) Noite de sábado, 13 de fevereiro, ou manhã de domingo, 14 de fevereiro de 1926. Ouvi uma voz que reconheci como sendo da J.S., uma velha amiga de Nova Orleães que me amava profundamente em criança, embora não a visse há dois ou três anos. A impressão da J.S. a falar comigo foi muito marcante e, durante algum tempo, não vi a sua figura, mas senti que ela estava com a Mãe no hospital, no momento em que a Mãe passava desta consciência terrena para a outra. J.S. estava presente na transição — e estava agora com a Mãe, dizendo-me: "A tua mãe está tão feliz como sempre." Disse-me mais coisas sobre a Mãe, que já não consigo recordar. Podes recordar e explicar-me isso, por favor?

(R) Neste sonho, é oferecida à entidade uma compreensão do que significa a vida para além do plano físico. Pois, como se observa, os companheiros amados procuram o reencontro nesse outro plano, pois "como a árvore cai, assim fica". Vê-se, então, a mensagem vinda de um ente querido dirigida a outro, mostrando que a ligação e o carinho não se perdem. Assim, a entidade deve retirar força do que foi mostrado quanto à condição da Mãe, e saber que ela vive nesse plano onde também está J.S., e que a companhia entre ambas permanece, até que os desenvolvimentos do plano terrestre levem à ascensão a planos superiores — ou a um novo retorno. Pois muitas mudanças são necessárias no percurso de cada alma.

E à medida que estas mudanças são vislumbradas, devem trazer à entidade força e entendimento. Pois, como foi dito, ela está bem, feliz, e livre das preocupações que tinha no plano terrestre, mantendo, porém, o mesmo amor — agora elevado à união com as forças espirituais da alma.

(P) Eu não estava a pensar na J.S., que morreu três semanas antes da minha mãe — como e porquê foi esta entidade a transmitir-me a mensagem?

(R) A própria entidade pode responder a essa pergunta internamente, se não se culpar pelas condições físicas — pois essa culpa traz mágoa ao coração. A autocrítica física em relação às circunstâncias existentes bloqueia essa clareza.

Quando isso for abandonado, poderá perceber-se como a amizade, o amor de alguém próximo e querido, se prontifica a ajudar — quando a pessoa se coloca numa posição recetiva. E assim, cada experiência pode ser fonte de maior entendimento sobre essas forças que se manifestam de forma concreta no mundo físico.

Vês então que, com isto, a entidade pode compreender que a mãe não partiu sozinha, não está só naquele mundo invisível, mas acompanhada pelo mesmo carinho, o mesmo amor — agora compreendidos com maior profundidade.

(P) J.S. estava lá para guiar a minha mãe na transição do plano físico para o espiritual? Ambas faleceram com três semanas de diferença — estarão ainda neste plano?

(R) Ambas ainda estão no plano físico ou na esfera terrestre — até que essa força as conduza na sua contínua evolução em direção à União com a Força Universal, percebes?

(P) Então, um espírito guia outro na transição?

(R) "Eis que estou contigo, e mesmo que andes pelo vale da sombra da morte, o meu espírito guiar-te-á." Como se vê aqui, estas verdades são dadas de forma que os homens possam ver e compreender, através da experiência das separações físicas, que é a falta de compreensão da consciência espiritual que impede essas forças de se manifestarem no sentido físico.

(P) A voz dizia: "A tua mãe está viva e feliz."

(R) A tua mãe está viva e feliz. Tal como foi dito, a entidade pode saber que tudo leva a mostrar, a provar, a fazer compreender que se vivermos n'Ele, n'Ele seremos feitos vivos — pois não há morte, apenas a transição do plano físico para o espiritual. Assim como o nascimento físico marca o início da vida na Terra, também a morte física marca o nascimento no espiritual.

(P) Então, a minha mãe vê-me e ama-me como sempre?

(R) Vê-te e ama-te como sempre. Tal como o amor se manifestava no mundo físico, e como a entidade o alimenta, o deseja e se sintoniza com esse sentimento, assim esse amor continua a existir. Pois, no espírito, tudo o que é falso é deixado para trás.

(P) Ela tenta dizer-me: "Estou viva e feliz"?

(R) Diz à entidade: "Estou viva e feliz" sempre que a entidade se coloca em sintonia com essa união espiritual.

(P) Senti-a comigo, especialmente quando beijei o seu corpo já sem vida — senti que ela sabia e respondeu. Mas será que respondeu? Ou estarei a enganar-me?

(R) Da forma como a entidade se entregou nesse momento, a resposta veio. Não, não estás a enganar-te. Pois a alma vive e está em paz — e deseja que a entidade saiba que ela

vive.
E como foi dito: "Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, eu vo-lo teria dito." E ainda: "Vou preparar-vos lugar, para que onde Eu estiver, vós estejais também."
Estas palavras são tão verdadeiras para esta entidade agora como foram para aqueles que O escutavam.
Pois, à medida que nos preparamos para essa união, é como Ele disse: "E se Eu for levantado, atrairei todos a mim."

E como também foi dito: "Não digas a ti mesmo: Quem descerá aos abismos para o trazer? Ou quem subirá aos céus para o descer?" Pois o espírito da paz, da verdade e do amor está no teu próprio coração.

À medida que o espírito interior se harmoniza com os espíritos nesse plano, pode conhecer, compreender e acolher essa verdade que liberta.

(P) O meu antigo namorado, J.S., veio à nossa casa (em Nova Orleães) para me ver no meio do luto pela minha mãe. Disse-me: "Vim só ver-te porque amava a tua mãe."

(R) Novamente, uma demonstração à entidade, do ponto de vista físico, de como o amor guia, dirige, sustenta o mundo. Como foi dito, "Deus é Amor", e assim como os seres físicos expressam o desejo de consolar, cuidar e amar — esse mesmo amor físico permite compreender o amor que existe pelas almas daqueles que amam o Senhor e a Sua vinda.

(P) Então, o que indica isto em relação aos acontecimentos passados?

(R) (EC interrompendo) Tal como foi dito — não se refere ao passado, mas às condições presentes.

E à medida que isto se torna — e é — uma bela homenagem na mente da entidade, para consigo e para com o ente querido, que esta seja a lição:
Se o amor filial se manifesta no mundo material de forma tão bela, quanto maior não será o amor expresso pelo Pai Celestial!

Relato da Leitura 294–114

Nota do Editor: Este é um sonho de Edgar Cayce que não foi submetido para interpretação numa leitura formal.

18 de Outubro de 1930 — Durante uma Leitura Física, 209-1:

Edgar Cayce teve uma experiência de sonho invulgar. Ao despertar, descreveu a experiência da seguinte forma:

"Estava a preparar-me para dar uma leitura. Quando saí, percebi que tinha contactado a Morte — como personalidade, como indivíduo, como ser. Ao aperceber-me disso, comentei com a Morte: 'Tu não és como geralmente és retratada — com capuz negro, ou como um

esqueleto, ou como o Velho do Tempo com uma foice. Em vez disso, és clara, com faces coradas, robusta — e tens uma tesoura ou uma tesoura de poda. Na verdade, tive de olhar duas vezes para os pés ou membros, ou mesmo para o corpo, para te ver tomar forma.'

A Morte respondeu: 'Sim, a Morte não é o que muitos pensam. Não é essa coisa horrível como frequentemente se pinta. É apenas uma mudança — apenas uma visita. A tesoura, ou as lâminas, são de facto os instrumentos mais representativos da vida e da morte para o homem. De facto, unem ao separar — e separam ao unir.

O cordão não se quebra como geralmente se pensa — a partir do centro — mas sim a partir da cabeça, da testa — daquela parte suave que vemos pulsar num bebé. Por isso é que os idosos, sem o saberem, ganham força dos jovens ao beijarem esse ponto; e os jovens adquirem sabedoria por esses beijos.

De facto, as vibrações podem ser elevadas a tal ponto que o cordão pode ser reacendido ou reconectado, tal como o Mestre fez com o filho da viúva de Naim. Pois Ele não o tomou pela mão (que estava amarrada ao corpo, como era costume), mas sim acariciou-lhe a cabeça — e o corpo tomou vida da própria Vida!

Vês então, o cordão de prata pode ser rompido — mas a vibração...'"

Aqui o sonho terminou.

Nota do Editor: Quando se está preparado para sonhar com os que partiram?

Segundo os comentários de Harmon Bro, um dos estudiosos da obra de Cayce:

1. A primeira indicação de que alguém está preparado para tais sonhos é quando os tem. O subconsciente não oferece experiências que o indivíduo não esteja preparado para receber, se ele assim escolher.

2. Está-se preparado quando não se fala levianamente dos mortos. Cayce alertava que estes sonhos podem ser formas perigosas de escapismo.

3. Está-se pronto para sonhar com os mortos quando se ama e serve verdadeiramente os vivos. Esses sonhos surgem sempre com um propósito pessoal — para crescimento individual ou para serviço concreto no dia-a-dia. Sonhos que parecem mensagens para o "público em geral" são suspeitos.

4. Está-se preparado quando se está tão disposto a ajudar os mortos como a receber ajuda deles. Quando surge espontaneamente a oração por um desencarnado, então é possível que venha uma visão.

5. Está-se pronto quando se superaram as mágoas e culpas em relação ao falecido, e se perdoou quaisquer feridas. Sem isto, quase nenhuma comunicação verdadeira é possível.

6. Finalmente, pode-se sonhar com os mortos quando a própria vida está a aproximar-se do seu fim natural, e chegou o momento de se preparar para a nova jornada.

OS SONHOS DE EDGAR CAYCE

Nota do Editor: Cayce submeteu perto de cem dos seus próprios sonhos para interpretação, sendo um dos quatro indivíduos com quem trabalhou para se tornarem "sonhadores treinados". Iniciou o estudo dos seus sonhos pouco depois de se mudar para Virginia Beach, por indicação das próprias leituras. Curiosamente, por vezes sonhava durante as leituras em transe, lembrando-se do sonho ao acordar, mas sem memória do conteúdo da leitura em si.

Num dos casos, ao submeter um sonho para interpretação, a sua própria fonte psíquica recusou dar informação, afirmando que Cayce ignorara os ensinamentos anteriores dos sonhos, sem tomar medidas para corrigir ou ajustar a sua vida.

Leitura 294–196 (14 de Fevereiro de 1940)

GC: Terás agora diante de ti o corpo e a mente interrogadora de Edgar Cayce, presente nesta sala, e o sonho que este corpo teve esta manhã, 14 de Fevereiro de 1940, em que aparentemente falava com a sua mãe. Darás a interpretação e a lição a retirar desta experiência.

EC: Sim, temos o corpo, a mente interrogadora, Edgar Cayce, e o sonho ou visão onde houve uma conversa com a mãe, acerca da ideia ou pensamento que tem sido apresentado a muitos — o regresso das vidas individuais; o renascimento ou reencarnação.

E, como indicado, isto serve de prova à entidade de que existe de facto o renascimento físico de uma alma; pois a mãe irá, nos nove meses seguintes, como foi mostrado, renascer na Terra — entre os que são próximos e queridos à entidade.

Isto é, então, uma expressão de que deve haver meditação, reflexão, estudo sobre as várias formas pelas quais a Força Criadora — Deus — opera os seus milagres entre os homens.

Nota adicional sobre a leitura 294–196:

Na altura da leitura, pensou-se que o sonho podia referir-se ao bebé que [295] esperava — nasceu a 4 de Novembro de 1940, uma menina. No entanto, a Leitura de Vida 2391-1 revelou que esta criança tinha sido [4324] na sua encarnação anterior. Curiosamente, [4324] era uma prima jovem de Edgar Cayce, praticamente criada pela sua mãe. O apelido

dela era o mesmo que o da mãe de Cayce antes de casar, e o seu nome próprio era o mesmo do nome do meio da mãe de Cayce. Ela faleceu aproximadamente na mesma altura que a mãe de EC.

Sonho não interpretado, 17 de Fevereiro de 1942 (entre as 23h30 e as 00h30 de 18/02/42):

"Encontrei-me numa terra inferior — o mundo dos mortos — e reconheci-o como sendo ao longo do caminho que costumava percorrer para chegar à 'Casa dos Registos', onde buscava as Leituras de Vida. Havia muitas pessoas que eu conhecia, homens e mulheres.
Parecia que já lá estava há algum tempo. Eventualmente, encontrei a Gertrude e a Srta. Gladys juntas.

Finalmente consegui dar-me a conhecer a elas e disse-lhes que tínhamos de começar o trabalho — pois embora aquele fosse um lugar de transição, tinha a certeza de que também era um lugar de trabalho.

Perguntei-lhes onde viviam. Responderam que era 'ao longo da estrada'.

Disse então: "Temos de construir um local onde possamos continuar o nosso trabalho, porque os lugares que aqui existem são aquilo que nós próprios construímos enquanto vivíamos na Terra. E embora aqui tudo surja com o simples pensamento, **não devemos tomar tudo por garantido."

Elas responderam: "Mas como havemos de construir uma casa, se não temos com quê?"
Eu disse-lhes: "Primeiro temos de encontrar alguém que saiba como.""

Sonho de Edgar Cayce – 17 de Dezembro de 1942
(Referido em relação à leitura 2051-5, Parágrafo R1, no mesmo dia, sobre uma conversa real com a filha de [2051] acerca de "manter-se ocupado do outro lado")

Enquanto caminhávamos por um lugar muito belo, encontrámos alguém. Eu disse: "Não sabes quem é aquele?"

Cada um disse: "Parece-me familiar, mas não sei exatamente quem é."

Eu disse: "Ora, é o Sr. [2051], ele construirá para nós."
Todos os três falámos com ele e, eventualmente, conseguimos fazê-lo perceber quem éramos.

Quando lhe dissemos o que queríamos fazer, ele respondeu: "Oh não, eu já tenho a minha casa, tudo o que preciso — porque haveríamos de ter de trabalhar?"

Respondi-lhe: "Bem, temos de trabalhar aqui como em qualquer outro lugar. Se simplesmente nos contentarmos e ficarmos sentados, nunca chegaremos lá acima, a Quem estamos a procurar. Ele pode passar por aqui, mas não estaremos prontos para ir a lado

nenhum se não estivermos a fazer algo. E acho que temos muito a dizer a estas pessoas. É lindo, é sereno, é calmo; não temos de nos preocupar com vento, nem com o tempo, nem com comida, nem com noite ou dia, porque é aquilo que quisermos — mas temos de nos lembrar que Ele nos disse: 'Devemos sempre fazer tudo com decência e em ordem.'"

Então o Sr. [2051] disse: "Está bem, conheço alguns outros aqui — construiremos isso."

Fomos, então, por uma linha dourada, onde não era tão belo à vista, mas estava mais perto da casa dos registos. Ele disse: "Gostava de pinho bonito para construir," e imediatamente apareceu a madeira mais bonita — começaram a construir; quarto após quarto após quarto. Tudo parecia terminado assim que era montado, como se se construísse sozinho.
Ele disse: "Isto é muito mais divertido do que não fazer nada!" Mas perguntou: "Porque queres tantos quartos?"

Disse-lhe que achava que íamos ter de continuar o trabalho ali.

Ele perguntou: "Vais dar Leituras aqui?"

Disse-lhe que talvez tivesse de o fazer, porque muitos daqueles que estavam ali não sabiam quem eram, e nós também não, porque tinham perdido os nomes. E, reparas, nenhum de nós tem o mesmo nome que tinha na Terra, mas sabemos quem somos. Porque todos temos o mesmo nome — Jesus.

Ele respondeu: "É verdade, nunca tinha pensado nisso. Mas diz-me, viste alguém que esperávamos encontrar no céu? Porque isto é o céu, não é?"

Respondi que não sabia, mas achava que estávamos no caminho certo.

Começámos então a realizar reuniões na pequena casa. Ele trazia pessoas, e íamos conhecendo-as, e acabávamos por conseguir que ficassem, pois a casa era muito bonita. Muitos não sabiam dizer quem eram, nem o que queriam — e nós também não os reconhecíamos.

A chegada de Dr. House e o reencontro de almas

Depois, numa das vezes em que os quatro estávamos juntos, vimos o Dr. House.
Disse à Gertrude e à Srta. Gladys: "É ele quem queremos que nos ajude."
Tentámos falar com ele. Inicialmente, ele não compreendia o que lhe queríamos dizer, nem conseguíamos dar-nos a conhecer.

Mas, depois de lhe recordarmos muitas coisas que tinham acontecido na Terra, ele começou a reconhecer-nos e disse que ficaria feliz por voltar ao trabalho — mas não sabia que as pessoas tinham de trabalhar ali — e que não conhecia tantas pessoas quanto pensava que iria encontrar.

Então, começou a reunir-se connosco e continuámos a tentar descobrir quem eram as pessoas e o que queriam fazer.

As multidões começaram a crescer. Depois, vimos na estrada o Dr. Andrew Sargeant, com a sua primeira esposa, Lizzie Gish.

Fui o primeiro a reconhecê-los, disse à Gertrude — ela também os reconheceu gradualmente — e então o Dr. House também reconheceu o Dr. Sargeant, mas disse que não conhecia a mulher.

Enviámos então o Sr. [2051] e outros com ele para os convidar a uma das nossas reuniões.
Vieram, pareciam felizes, mas não sabiam porque estavam atraídos um pelo outro.
Então comecei a dizer-lhes quem eram.
Dr. House sugeriu: "Para que compreendam, porque não lhes dás uma Leitura?"

PRIMEIRA LEITURA "NO ALÉM" E AS CRIANÇAS NÃO NASCIDAS

Então, pela primeira vez, deitei-me e dei uma Leitura como fazia na Terra.
Todas as pessoas se reuniram para ouvir.
A Srta. Gladys escrevia em grandes folhas, que pareciam de celofane — mas, à medida que escrevia, percebia que estava a surgir em cinco línguas diferentes — o inglês no centro.
Havia francês, alemão, italiano e chinês — e todos conseguiam ler.

O que foi dito dizia respeito a assuntos pessoais que tinham vivido juntos na Terra, e reconheceram essas vivências.

A pergunta deles era: "Porque fomos atraídos um pelo outro aqui, e o que devemos fazer?"
Foi-lhes dito que não tinham tido sucesso juntos na Terra porque ele queria filhos e ela não.
Agora, teriam de cuidar de muitas crianças ali — crianças que não tinham sido desejadas pelos pais — ou que tinham sido abortadas após já ter havido atividade suficiente para que o espírito ou a vida tivesse entrado, o que, disseram, acontecia aos três meses.

A casa começou a crescer, à medida que se enchiam os quartos com crianças. As multidões também aumentavam — pessoas querendo saber quem eram.

O Dr. e a Sra. Sargeant começaram a registar quem eram essas crianças, guardando os dados em grandes arquivos escritos com luz, em cinco línguas, visíveis a quem passasse.

REFLEXÃO FINAL E A ÁGUA DA VIDA

Comecei a pensar em como as condições podiam ser melhoradas.
Pensei: "O que precisam para compreender melhor é de água — a água da vida, pois Ele disse que deveríamos nascer da água e do sangue."
Então percebi que não havia casa de banho.

Falei com o Sr. [2051], o Dr. House e os demais, e disse-lhes o que iríamos fazer: iríamos pedir pela água da vida, e perguntar numa Leitura se poderíamos tê-la.
Enquanto se reuniam, a Sra. Lizzie Gish (Sra. Sargeant) disse:
"Agora compreendo o que significava aquela reunião, quando o Senhor lhe disse, Sr. Cayce: 'Ensina o meu povo!'"

(*Ver sonho de 13/01/40, leitura 294-189*)

Foi aí que acordei.

Nota deixada em aberto no final do sonho:

O Dr. House perguntou:

"Se o Dr. Sargeant está agora a resolver o fracasso que teve na Terra com a sua primeira esposa, o que acontecerá com as outras duas mulheres com quem casou lá?"
Então tirámos uma Leitura que disse:

"Eles devem regressar à Terra juntos, resolver isto, e depois, quando reencontrar uma das outras e descobrir quem é, terá de manter tudo a girar num círculo — até adquirirem o conhecimento. Terá de resolver com cada uma delas."

Sonho de 12/12/42, noite ou madrugada de 13/12/42

Estava sentado sozinho na sala da frente a jogar paciência, quando bateram à porta. Estava escuro lá fora, mas era ainda cedo.

Fui à porta e estava um senhor, que não reconheci, que me disse:

"Cayce, quero que venhas comigo a uma reunião esta noite!"

Primeiro disse: "Mas raramente saio à noite, e a minha esposa está aqui — deixá-la-ia sozinha!"

Mas ele insistiu, e fui. Ao sair, percebi que outra pessoa nos esperava na rua. Caminhámos em direção ao oceano e, ao chegar, continuámos a andar como se subíssemos no ar, até chegarmos a algo como uma grande tenda de circo.

Ele disse: "Vamos entrar aqui."

Ao abrir a lona, percebi pela primeira vez que os dois homens com quem caminhava eram os evangelistas Dwight L. Moody e Sam Jones.

Entrámos numa tenda circular enorme. Havia uma luz opalescente incomum no local.
Muitas figuras estavam lá, todas envoltas, vestidas da mesma forma.
Poucos eu reconhecia.

De um lado havia um grande ecrã, com algo semelhante a relâmpagos ao longe. Com os relâmpagos vinha um som — não de trovão, mas de vento — e, ainda assim, nada se mexia. E não havia forma no brilho — apenas uma nuvem muito bela.

Perguntei o que era, e disseram-me:
"O Senhor nosso Deus vai falar connosco!"

Então, uma voz clara e forte veio da nuvem e dos relâmpagos, dizendo:
"Quem avisará os meus filhos?"
Do meio da multidão, diante do trono, veio o Mestre, com vestes iguais às dos demais. Ele falou:

"Eu avisarei os meus irmãos."

A resposta veio:

"Não, o tempo ainda não está cumprido para o teu retorno. Mas quem avisará os meus filhos?"

Então, Moody disse:
"Porque não enviar Cayce? Ele está lá agora!"

Então o Mestre disse: "Pai, Cayce avisará os Meus irmãos." E todos nós ajudaremos; veio como um grande coro.

7/10/43 EC escreveu à Sra. [3361] que recentemente tivera novamente o mesmo sonho de 12/12/42, ou partes dele. "Com ele veio força, quando aparentemente não tinha forças para continuar. Ainda fico um pouco atordoado, cada vez que a certeza vem, e receoso — como tantos daqueles que foram abençoados pela Sua presença e transformaram o bem em fins egoístas, levando o seu povo ao pecado e ao esquecimento de Deus.

"Claro que acredito em sonhos, como tantos daqueles do passado que foram chamados a grandes missões — então, por que não acreditaria eu? Acredito no Deus que chamou Abraão, que falou com Moisés, Josué, Samuel, David, e no Deus a quem o nosso precioso Salvador orava, a quem ousadamente chamou 'Meu Pai e vosso Pai'. Portanto, o que me tem acontecido ultimamente é apenas uma certeza, não algo de que me possa vangloriar. Cabe-me a mim confiar nisso, e viver eu próprio a vida do Salvador.

"Por isso, reza comigo e por mim, para que eu possa caminhar apenas pelo caminho reto e estreito, e nunca apresentar nada que Jesus, o Cristo, não sancionasse em todos os momentos.

"Por favor, considera isto tão sagrado quanto eu o considero, não como algo para ser contado com o intuito de passar a ideia de que me sinto chamado por Deus acima dos outros, ou que tenho algum vínculo especial com as promessas de Deus. Pois estou certo de que todos são iguais aos Seus olhos."

Nota de GD: Numa versão do sonho, EC deu a desculpa de que não podia ir porque ainda não tinha preparado a lição da Escola Dominical para a manhã seguinte.
Noutra versão, o final era assim:

"A voz voltou a perguntar: 'Quem aquecerá o meu povo?' Então, ofereci-me audaciosamente, como se estivesse pronto para ser aceite. Do meio da multidão surgiu o Mestre, Jesus. Ele abençoou-me e disse: 'Irei contigo até ao fim.'
"Irreal, ilusório, poderão dizer. Mas deu-me uma força, uma humildade e, espero, uma bondade que antes não existiam.

"Não, isto não deve tornar-se uma religião, uma seita ou um culto — nunca! Tais experiências são apenas certezas para mim mesmo, não para serem contadas com outro propósito que não o de assegurar que Deus está atento aos filhos dos homens."

Leitura 294-161
(Q) GC: Primeiro, terça-feira de manhã, 19 de setembro — tenho uma cópia comigo. [Sonho não lido]: Vi-me, não como um ser físico, mas sabia que era parte da ordem completa das coisas. Contudo, era apenas um caracolzinho a rastejar pelo chão, e reconhecia que havia muitos outros caracóis também que eventualmente se tornariam seres humanos. Havia muitos seres humanos que eu não conhecia, mas sabia que apenas ocupavam corpos diferentes naquele momento.

Depois vi-me (como caracol) ser comido por algo que me ensinaram a temer ou a esperar ser destruído por.

Depois vi-me como um ser humano físico, com muitos outros que tinham sido caracóis comigo; e muitos daqueles que tinham sido humanos eram agora caracóis. Vi-me, enquanto ser humano, deixar o corpo físico com febre causada por ter comido algo infestado com larvas de caracol.

A seguir, reconheci-me como um peixe a nadar no oceano. Havia navios e barcos a navegar por cima de mim. Nessa altura, conseguia comunicar com outros peixes da mesma espécie. Vi poucos daqueles com quem me tinha associado como corpo físico. Vi muitos da minha espécie a serem apanhados em redes e anzóis usados pelos homens. Finalmente, fui apanhado numa rede, após seguir vários outros peixes como eu. Fomos levados numa rede enorme. Vi-me a ser preparado como alimento e fui perdendo gradualmente a consciência.

Novamente, tornei-me um ser físico, e associei-me a muitos mais indivíduos com quem já tinha convivido enquanto ser humano. Poucos deles tinham estado comigo enquanto peixe. Lidei com muito gado e soube que estava entre os cuidados de David, o rei de Israel; embora ele fosse pastor e não vaqueiro. Via-o frequentemente a cuidar das suas ovelhas: e estava a transformar-me numa vaca, sem saber como: apenas reconhecia que era uma vaca. Mais tarde tive a experiência de sentir as emoções de uma vaca-mãe, pois eu própria era mãe e tinha um vitelo. O vitelo assustou-se com o cão que David tinha consigo a guardar as

ovelhas, o que me perturbou (como vaca). Vi-o salvar o vitelo e trazê-lo de volta para que eu cuidasse dele, e sempre que via o cão, ficava furiosa com ele por ter tentado ferir o vitelo.

Depois percebi que era um cão; não sabia que tinha morrido ou mudado de vaca para cão; mas era um cão e guardava as ovelhas. Percebi então a diferença entre o cão e o sentimento de desconfiança que este geralmente tinha pelas vacas, e vi muitas vacas que tinham sido pessoas que eu conhecera.

Parecia ser um cão muito bom, pois acabei por ser levado para o circo, onde vi muitas pessoas que tinha conhecido antes como caracóis, peixes, vacas e seres humanos; e senti a euforia de ser considerado um cão notável e maravilhoso. Tinha um grande desejo de partilhar com todos a minha experiência, mas só conseguia comunicar na linguagem dos cães. Com o número de animais no circo, reconheci o sentimento que existe entre a família dos gatos e a dos cães.

Depois, ao executar um dos meus números, no qual tinha de passar por um arco, parti a perna; pois alguém — não intencionalmente — tinha deslocado a plataforma de onde devia saltar através do arco (o arco era feito de videira, pois o circo era de há muito tempo, nada parecido com os de hoje). Lembro-me distintamente de um homem pegar numa espada (mais parecida com uma lança) e espetá-la de lado no meu corpo, até ao coração, para acabar com o meu sofrimento; e agradeci-lhe por isso.

Novamente, era um homem, entre os que guardavam os portões de Roma. [Grécia? Ver 294-8 & 294-19 em relação a Troia] Via toda a luta, sendo guarda no portão. O meu companheiro do outro lado do portão (pois o portão abria-se pelo meio) reconheci como sendo quem hoje conheço como [5453], mas ele era fisicamente muito maior do que eu. Usava uma veste que hoje seria chamada de toga. As calças eram feitas de um tecido enrolado à volta do corpo, preso entre as pernas.

Depois, outro pedaço quadrado de tecido com um buraco para a cabeça caía pelos ombros. Fiz buracos para os braços nesse tecido, para poder passar os braços e não precisar de levantar a veste — método que depois foi adotado pela maioria do exército (ou do povo, pois não os reconhecia como exército). Vi a batalha entre Heitor e Aquiles, reconhecendo estes dois como as pessoas que hoje conheço como [5717] e [900].

Ambos eram belos de rosto. Tinham caracóis negros espessos na cabeça, que me faziam lembrar Medusa. O cabelo parecia ser a sua força. Notei que Aquiles era muito peludo, enquanto Heitor só tinha cabelo no pescoço — de cor diferente do cabelo da cabeça. Vi Heitor ser arrastado pelo portão que eu guardava, até uma grande arena; e foi arrastado várias vezes pelo chão da arena. Embora estivesse a perder, e tivesse perdido muito sangue — deixando o chão e as pedras manchadas de sangue ao ser arrastado — notei que não tinha perdido totalmente a consciência.

Eventualmente, os cavalos — ao virar bruscamente, com Aquiles a conduzir — fizeram com que a cabeça de Heitor batesse numa coluna ou no portão junto a mim, e o seu cérebro

espalhou-se. Antes mesmo de perder a vida, ou o tremor dos músculos e nervos, vi as aves de rapina a comer grandes porções do seu cérebro.

Novamente, desmaiei, por alguma razão, e estava no mundo invisível (fora das manifestações físicas). Procurava uma forma ou maneira de voltar à existência física, e tentava encontrar outros. Havia muitas almas perto de mim que tinham estado em corpos físicos, mas muito poucas que eu reconhecesse. Finalmente, encontrei alguém que tinha conhecido antes, e decidimos encarnar como uma ave-mãe — e fomos chocados por um pequeno carriça, como passarinhos minúsculos. Depois, quando crescemos, perto do mesmo lugar onde tínhamos nascido, construímos um ninho e tivemos uma ninhada de seis passarinhos; depois um velho gato apanhou-os. Ficámos profundamente angustiados, e jurámos vingança contra toda a família dos gatos.

Depois reconheci que me estava novamente a manifestar no mundo material como homem, muito ansioso por encontrar aquele que tinha estado comigo como passarinho na encarnação anterior. Parecia ser na época da descoberta da América por Colombo, porque estava entre o povo daquela terra quando Colombo chegou; então encontrei o indivíduo entre o grupo de Colombo que tinha sido o meu companheiro enquanto pássaro. Estávamos ansiosos por fazer a viagem de barco com os que tinham desembarcado, porque parecíamos ser os únicos capazes de comunicar com eles. Mas não nos foi permitido. Tentámos então regressar ao continente, desde a ilha. Veio uma tempestade, e afogámo-nos.

Depois, encarnei novamente como homem, ainda na América, na época da Guerra Civil. Sabia que havia uma guerra entre o norte e o sul, e que estava na zona ou perto do lugar onde nasci nesta vida atual. Observei a casa onde nasci agora, e as mudanças — havia mais florestas naquela época. Havia muito mais pessoas associadas a mim aqui que eu já conhecera como caracóis, peixes, vacas, gatos, cães e ovelhas — e estavam todos à minha volta. Parti para ver um dos exércitos onde muitos soldados estavam reunidos, à procura de alguém que eu tivesse conhecido nas várias manifestações.

Alguém disse-me que tivesse cuidado com os cães, gatos e vacas que encontraria no caminho. Ao atravessar a grande floresta, encontrei alguns de todos estes, e consegui falar a sua língua; reconheci-os como indivíduos que conheço hoje. Aqui acordei.

(A) EC: Sim, temos a mente investigadora, EC, presente nesta sala, e a experiência onírica vivida por este corpo.

Os sonhos, como foi indicado, têm naturezas diferentes; ou têm a sua origem em causas variadas. Nesta experiência ou visão em particular, pode-se observar a mente da entidade — ou mente da alma — a procurar, através das experiências variadas da entidade, o pensamento afim, apresentado de forma emblemática, no contacto da alma com aquela força única que se manifesta no mundo material; e que traz — com a atividade dessa força — uma condição simbólica dos atributos mentais da alma.

Assim, no desenvolvimento variado experienciado pelo corpo, podem observar-se todas as formas ou caracterizações do resultado de uma influência sobre essa força que o homem designa como sendo de uma única fonte, ou origem, a partir da qual todas as formas manifestadas podem surgir em atividade — como nas relações daquilo que se conhece como a primeira lei da natureza, a qual está, em termos terrenos, em oposição à lei espiritual. No entanto, conforme experienciado pelas cenas variadas da associação do homem com tais atividades, o resultado depende do que a alma do homem faz com aquilo que (a alma) conhece sobre as leis, ou a aplicação das leis, da ou em relação à causa primeira; ou quanto aos propósitos para os quais essa atividade se manifesta, e a posição relativa da atividade perante a consciência do homem quanto à força espiritual no mundo material.

Assim, a lição, ou aplicação, é que: A alma da entidade está a procurar, através disto, encontrar — por assim dizer — as formas de apresentar aquilo que pode tornar-se Verdade, Conhecimento, Intelecto, ou o impulso ou influência motriz nas experiências daqueles que possam receber instrução ou orientação por meio desses canais de associação no plano material atual.

Pronto para perguntas.

(Q) Isto deve ser apresentado em alguma obra literária?

(A) Isto destina-se à própria interpretação e esclarecimento da entidade, da alma, ou do corpo. Pois, como se vê na forma como determinadas associações foram procuradas, e o ambiente em que a atividade de uma força da alma procurou compreender as associações e o entendimento da influência motriz naquilo que é designado por Natureza, ou elementos, ou Vida nas suas formas variadas de manifestação — desde a mais baixa à mais elevada; e o paralelismo de muitos nas suas diversas expressões, bem como a busca dessas associações para os relacionamentos que trouxeram a compreensão dessas propagações nas atividades materiais do plano ou esfera terrena.

Relato da Leitura 294–161

Nota do Editor: O que se segue é um sonho não interpretado que foi registado neste relatório da Leitura 294–161.

16/2/1934, sexta-feira de manhã, depois das 2:00: Edgar Cayce teve o seguinte sonho: (24/5/1939 EC escreveu uma versão deste sonho à Sra. [1468])

Ia a caminho de um acampamento; tinha uma correia ao ombro com uma pequena caixa que me lembrava uma caixa de binóculos, mas eu sabia que levava uma mensagem que devia entregar ao comandante do exército para onde me dirigia. Era uma escalada difícil pela montanha. Cheguei ao acampamento muito cedo, ainda mal amanhecia. Ao descer para uma pequena ravina, sabia que havia um curso de água estreito — não mais largo do que um passo de pessoa — mas vi uma multidão de homens vestidos de branco; sapatos brancos, calças, casaco e capacete; cada um com duas correias sobre os ombros, uma delas com um

recipiente tipo cantil grande, e estavam em grupos de quatro, onde faziam uma fogueira com uma pequena frigideira sobre ela.

Faziam o fogo com algo que vertiam do cantil; parecia serradura, mas era vermelha, verde e castanha, e podia ser cortiça moída ou serradura. Do outro recipiente, vertiam algo na frigideira, e quando misturavam, parecia uma omelete, ou algo saboroso, embora eu não soubesse o quê. Não vi armas, pistolas, espadas nem nada do género, mas sabia que era um exército. Não conhecia ninguém, mas ao longo da ravina via as pessoas a preparar o pequeno-almoço em grupos de quatro. Perguntei onde estava o responsável. A sua tenda ficava mais acima ou abaixo na ravina. Ao longe via uma grande tenda branca.

Aqui e ali, alguém juntava-se a mim para me mostrar o caminho. Depois de algum tempo, cheguei a um ponto onde, à direita, havia outra pequena ravina que seguia nessa direção. Quando passávamos por ali (eu e os que vinham atrás de mim), ouvimos, no escuro, alguém a andar sobre os ramos; ouvíamos os ramos a partir-se, e parámos para escutar. Apareceu uma multidão vestida de escuro; não de pele escura, mas com roupas escuras; não pretas, mas cinzento-escuro, castanhos, e similares; todos os seus trajes eram escuros. Então surgiu um anjo de luz entre nós e o grupo escuro, impedindo-nos de os ver. A seguir, apareceu o anjo das trevas.

As figuras dos anjos eram muito maiores do que as nossas, como homens, mais altos, mais robustos; claro que o semblante era muito mais resplandecente. Quando surgiu o anjo das trevas, era escuro como o povo que liderava, mas muito maior. As suas asas eram parecidas com asas de morcego, e eu sabia que não eram nem penas nem apenas carne, mas o meio de se deslocar rapidamente onde quisesse. As asas pareciam ir dos rins até aos ombros, em vez de crescerem do corpo: tanto no anjo das trevas como no anjo da luz. O anjo da luz tinha asas semelhantes às de uma pomba, mas também a estender-se dos rins até aos ombros, deixando os braços e pernas livres.

O anjo das trevas insistiu que ele não devia impedir o caminho, mas exigiu que houvesse um combate entre alguém que ele escolheria e alguém que o anjo da luz escolheria. Então, entre os dois exércitos, abriu-se um espaço, como uma arena, e eu fui escolhido como aquele que enfrentaria os das hostes das trevas. E estávamos a lutar corpo a corpo. Sentia que ainda não tinha entregue a minha mensagem, e não sabia bem o que fazer quanto a isso; tinha esperado tanto tempo e ainda não lhes tinha dito ao que vinha, e perguntava-me porque me tinham escolhido a mim. Ainda sentia a correia e o pequeno embrulho: só tinha aquela mensagem e perguntava-me porque não tinha sentido fome, pois os outros pareciam ter de comer, mas eu apenas tinha a mensagem para entregar.

Então comecei a recear que a minha força me falhasse, que o demónio ou criança das trevas me derrubasse ao chão — seria algo terrível — mas sabia que, se conseguisse lembrar-me de uma palavra que ele não conseguisse dizer, venceria. Tentei, tentei recordar, mas não conseguia; não me lembrava do que estava escrito na mensagem que devia entregar.

Por fim, como se viesse do mais íntimo de mim, surgiram as palavras que proferi em voz alta: “E eis que Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo!” Quando disse isso, todos os das trevas recuaram, e ouviu-se um grande clamor que ecoou por toda a ravina, vindo do povo vestido de branco. E à medida que recuavam, o líder ou anjo das trevas (quando aquele com quem eu lutava caiu para trás) estendeu a mão esquerda e deu-me um golpe na anca esquerda.

Acordei nesse momento — e sentia uma dor terrível na anca.